



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS
CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB:
Línguas em Contato

Cristiane Batista do Nascimento

Brasília - DF
2010

Cristiane Batista do Nascimento

**Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB:
Línguas em Contato**

Dissertação apresentada ao Programa de Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Linguística, pela Universidade de Brasília

Orientadora: Professora Doutora Enilde Faulstich

Brasília
2010



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL
Correio Eletrônico: ppgl@unb.br

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Enilde Faulstich
(Presidente, UnB/LIP)

Professora Doutora Daniele Marcelle Grannier
(Membro efetivo, UnB/LIP)

Professora Doutora Sandra Patrícia de Faria do Nascimento
(Membro efetivo, SEEDF)

Professora Doutora Rozana Reigota Naves
(Membro suplente, UnB/LIP)

A Deus, toda honra, toda glória e
toda vitória!

A minha amada mãe, Itamar, pelo
amor e esforços sempre constantes.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pelo dom da vida, pelo amor e pela oportunidade de estudar.

A minha família, Ane, Jé, mãe e pai, pelo carinho, amor e incentivo. Amo vocês!

A professora Enilde, pela confiança, dedicação, conselhos e por compartilhar comigo os seus inestimáveis conhecimentos que são valiosos para toda vida.

Aos professores, Ana Suely, Aryon, Hildo Honório, Rozana Naves, Heloísa Salles, Antônio Augusto, Daniele Grannier, por compartilharem comigo toda competência e eficiência de vocês.

A professora Sandra Patrícia, pelo constante incentivo, suporte, amizade e conselhos.

A Anna Maria Salles, pelo amor, amizade, tempo e apoio mais que fundamental na realização desta pesquisa.

Ao Heveraldo do INES, por ter-me presenteado com os dicionários de Libras em CD-ROM, utilizados nesta pesquisa e ao Tiago Batista que gentilmente os enviou a mim.

Aos colegas, em especial, agradeço a Marcela Bravo que me ajudou na tradução das citações; a Michelle, Layane, Bruna Elisa, Vânia, Chandra, Maxwell, Alessandra, Gisele, Flávia, pela amizade e pelas trocas de conhecimentos.

Aos meus amigos do Programa de Apoio as Pessoas com Necessidades Especiais (PPNE), Jaqueline, José Roberto, Antônio, Larissa, Glaura, Mônica, Lorena e Joabe, Vânia, Amanda, Daniel, João Carlos, Nadje e Veryanne por todo apoio e amizade.

Ao Edimilson Barbosa, por toda amizade, carinho, incentivo, companheirismo e cuidado.

Aos meus alunos surdos do Letras Libras, em especial, Renata Cristina, por aceitar ser a modelo deste trabalho.

Ao PPGL e a todos os funcionários, em especial, a Renata de Carvalho Leite, pelo apoio, eficiência, paciência e gentileza.

Muito obrigada a todos!

SUMÁRIO

Agradecimentos	-----	
Sumário	-----	
Abreviações	-----	
Resumo	-----	
Abstract	-----	
INTRODUÇÃO	-----	10
1 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	-----	12
1.1 Introdução	-----	12
1.2 Breve apresentação da língua de sinais brasileira	-----	12
1.3 Propriedades que compõem os sinais	-----	14
1.4 Tema da dissertação e objeto de estudo	-----	18
1.5 Objetivos	-----	19
1.6 Empréstimos linguísticos e línguas em contato	-----	20
2 REVISÃO DE LITERATURA	-----	21
2.1 Introdução	-----	21
2.2 Conceituação de empréstimos linguísticos	-----	22
2.3 Tipologia dos empréstimos linguísticos	-----	23
2.4 Empréstimos nas línguas de sinais	-----	26
2.5 Tipologia de empréstimos do inglês, do francês e do urdu em diversas línguas de sinais	-----	34
2.5.1 Tipologia dos empréstimos na LSB	-----	40
3 DISCUSSÃO TEÓRICA	-----	50
3.1 Introdução	-----	50
3.1.1 Algumas reflexões sobre surdez e bilinguismo como motivação de contato	-----	50
3.2 Ecologia das línguas	-----	53
3.3 Contato de línguas e línguas de sinais	-----	55
3.3.1 Pidgins e crioulos	-----	58
3.3.2 A criouliização de língua de sinais	-----	61
4 METODOLOGIA	-----	65
4.1 Introdução	-----	65
4.2 Pressupostos metodológicos	-----	65
4.3 O motivo da recolha dos dados no dicionário eletrônico	-----	65
4.4 A fonte da recolha	-----	66
4.5 Os procedimentos da recolha e de análise preliminar dos dados	-----	69
4.6 Critérios para seleção e organização dos dados	-----	71
5 ANÁLISE DOS DADOS	-----	74
5.1 Introdução	-----	74
5.2 Delimitação da análise e do <i>corpus</i>	-----	74
5.3 Fundamentos para a análise dos dados	-----	75
5.4 Procedimentos para a análise	-----	75
5.5 Análise geral dos empréstimos transliterados	-----	76
5.6 Resultado da análise dos dados	-----	79

5.6.1 Classificação dos empréstimos transliterados-----	79
5.6.2 Tipos de mudanças identificadas nos empréstimos por transliteração a partir das oito mudanças identificadas por Battison em ASL -----	82
5.6.3 Adaptação fonológica das CMs dos empréstimos por transliteração -----	83
5.7 Breve análise dos empréstimos da configuração visual dos lábios, semânticos, estereotipados e cruzados-----	85
5.8 Tipologia dos empréstimos proposta por Carvalho aplicada à língua de sinais brasileira -----	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	91
REFERÊNCIAS-----	94
APÊNDICES-----	99
ANEXOS-----	108

SIGLAS E CONVENÇÕES USADAS

ASL – Língua de Sinais Americana
Auslan – Língua de Sinais Australiana
BSL – Língua de Sinais Britânica
CM – Configuração de mão
CMs – Configurações de mão
CVL – Configuração Visual dos Lábios
EFL – Ecologia Fundamental da Língua
ENM – Expressão não-manual
ENMs – Expressões não-manuais
IPSL – Língua de Sinais do Indo- Pasquistão
ISN – Idioma de Signos Nicaraguense
L1 – Primeira Língua
L2 – Segunda Língua
LGP – Língua Gestual Portuguesa
LIBRAS – Língua de Sinais Brasileira
LP – Língua Portuguesa
LSB – Língua de Sinais Brasileira
LSF – Língua de Sinais Francesa
LSKB – Língua de Sinais Kaapor Brasileira
LSN – Língua de Sinais Nicaraguense
LSQ – Língua de Sinais de Quebec
NZSL – Língua de Sinais da Nova Zelândia
Or – Orientação da palma da mão
PA – Ponto de articulação
PB – Português do Brasil

RESUMO

A presente dissertação trata dos empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa – LP – para a Língua de Sinais Brasileira – LSB –, também conhecida por Libras, sob a perspectiva do contato de línguas, causado pela situação de bilinguismo a que os surdos estão expostos. A LSB e a LP são línguas em constante contato e a coexistência espacial de línguas, geralmente, apresenta algumas consequências, seja de simples empréstimos até a mistura das línguas envolvidas. O objetivo da pesquisa foi descrever e analisar os empréstimos da LP para LSB, com foco nos empréstimos cuja origem é a escrita da LP, por meio do alfabeto datilológico da LSB, bem como verificar nesta língua as consequências do contato. Com base nos estudos de contato de línguas como pidgins, crioulos, bilinguismo, entre outros, analisa-se a possibilidade de a LSB se crioular pelo constante contato com a LP, tendo em vista que são línguas estruturalmente muito distintas – uma língua oral e uma língua espacial e visual.

Palavras-Chave: 1. Língua de Sinais 2. Libras 3. Empréstimos 4. Contato de línguas
5. Crioulização

ABSTRACT

The present work deals with loan words from the Portuguese Language – PL to the Brazilian Sign Language – LSB (also known as Libras) from the perspective of language contact enabled by the situation of bilingualism experienced by deaf people. Both LSB and PL are in constant contact and usually the spatial coexistence of languages has consequences, from a simple loan to the fusion of the languages involved. The aim of this research is to describe and analyze loan words from PL to LSB focusing on loans originated from written PL, through fingerspelling of the LSB. Also, this research intends to verify the consequences of this contact to LSB. Based on studies of language contact such as pidgins, creoles, bilingualism, among other studies, this work examines the possibility of LSB become creolized as a consequence of its constant contact with the PL, given that these languages have very different properties because of their different structures – one is an oral language and the other is sign language.

Key words: 1. Sign language 2. Libras 3. Loan words 4. Language contact 5. Creolization

INTRODUÇÃO

Os empréstimos da língua portuguesa (LP) para a língua de sinais brasileira (LSB) são fenômenos do contato linguístico. Apesar de serem línguas de modalidades diferentes, uma língua oral – LP –, e uma língua de sinais – LSB –, a LP tem doado itens lexicais para a LSB e motivado a construção de sinais. Existem diversos mecanismos encontrados na LSB para acomodar os empréstimos provenientes da LP. Os empréstimos foram descritos, classificados e analisados durante este estudo. Em especial, interessa a esta pesquisa os empréstimos que têm origem na escrita da LP por meio do alfabeto datilológico da LSB.

A coexistência espacial entre a LP e a LSB incita a pergunta central desta pesquisa que é: a LSB pode sofrer um processo de crioulização por causa dos empréstimos da LP como língua adstrato, doadora de léxico? Para responder a este questionamento, a dissertação foi dividida em cinco capítulos, para além da Introdução, Considerações Finais, Referências, Apêndices e Anexos.

No capítulo 1, apresenta-se a delimitação da pesquisa que se constitui de uma breve exposição da Língua de Sinais Brasileira, em seus aspectos sócio-políticos e linguísticos. Mostram-se também as propriedades que compõem os sinais, o tema da dissertação, objeto de estudo, objetivos e finaliza-se este capítulo com uma sucinta relação entre empréstimos e línguas em contato.

O capítulo 2 segue com a revisão de literatura dos empréstimos linguísticos em geral e com a tipologia dos empréstimos proposta por Carvalho (1989). Em seguida, mostram-se os empréstimos específicos nas línguas de sinais e os tipos de empréstimos em diversas línguas de sinais. Termina-se o capítulo com a tipologia dos empréstimos da LSB proposta por Faria (2009).

O capítulo 3 inicia-se com algumas reflexões sobre surdez e bilinguismo como motivação de contato, e em seguida, discutem-se questões teóricas sobre a ecologia das línguas, pidgins, crioulos e bilinguismo. Analisa-se a possibilidade de a LSB se crioulizar pelo contato permanente com a LP.

No capítulo 4, apresentam-se os pressupostos metodológicos, a obra lexicográfica, as características do *corpus*, critérios para recolha dos empréstimos, critérios para seleção, organização dos dados e análise preliminar dos empréstimos.

No capítulo 5, delimita-se ainda mais o *corpus* da pesquisa, listam-se os fundamentos para análise dos dados, sistematizam-se os procedimentos de análise, classificam-se os

empréstimos transliterados simples e mostram-se os resultados. A análise é concluída com a tipologia dos empréstimos proposta por Carvalho (1989), aplicada à LSB.

Para transcrição dos dados, utilizou-se o sistema de notação de palavras de Felipe (1989, 1990, 1991, 1992, 1998); as convenções usadas encontram-se no ANEXO. Este sistema de transcrição tem sido apresentado em publicações internacionais com algumas adaptações e criações para representar de forma mais acessível ao leitor leigo, pois está vinculado à língua oral.

CAPÍTULO 1 – DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

1.1 Introdução

Neste capítulo apresenta-se, em breve palavras, a Língua de Sinais Brasileira – LSB. Sobre esta língua são abordados, sucintamente, alguns componentes sócio-políticos por meio de documentos oficiais como a lei de LIBRAS¹ e o Decreto nº 5.626/05. Alguns aspectos da língua também compõem a apresentação, pois mostram como se dá o funcionamento do sistema. Apresentam-se, ainda, as propriedades que constituem um sinal/palavra em LSB. Segue-se a exposição dos objetivos aspirados nesta investigação, que dizem respeito às relações entre empréstimos linguísticos e línguas em contato, para, então, percorrer o caminho teórico que embasará esta pesquisa.

1.2 Breve apresentação da Língua de Sinais Brasileira

A Língua de Sinais Brasileira – LSB – é mais conhecida pelo acrônimo LIBRAS. A razão da preferência do uso da sigla LSB deve-se ao fato de que existe uma convenção internacional para que as línguas de sinais sejam representadas por meio de três letras. A outra observação é que o adjetivo “brasileira” deveria ser posto após a palavra “sinais”. Por esses motivos mencionados, adota-se a sigla no padrão internacional, apesar de a língua ter-se popularizado como LIBRAS.

No Brasil, a LSB é uma língua reconhecida oficialmente para o uso pela comunidade surda brasileira. A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, Lei de Libras, outorgou-lhe este *status*. Entretanto, o desconhecimento da língua é de grau muito elevado. Reportagens, entrevistas, jornais, pessoas com maior acesso a informações, que deveriam estar entre as primeiras a conhecer a LSB, continuam a se referir à língua como “linguagem de sinais”, “linguagem dos gestos”, o que é inadequado porque língua é um sistema com regras próprias em que se pode gerar infinitas sentenças e expressar quaisquer ideias, sejam concretas, sejam

¹ LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

abstratas, e linguagem é a capacidade de desenvolver comunicação, verbal ou não-verbal, existindo, desta forma, diversas formas de linguagem, servem de exemplos, linguagem matemática, linguagem dos animais, linguagem corporal e, por isso, o uso da palavra linguagem pode soar como um termo depreciativo à LSB, que é uma língua tão completa como as línguas orais.

Também é comum denominar os usuários desta língua como “surdos-mudos”. Entretanto, vale ressaltar que as pessoas surdas, usuárias da LSB, falam em língua de sinais, o que significa dizer que elas não são, por consequência, mudas². Isso mostra como existe uma necessidade genuína de divulgação da Língua de Sinais Brasileira e do sujeito surdo.

Outro documento oficial de extrema relevância é o Decreto 5.626, de dezembro de 2005, que regulamenta a lei mencionada anteriormente. Este documento estabelece determinações importantes a respeito da inclusão da LSB, como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores e profissionais da educação para exercer o magistério, nos âmbitos do nível médio e superior. A obrigatoriedade da disciplina de Libras, também abrange os cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino públicas e privadas. Nos demais cursos de educação superior e educação profissional, a LSB constitui-se como disciplina optativa.

Diversas são as mudanças políticas, sociais e linguísticas que precisam ser estimuladas para o cumprimento deste decreto. Incluem-se, entre as medidas, formação de professores surdos, tradutores/intérpretes da Língua de Sinais Brasileira e educação bilingue. Para que estes objetivos sejam alcançados, muitos paradigmas, mitos e preconceitos precisam ser vencidos.

A LSB é uma língua de modalidade espaço-visual, isto é, as relações entre os elementos dão-se por meio do uso do espaço, na sintaxe, na morfologia e na fonologia. O espaço de realização dos sinais pode ser representado pela figura 01. Contudo, há propostas que consideram este campo com uma delimitação ainda maior.

² O fato de muitas pessoas surdas não oralizarem está relacionado à falta de estímulo auditivo para desenvolver a fala. Assim, necessitam de terapias intensas com fonoaudiólogos para que possam desenvolver a fala de uma língua oral. É válido lembrar que esta prática da oralização não tem um histórico de sucesso entre os surdos. A pessoa só pode ser considerada muda se apresentar problemas no aparelho fonador, ou possuir problemas psicológicos que as impeçam de emitir som vocal.

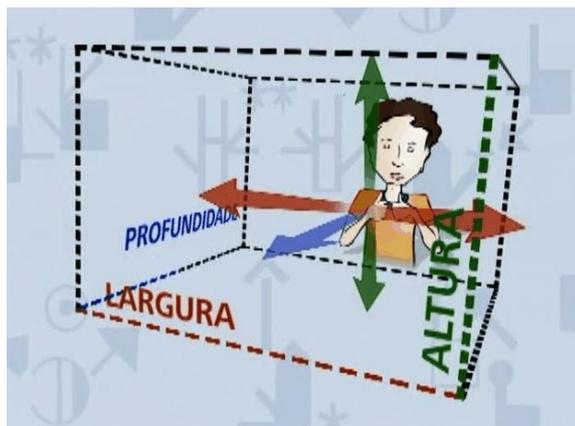


Figura 01³

Alguns leigos dizem que as línguas de sinais são, de certa forma, pobres, porque desconhecem a riqueza de cada uma, já que possuem regras como, por exemplo, o próprio uso do espaço, que precisa ser respeitado e apresenta uma complexidade digna de ser estudada profundamente. A LSB é visual, pois a recepção dá-se pelo canal da visão, distintamente das línguas orais, que produzem sons e o canal receptivo é a audição.

1.3 Propriedades que compõem os sinais

Na literatura sobre línguas de modalidade espaço-visual, o sinal é compreendido como equivalente à palavra da língua oral, como afirma, Gudschinsky (1964). “*Signs are comparable to words in oral languages [...]*”⁴, segundo Lane e Grosjean (1989, p.104).

Os sinais são compostos por cinco parâmetros: configuração de mão (CM), movimento (M), ponto de articulação (PA), orientação da palma da mão (Or) e expressões não-manuais (ENM), sendo, os três primeiros, considerados os mais importantes.

As configurações de mão (CMs) são as possíveis formas que as mãos adquirem na realização dos sinais. Pimenta e Quadros (2007) sistematizaram 61 configurações de mão em LSB (veja na figura 02). Algumas destas CMs são usadas para representar as letras do alfabeto de uma língua oral. A CM número 1 representa a letra “a” e a CM número 8 representa a letra “e”, porém, a grande maioria das CMs não representa letras da língua oral.

³ A figura 01 foi retirada do DVD da disciplina Libras III, do curso de Licenciatura em Letras – Libras na modalidade a distância da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

⁴ Tradução livre da pesquisadora: Os sinais são comparáveis às palavras em línguas orais.

Geralmente, as CMs apresentam-se associadas aos parâmetros: movimento, ponto de articulação, orientação da mão e expressões não-manuais.

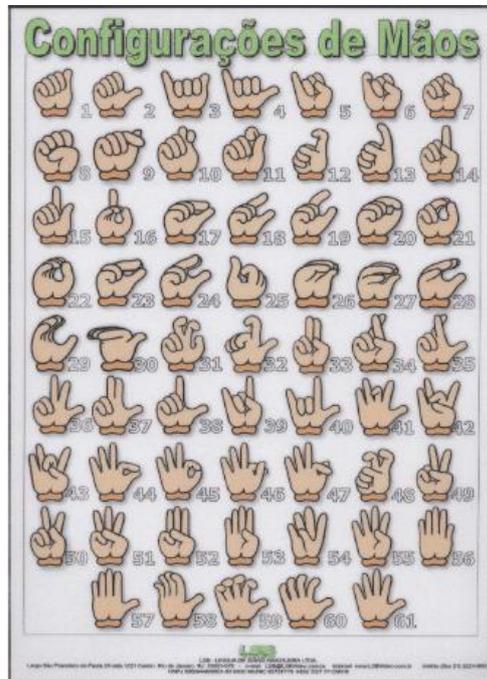
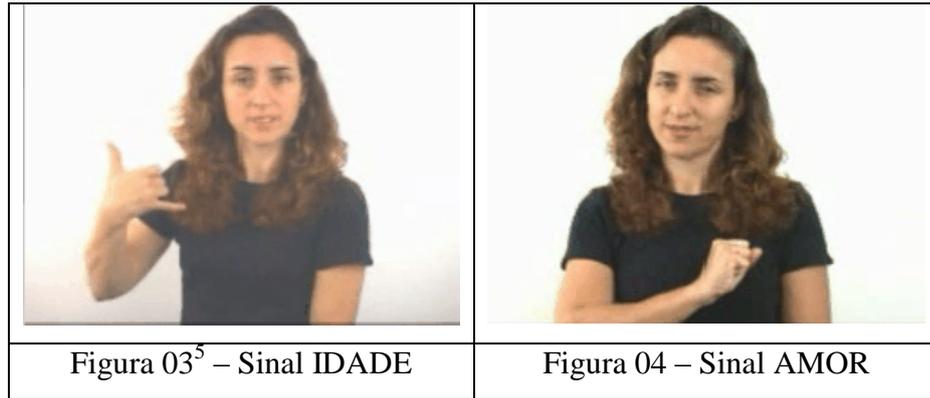


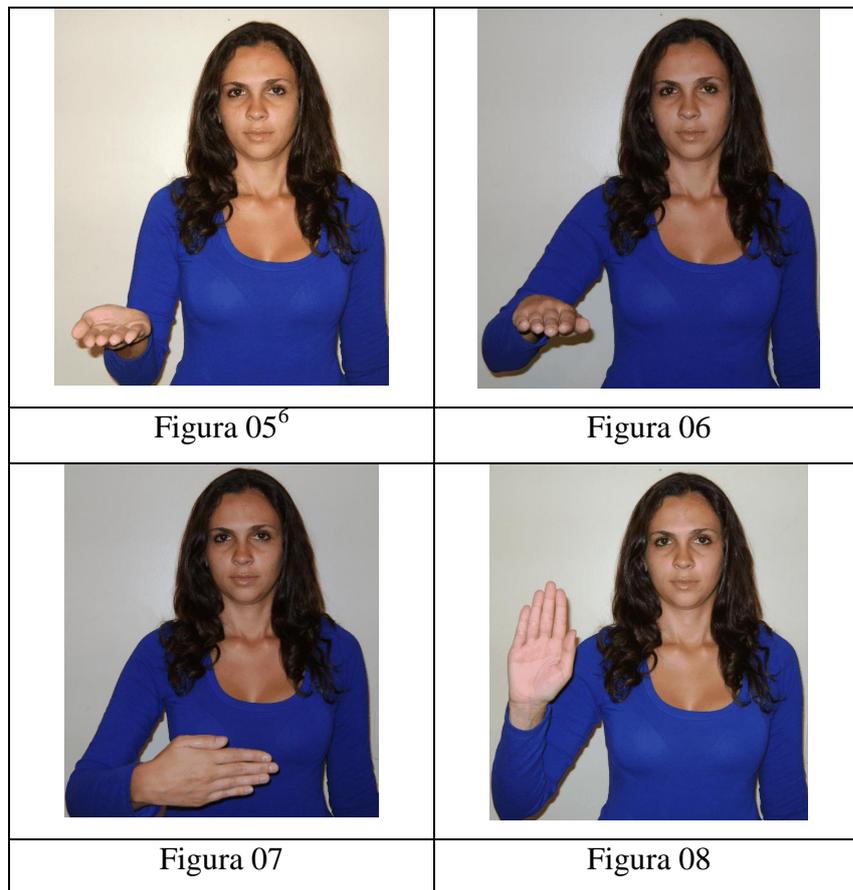
Figura 02 – Quadro de CMs da LSB, por Pimenta e Quadros (2006, p.73)

Os movimentos (Ms) que compõem os sinais são os mais diversos: movimentos de pulso, dos dedos, de abrir e fechar as mãos, direcionais e até sequência de movimentos em um mesmo sinal. Este parâmetro, assim como os demais, pode diferenciar pares mínimos. Os sinais DINÂMICA e DIDÁTICA se diferenciam, apenas, pelo movimento, as CMs e o ponto de articulação destes sinais são os mesmos. No primeiro, realiza-se o movimento circular em que as mãos, direita e esquerda, circulam uma pela outra, alternadamente. Já no sinal DIDÁTICA, realiza-se o movimento em que as pontas dos dedos da mão direita se colidem com as pontas dos dedos da esquerda, com exceção dos dedos indicadores. Este movimento de toque é realizado por duas vezes na execução do sinal. Logo, o que diferencia estes sinais é somente o movimento.

O ponto de articulação (PA) é o local de realização do sinal. Este pode se localizar em frente ao corpo ou na própria superfície do corpo. O PA pode estar localizado na cabeça, nos ombros, na cintura, enfim, em várias partes do corpo, ou próximas ao corpo. Por exemplo, o sinal IDADE (Figura 03) ocorre com o PA na altura do ombro aproximadamente. Já o sinal AMOR (Figura 04), realiza-se próximo ao coração.

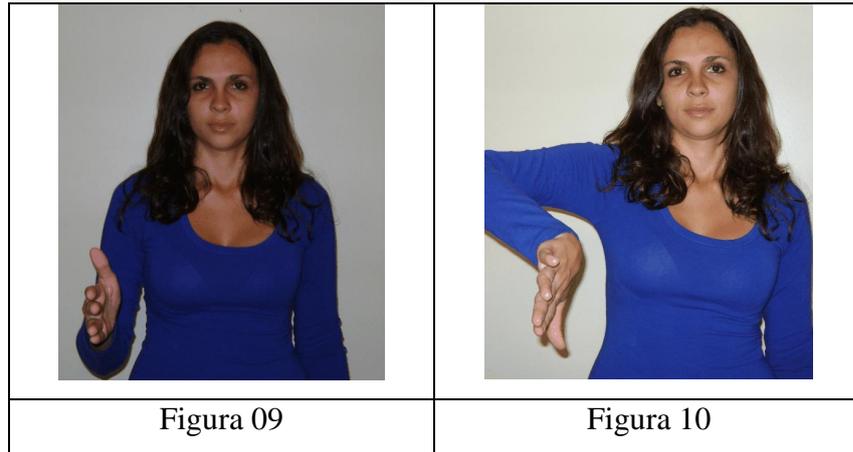


A orientação (Or) é um parâmetro sobre a disposição da palma da mão. A Or pode ser para cima (Figura 5), para baixo (Figura 6), para dentro (Figura 7), para fora (figura 8), em disposição contralateral (Figura 9) ou ipsilateral (Figura 10).



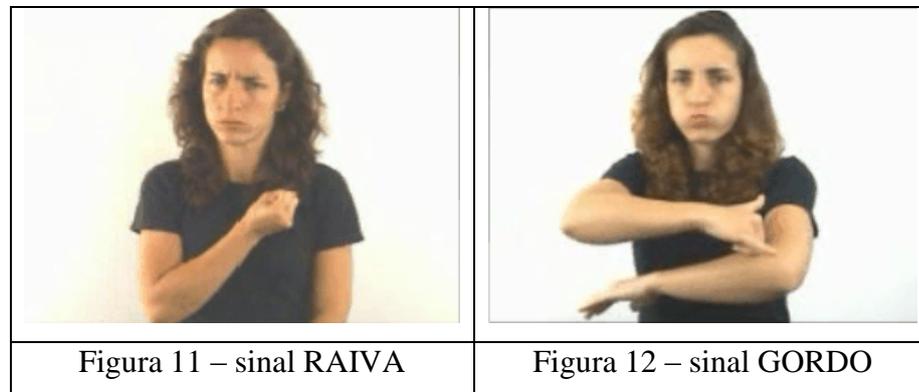
⁵ As fotos foram retiradas do dicionário da Língua Brasileira de Sinais, versão 2.0 de 2006, fonte lexicográfica desta pesquisa.

⁶ A modelo das fotos desta dissertação é a surda Renata Cristina Fonseca de Rezende.



Figuras 05 a 10 – Orientações de mão baseadas em Quadros e Karnopp (2004, p.60)

O último parâmetro é o das expressões não-manuais (ENM), que podem ter funções gramaticais na LSB. As ENMs podem movimentar as bochechas, os olhos, a cabeça, as sobrancelhas, o nariz, os lábios, a língua e o tronco. No sinal RAIVA (Figura 11), por exemplo, franzem-se as sobrancelhas e no sinal GORDO, as bochechas são infladas (Figura 12).



Neste trabalho, as CMs têm grande importância, pois, a partir dessas, serão identificadas a maior parte dos empréstimos da LP na LSB, por meio do alfabeto manual, também conhecido como alfabeto datilológico. O quadro 01 mostra o alfabeto datilológico da LSB.



Quadro 01 ⁷ - Alfabeto datilológico da LSB

Após esta breve apresentação da LSB e das propriedades que compõem os sinais, apresentar-se-á o tema da dissertação e o objeto de estudo que estão intrinsecamente relacionados ao parâmetro da CM para identificar e analisar os sinais emprestados.

1.4 Tema da dissertação e objeto de estudo

O tema desta pesquisa é o estudo dos empréstimos linguísticos do português na Língua de Sinais Brasileira (LSB): línguas em contato. É uma pesquisa desenvolvida na área da lexicologia sob a perspectiva do contato entre o português e a LSB.

Os empréstimos para as línguas de sinais geralmente utilizam-se da escrita para fazer a importação de novas palavras. Neste caso, as configurações de mão da LSB são associadas ao registro gráfico das letras da Língua Portuguesa.

Em especial, 21 configurações de mão interessam nesta pesquisa. Estas são as CMs que correspondem às 26 letras do alfabeto da língua portuguesa. As letras “k”, “p” e “h” possuem a mesma CM, o que diferencia estes três sinais é o movimento específico de cada um

⁷ A fonte deste alfabeto datilológico é desconhecida.

ou a ausência de movimento da letra “p”, as letras “i” e “j” apresentam a mesma CM e também se distinguem pelo movimento, a letra “i” não possui movimento, já a letra “j” movimenta a mão como se desenhasse a letra “j” no ar. Também possuem a mesma CM, os sinais para as letras “g”, “q” e “z”. Entretanto, g e q se diferenciam pela Or; “g” possui a disposição da palma da mão para fora e o dedo indicado para cima; a letra “q” possui a disposição da palma da mão para dentro e o dedo indicador apontando para baixo. A letra “z” se diferencia da letra “g” somente por ter um movimento que desenha a letra “z” no ar. Mesmo as letras “k”, “y” e “w” que haviam sido excluídas da grafia da Língua Portuguesa e que, com o novo acordo ortográfico, voltaram a fazer parte do sistema ortográfico da LP, são importantes para a análise de sinais emprestados.

Algumas outras configurações de mão também são relevantes neste estudo, porque quando ocorre a lexicalização de um sinal digitado, parcial ou totalmente, pode haver uma adaptação fonológica, que acarreta uma pequena mudança na configuração de mão acaba por disfarçar a importação lexical advinda da língua oral.

Durante a pesquisa, procurou-se analisar os empréstimos que apresentaram marcas e evidências do contato da LSB com a LP.

1.5 Objetivos

O que se procura constatar neste estudo é se o intenso contato entre a LP e a LSB, apesar da diferença de modalidades, oral-auditiva (LP) e espaço-visual (LSB), pode influenciar a mistura do português com a LSB, semelhantemente ao que ocorre com as línguas orais em situações de contato.

Almeja-se, para esse fim, analisar os itens lexicais emprestados da LP para LSB, identificar as características desses sinais importados, classificar os tipos de sinais emprestados e descrever os tipos de adaptações que ocorrem na passagem da língua oral para a língua de sinais, tendo em vista que o léxico do português é muito distinto do da língua receptora.

1.6 Empréstimos linguísticos e línguas em contato

Geralmente, os empréstimos lexicais são os primeiros a se manifestarem em línguas que estão em contato. Em especial, os substantivos cuja facilidade de acomodação em um língua receptora é notável. Mesmo línguas distantes, que não têm contato físico, não dividem o mesmo espaço físico, podem adotar itens lexicais umas das outras.

Pesquisas na Língua de Sinais Americana (ASL) têm evidenciado diversas afinidades entre as línguas de sinais e as línguas crioulas porque apesar de serem línguas de modalidades diferentes podem apresentar diversas semelhanças nas estruturas linguísticas e muitos dos ambientes sociais em que as línguas de sinais e as línguas crioulas convivem apresentam surpreendentes paralelos. Por isso, os estudos sobre línguas crioulas subsidiarão a presente dissertação, fornecendo o embasamento teórico para identificar uma possível crioulização ou mixagem da LSB, ocasionada pelos empréstimos linguísticos da LP.

As pesquisas sobre empréstimos em LSB, até o presente momento, têm sido descritivas. Neste estudo, deseja-se não apenas salientar as propriedades descritivas do fenômeno empréstimo, como também, analisar os efeitos sobre a LSB pela permanente situação de contato com o português.

CAPÍTULO 2 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Introdução

Os empréstimos linguísticos podem ser decorrentes do contato de línguas, seja físico, coexistência espacial, seja cultural, acesso a livros estrangeiros, filmes, relações comerciais, enfim importação de produtos e cultura. Todas as línguas tomam palavras emprestadas de outras, com menos ou mais intensidade. Há línguas, como o francês, que controlam a entrada de itens lexicais, conseqüentemente de empréstimos. Correia (2003, p.1) mostra esta realidade quando fala das dificuldades em preservar a língua francesa no Quebec. Existem também línguas como o inglês que abarcam um grande vocabulário importado. A língua portuguesa, especialmente a falada no Brasil (PB), possui um repertório de palavras advindas de diversas línguas, como as indígenas, as africanas, a italiana, a árabe, a alemã e a inglesa. Esta última, em especial, com influências no léxico especializado, na terminologia, relativa à ciência e a tecnologia. Como mencionado por Carvalho (2009, p. 45), também existem sistemas linguísticos xenófobos, como o checo.

As importações linguísticas, por vezes, podem ser recebidas por algumas culturas como ameaças à identidade de um povo, de nações, ou de comunidades. Os empréstimos podem ser interpretados, em determinadas culturas, como subordinação a outra cultura ou a um poder político. É de conhecimento, até mesmo do senso comum, que algumas resistências a empréstimos estão exatamente ligadas a questões culturais e políticas, já que a resistência pode ser uma maneira de um povo se autoafirmar ou fortalecer uma etnia. Por outro lado, existem os puristas que consideram a entrada de elementos estrangeiros uma forma de degradar a “pureza” da língua.

A aceitação ou não dos empréstimos de outras línguas pode estar ligada a questões políticas, culturais, sentimentos nacionalistas ou de identidade com determinado grupo ou comunidade, *status* social e até por motivos de afinidades pessoais. Neste último caso, por exemplo, existem pessoas que têm aversão ao inglês e não conseguem aprender nem gostar de nada proveniente desta língua, sendo, portanto, uma característica de resistência pessoal. Entretanto, as línguas são sistemas vivos e não podem ser “amordaçadas”. Faulstich argumenta a favor da dinamicidade das línguas quando afirma:

A lei da conservação não se aplica no domínio da ecologia das línguas. Contrariamente aos recursos naturais, a vitalidade de uma língua depende de sua utilização efetiva, tanto em escala nacional quanto em escala mundial. Quanto mais uma língua é utilizada, mais ela é viva, e inversamente, quanto menos ela é utilizada, mais ela é ameaçada de extinção. Portanto, é seu uso social que determina seu grau de utilização. (FAULSTICH, 1997, p. 3)

O termo empréstimo, *borrowing* em inglês, tem sido discutido por diversos linguistas que julgam esta denominação como inadequada. Por isso, há literaturas que oferecem outros termos alternativos para denominar este mesmo fenômeno. Cópia lexical é uma dessas terminologias opcionais sugerida pelo linguista William Thurston (1987), como mencionado por Crowley (1997, p. 240). NEWMARK (1981, *apud* AUBERT, 2003, p. 29) usa o termo transferência; já importação é a terminologia usada por Correia e Lemos (2005, p. 52), entre outros.

De acordo com Rebelo-de-Andrade (1995), segundo Correia (2004, p.101), também adepta do termo importação, a denominação empréstimo não é adequada a este processo de compartilhamento linguístico, pois, ao se emprestar, pressupõe-se uma devolução, o que naturalmente não ocorre. A língua se apropria da(s) palavra(s) de outra – língua receptora – e não as devolve para a língua que a emprestou, ou seja, para a língua fonte.

Tendo em vista a diversidade terminológica para denominar o mesmo fenômeno, adota-se, neste trabalho, o termo empréstimo. Embora não seja de preocupação desta pesquisa discussões sobre a terminologia mais adequada para este evento linguístico. Ocasionalmente, importação, transferência e cópia lexical poderão ser concebidas como sinônimas do termo empréstimo.

O empréstimo pode ou não sofrer alteração na sua forma original. Geralmente, a palavra emprestada sofre adaptação fonológica. Dependendo da intensidade das trocas linguísticas, as línguas envolvidas podem ter mudanças estruturais que poderão acarretar uma mistura de códigos.

Enfim, os empréstimos são necessários para preencher lacunas lexicais de uma língua receptora, enriquecendo, assim, seu vocabulário. São transferências aceitas por uma língua para denominar e apropriar-se de novos conceitos, ou por necessidade de interação social.

2.2 Conceituação de empréstimos linguísticos

Na literatura sobre empréstimos linguísticos há diversas definições para tal fenômeno. Seguem-se algumas das acepções dos eventos de adoção de elementos externos.

Bloomfield (1961, p.37) concebe o empréstimo como “*a adoção de traços linguísticos diversos daqueles pertencentes ao sistema tradicional*”

Haugen (1972, p.82) considera os empréstimos como um processo que envolve a reprodução de um modelo, e qualquer tentativa de análise deve levar em conta o padrão original, ou seja, o modelo imitado. As incorporações apresentam-se como transferências completas ou podem simplesmente influenciar as palavras nativas da língua receptora.

Weinreich (1974, p.1) usa o termo interferência para explicitar o rearranjo dos padrões resultantes da introdução de elementos estrangeiros nos domínios mais estruturados da língua, como no sistema fonético, em grande parte da morfologia e na sintaxe, bem como em algumas áreas do vocabulário. Para ele, falar de empréstimo seria uma excessiva simplificação.

Herman Paul (1966, p.409) considera o empréstimo uma consequência do contato entre as línguas. Este neogramático denomina empréstimo de cruzamento de língua e o define como:

- influência de uma língua sobre outra, com ou sem afinidade de origem;
- influência entre dialetos em uma mesma área linguística;
- adoção de fenômenos anteriormente usados numa mesma língua.

Newmark (1981), segundo Aubert (2003, p.29) entende a transferência como a introdução de material textual da Língua Fonte (LF) no texto da Língua Meta (LM) e Machabée (1995, p.49) afirma ser o empréstimo normalmente definido como uma cópia pela L1 de um modelo da L2.

Portanto, empréstimos linguísticos são incorporações de determinados elementos de uma língua em outra ou de uma variedade para outra. É assim que o define Thomason e Kaufman (1988, p.37) “O empréstimo é a incorporação de aspectos estrangeiros na língua nativa de um grupo por um falante dessa língua: a língua nativa é mantida, mas se altera pelo acréscimo dos traços (características) incorporados.”⁸

⁸“Borrowing is the incorporation of foreign features into a group’s native language by speaker of that language: the native language is maintained but is changed by the addition of the incorporated features” Traduzido por Marcela Bravo Esteves.

2.3 Tipologia dos empréstimos linguísticos

Os empréstimos linguísticos podem ser classificados das mais variadas formas, dependendo do recorte a que a análise se propõe. Carvalho (1989, p.52) sistematizou a tipologia dos empréstimos da seguinte forma:

- I. Quanto à origem: íntimo, dialetal ou externo;
- II. Segundo a fase de adoção: estrangeirismo, empréstimo ou xenismo;
- III. Segundo a forma de derivação: direto ou indireto;
- IV. Segundo a forma de adoção: calque, adaptação ou incorporação;
- V. Segundo sua função, intenção ou necessidade de uso: conotativo ou denotativo.

Para a autora, o empréstimo íntimo é ocasionado pela convivência de duas línguas em um mesmo território. Este tipo de importação se evidencia pelo domínio de uma língua sobre outra. O dialetal ocorre entre variantes de uma mesma língua, variantes regionais, sociais e palavras de áreas de especialidades, jargões e termos técnicos. E o empréstimo externo ou cultural pode ser resultado de contatos políticos, sociais, comerciais e até militares de diferentes povos. Estes três tipos de empréstimos têm grande importância na contribuição da inovação vocabular, pois, em sua maioria, são importações lexicais, ou seja, mais abertas a mudanças. Por isso, geralmente os empréstimos são substantivos e adjetivos e não verbos; estes são importações menos frequentes.

De acordo com a fase de adoção, os empréstimos são divididos em estrangeirismo, empréstimo e xenismo. As adaptações são necessárias para que os vocábulos sejam integrados aos sistemas linguísticos não vernaculares.

O Estrangeirismo é classificado, de acordo com sua origem, em anglicismo, galicismo, latinismo, italianismo, arabismo, espanholismo, entre outros. Os elementos não são incorporados ao sistema, o uso é mais individualizado.

O empréstimo é tomado por uma língua e visto como elemento nativo dentro da mesma. Sebba (1997, p.11) julga ser o empréstimo mais semelhante à aprovação ou naturalização dos itens externos. Os empréstimos podem ser híbridos, quando são formados por elementos de línguas diferentes. No caso, as palavras são incorporadas à língua, podem sofrer os processos morfológicos como uma palavra nativa, e ganham uma aparência tão familiar ao sistema importador que os falantes nativos podem nem desconfiar da origem

estrangeira. Carvalho (1989, p.42) confirma dizendo: “os empréstimos pressupõem uma interpretação e uma adaptação à estrutura da língua importadora”. As adaptações podem ser gráficas, fonológicas, morfológicas e sintáticas. O empréstimo torna-se, então, um elemento da língua, porque se socializa. A frequência no uso de determinada palavra importada determinará se a palavra é um empréstimo, com uso socializado, ou apenas um estrangeirismo, com uso, de certa forma, individualizado.

No xenismo, a palavra é adotada pela língua importadora, contudo permanece como elemento estrangeiro, por exemplo, nomes próprios, como Margot ou nome de lugares como Washington, Houston, são exemplos de xenismos, mencionados em Carvalho (1989, p.44). Apesar de serem frequentemente usados na língua portuguesa, essas palavras continuam com aparência estrangeira.

Quanto à forma de derivação, os empréstimos podem ser diretos ou indiretos. Esta classificação apenas explicita se o empréstimo apresenta forma da língua de origem ou se já passou por outra língua antes de ser importada. Com isso, o empréstimo direto deriva de uma língua fonte e o indireto tem outra língua como intermediária.

Segundo a forma de adoção, o processo de adaptação dos empréstimos produz os seguintes tipos: calque, adaptação e incorporação. No entanto, a língua importadora tem resistências principalmente de ordem fonéticas. Nesse caso, o calque, ou tradução literal, é um mecanismo usado para vencer a resistência, pois muda a forma, mas mantém o significado. Loubier (2003, p.27) afirma ser o calque, antes de tudo, um empréstimo semântico. Serve de exemplo a palavra cachorro-quente da LP, decalque de *hot-dog* do inglês. Esta mesma palavra no francês de Quebec é chamada de *chien chaud*, *chien* significa cachorro e a *chaud* significa quente, o que demonstra que o significado, nos exemplos citados, mantém a origem inglesa. Este tipo de empréstimo não é facilmente identificável, tampouco é o processo mais comum de importação. A importação por calque é tão eficiente para disfarçar a origem alógena que falantes nativos podem não perceber a verdadeira origem da palavra tomada por empréstimo.

A adaptação de palavras estrangeiras à língua receptora pode ser fonética, morfológica e ortográfica. Para ilustrar a adaptação fonética, serve de exemplo a palavra “internet” emprestada da língua inglesa, entretanto, no Português do Brasil (PB) as sílabas são fechadas por vogais. Por isso, para ajustar esta palavra à língua receptora, a sílaba deve terminar por uma vogal fonética “e” ou “i”, mesmo que não seja evidenciada na ortografia, adequando-se ao padrão silábico da LP do Brasil.

Na adaptação morfológica, as palavras emprestadas são tidas como radicais que podem servir de base para derivações e composições dentro da língua receptora. Com relação

à ortografia, as palavras estrangeiras são adaptadas à escrita da língua portuguesa na incorporação, a palavra sofre apenas adaptação fonética, a forma escrita permanece fiel à língua fonte.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso, os empréstimos podem ser denotativo ou conotativo. O primeiro tem função referencial e introduz um objeto ou conceito novo em uma cultura, de acordo com a cultura exportadora. O conotativo tem função expressiva como um recurso estilístico.

2.4 Empréstimos nas línguas de sinais

Os empréstimos nas Línguas de Sinais – LS – podem ser adotados de outra língua de modalidade espaço-visual ou de uma língua oral. Entretanto, ainda sabe-se pouco sobre os empréstimos de uma Língua de Sinais para outra. Atualmente, os empréstimos entre as LS têm ocorrido pelas interações em congressos e seminários internacionais. Um exemplo disso é a nomenclatura de países em Línguas de Sinais. A Língua de Sinais Americana – ASL – tem um sinal para AUSTRÁLIA⁹, mas tem usado o sinal de Austrália emprestado da Língua de Sinais Australiana – Auslan –, como pode ser observado na figura 13. Outro exemplo é o sinal de PORTUGAL que a LSB tem tomado emprestado da Língua Gestual Portuguesa – LGP, após contato com membros da comunidade surda portuguesa.

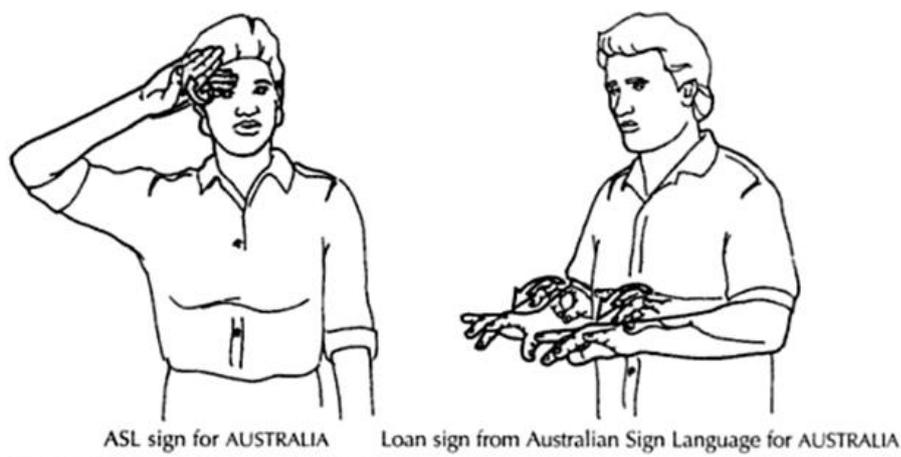


Figura 13 – Sinal de AUSTRÁLIA, por Valli e Lucas (2000, p.69)

⁹ No sistema de notação para transcrição de dados, os sinais das línguas de sinais são apresentados por palavras da LP, do inglês, ou de outras línguas orais com letra maiúscula. As convenções do sistema de transcrição utilizadas nesta pesquisa estão disponíveis no ANEXO.



Figura 14 – Sinal de PORTUGAL

Também se podem mencionar os empréstimos que se efetivam dentro da própria Língua de Sinais entre as variantes regionais. A LSB passa por um momento único, em que todas as regiões do país estão interligadas pelo curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras, modalidade a distância, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que conta com 18 polos, atualmente sediados em 15 universidades, em um Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) no Rio Grande do Norte, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFGO) e no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Esta diversidade permite uma grande interação entre as variantes regionais e produz um ambiente favorável ao intercâmbio e adoção de empréstimos nacionais entre as mais diversas variedades da LSB.

Entretanto, a maioria dos empréstimos linguísticos que entram na língua de sinais advêm de uma língua oral. Esta importação tem uma peculiaridade na adaptação fonológica, porque o empréstimo de uma língua oral para uma língua tipicamente de sinais ocorre, principalmente, a partir da escrita da língua de modalidade oral-auditiva para essa de modalidade espaço-visual. Por tratar-se de modalidades diferentes, as palavras importadas de uma língua oral apresentam especificidades ao entrarem nas línguas de sinais, na forma de datilologia. A datilologia em Língua de Sinais (LS) pode ser comparada à soletração em línguas orais. Faz-se a correspondência de uma letra da grafia de uma língua oral com uma configuração de mão (CM) de uma língua de sinais, às vezes acrescida de movimento, como ocorre na LSB com as CMs Ç, H, J, K, X, Y e Z.

O alfabeto manual, geralmente, varia de uma língua de sinais para outra, como ilustrado por Quadros e Pimenta (2006) na figura 15. Há línguas como a LSB, como a Língua de Sinais Francesa (LSF) e a Língua de Sinais do México (LSM), que servem-se apenas de

uma mão para realização do alfabeto. Estes alfabetos datilológicos são denominados de unimanuais, pois são produzidos apenas com uma das mãos, seja a direita ou a esquerda.

Diferentemente, o alfabeto datilológico bimanual utiliza as duas mãos para representar as letras de uma língua oral. Neste tipo de alfabeto, há uma mão passiva – geralmente a esquerda –, e uma mão ativa, que quase sempre é a direita. Entre as línguas que se utilizam das duas mãos simultaneamente para a produção datilológica estão a Língua de Sinais da Inglaterra (BSL), a língua de sinais da África do Sul e da Nova Zelândia.

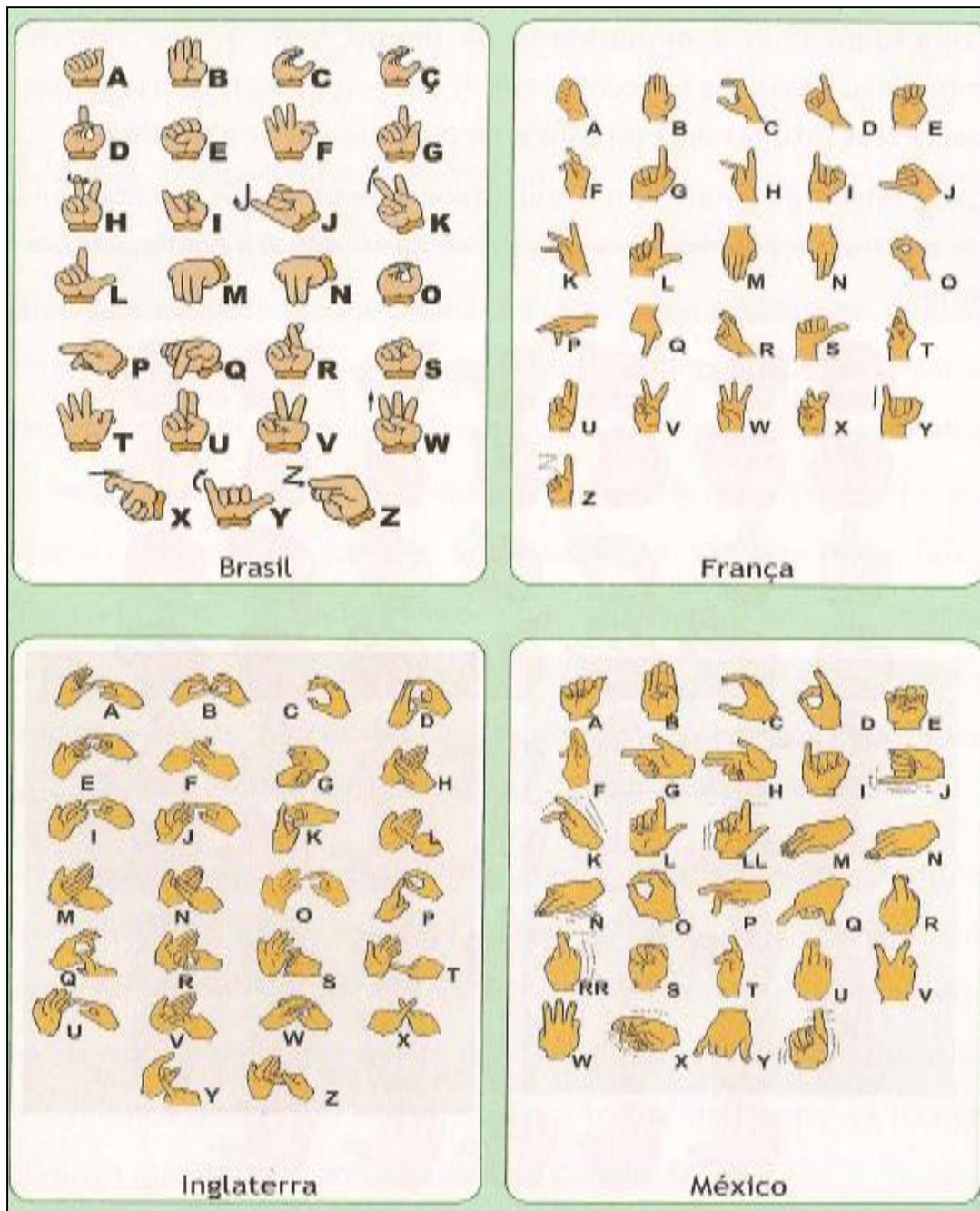


Figura 15 – Alfabetos datilológicos de diversas LS por Quadros e Pimenta (2006, p. 64)

A soletração manual¹⁰ tem sido um canal produtivo para empréstimos entre línguas orais e línguas de sinais. Battison (2000, p.209) ilustrou o espaço de realização da datilologia nas línguas de sinais.



Figura 16 – Espaço de realização da datilologia por Battison (2000, p. 209)

Como ilustrado na figura 16, o espaço de realização da datilologia é representado pelo círculo pontilhado menor, acima da altura do ombro até um pouco mais abaixo do peitoral. É válido ressaltar que o espaço de datilologia representado acima ocorre com a mão direita sendo ativa. Entretanto, pessoas canhotas, geralmente, realizam a datilologia com a mão esquerda, desta forma, o espaço de datilologia passa ser o lado esquerdo.

A datilologia ou soletração manual ganha movimentos fluidos nas línguas de sinais, adaptando-se o empréstimo à fonologia da língua importadora, o que pode camuflar a origem estrangeira e torná-los tão nativos quanto os sinais originários de dentro da própria língua de sinais. Acerca da soletração manual Wilcox afirma:

A datilologia é mais do que uma sequência canônica de configurações de mão, já que os movimentos articulatórios que formam uma palavra digitada são mutuamente influenciados. A coarticulação que se repete e que acontece de forma antecipada afeta a real configuração das palavras digitadas, por meio da datilologia, gerando uma transição fluida entre as letras. (WILCOX (1992) *apud* WILCOX e MORFORD (2007, p. 172)¹¹

Segundo Padden (1998), citada por Quadros e Karnopp (2004, p.92), “O que é único nas línguas de sinais é que o vocabulário estrangeiro entra na língua via um sistema que

¹⁰ O termo datilologia pode ser empregado ao longo do texto como soletração, digitação e transliteração.

¹¹ Fingerspelling is more than a sequence of canonical handshape configurations, since the articulatory movements within the fingerspelled word influence each other. Perseverative and anticipatory coarticulation affects the actual shaping of fingerspelled words, creating a fluid transition between letters. Traduzido por Marcela Bravo Esteves.

representa a ortografia de uma língua estrangeira.”

Em grande parte, a afirmação acima está correta, entretanto, há empréstimos nas línguas de sinais em que a configuração dos lábios imita a articulação da palavra da língua oral em que está imersa; isso acontece na LS do Brasil, por exemplo. Essa forma de realizar o empréstimo é frequente, inclusive na Língua de Sinais Britânica – BSL. Nesse caso, o inglês falado pode ser usado dentro do sistema linguístico para desfazer a ambiguidade de unidades lexicais semelhantes, como identificado por Sutton-Spence e Woll (1999, p.81).

Contudo, entre os tipos de empréstimos, os mais estudados nas línguas de sinais são os que originam-se da escrita de uma língua oral. O sinal SUL, figura 17, é um exemplo de empréstimo do português para a LSB, a partir do sistema ortográfico. Respectivamente, temos as CMs “S”, “U” e “L” que correspondem às letras “s”, “u” e “l” da grafia da LP.



Figura 17 – Sinal de SUL por Capovilla e Raphael (2001, p. 1217)

Muitos podem se perguntar por que os empréstimos ocorrem mais frequentemente entre uma língua de sinais e uma língua oral, e não de uma língua de sinais para outra língua de sinais que são de mesma modalidade espaço-visual. Esta resposta é simples, como bem observou Sutton-Spence e Woll sobre empréstimos na Língua de Sinais Britânica – BSL:

[...] Na BSL, o inglês é a língua com maior número de doações, não outras línguas de sinais. Isso ocorre porque todas as línguas realizam empréstimos principalmente da língua com a qual mantêm maior um contato. Os sinalizantes (ou usuários de sinais) britânicos têm mais contato com o inglês, portanto adquirem mais empréstimos do inglês.” (SUTTON-SPENCE e WOLL 1999, p. 216).¹²

Ressalta-se, mais uma vez, que a importação de uma língua oral para uma língua de sinais obrigatoriamente é acompanhada de mudanças de natureza fonológica. Da mesma forma que uma palavra emprestada passa para outra língua com pronúncia diferente, as

¹² [...] For BSL, English is the major donor language, not other sign languages. This is because all languages borrow most from the language they have most contact with. British signers have most contact with English, so they borrow from English. Traduzido por Marcela Bravo Esteves.

línguas de sinais dão sua “pronúncia” própria aos sinais emprestados. Baker-Shenk e Cokely (1991) comentam sobre a adaptação das palavras do inglês para a ASL.

... Assim como os empréstimos de palavras faladas frequentemente são feitos de outra língua falada, palavras digitadas por meio da datilologia em inglês, que são comumente usadas em ASL, são alteradas de modo a ficarem mais parecidas com sinais em ASL. Ou seja, essas palavras digitadas por meio da datilologia são modificadas de modo a se adaptarem melhor à estrutura dos sinais em ASL. (BAKER-SHENK e COKELY, 1991, p.116)¹³

É válido lembrar que a fonologia em língua de sinais é visual e não-sonora. O canal espaço-visual é composto pelos três parâmetros principais – configuração de mão, ponto de articulação e movimento – e dois parâmetros secundários – orientação da palma da mão e expressões não-manuais. Faria fez uma análise contrastiva no nível fonológico LP/LSB e, quanto à estruturação do item lexical, ela mostrou:

Estruturação do item lexical por fonemas	Estruturação do item lexical por parâmetros
<p>Ex.: Em gato encontra-se o fonema /g/</p> <ul style="list-style-type: none"> – modo de articulação = oclusivo – ponto de articulação = velar – papel das cordas vocais = presente (sonoro) – passagem da corrente expiratória = oral <p>- Os fonemas /a/, /t/ e /o/ unem-se ao fonema /g/ para compor a unidade lexical, no caso exemplificado, GATO.</p> <p>obs.: todos os fonemas têm a mesma natureza. Todos são constituídos de sons. Esses sons constituem as unidades das palavras.</p>	<p>Ex.: Em trabalhar encontra-se o fonema CM “L”</p> <ul style="list-style-type: none"> – CM esquerda: ‘L’ – CM direita: ‘L’ – Extensão dos dedos da CM direita: polegar e indicador – Extensão dos dedos da CM esquerda: polegar e indicador – Dedos dobrados sobre a palma da mão: dedos mínimo, anular e médio – os parâmetros orientação da palma para baixo, ponto de articulação próximo à altura da cintura e movimento alternado unem-se para compor a unidade lexical, no caso exemplificado, TRABALHAR. <p>obs.: há grupos de fonemas de naturezas diferentes: Cada parâmetro equivale a um fonema, apesar de cada um cumprir um papel diferente e</p>

¹³ ... Just as borrowed spoken words are frequently in another spoken language, fingerspelled English word that are frequently used in ASL are changed so that they look more like ASL signs. That is, these fingerspelled word are modified so that they fit better with the structure of ASL signs. Traduzida por Marcela Bravo Esteves.

	complementar na constituição da unidade lexical em LSB.
--	---

Quadro 02 – quadro contrastivo no nível fonológico LP/LSB por Faria, comunicação pessoal

Como se vê, diante das idiossincrasias fonológicas das línguas de sinais, as adaptações neste nível são obrigatórias para que haja empréstimos.

A representação do alfabeto de uma língua oral por configurações de mão de línguas de sinais parece ocorrer com as mais diversas línguas de sinais, por mais diferentes que sejam os sistemas de escrita, como Valli e Lucas observaram.

Pesquisadores estão estudando também a datilologia bimanual (de duas mãos) usada por sinalizantes (usuários de sinais) britânicos e australianos e a representação de sistemas de escrita usados por pessoas surdas que estão em contato com a forma escrita do chinês, árabe, hebraico e russo. Todas essas línguas têm sistemas de escrita que utilizam símbolos que são muito diferentes do inglês escrito. Parece que as pessoas surdas em contato com as formas escritas dessas línguas têm maneiras manuais de representar o sistema escrito, do mesmo modo que as pessoas surdas americanas representam o alfabeto usando sinais. (VALLI e LUCAS 2000, p. 68)¹⁴

A datilologia é muito útil às línguas de sinais. Provavelmente, é decorrente do contato de educadores ouvintes com aprendizes surdos.

Faz-se necessário, neste momento, distinguir a datilologia pura de empréstimos lexicais a partir da datilologia, apesar de que em alguns momentos elas serão usadas como sinônimas. A datilologia em si não é um empréstimo lexical, apenas pode preencher uma lacuna em determinado momento e não se tornar parte do sistema. Já o empréstimo lexical por meio da datilologia, como dito por Baker-Shenk e Cokely, tornam-se mais semelhantes ao sistema com aparência cada vez mais nativa, ou seja, são integrados ao sistema.

Machabée (1995, p.31), de acordo com Battison (1978), diz que a datilologia só se torna empréstimo lexical quando é reestruturada, ou seja, depois que adquire uma aparência mais adaptada à língua de sinais. Portanto, Battison considera as datilogias reestruturadas como empréstimos lexicais. Por sua vez, Lucas e Valli (1992, p.43) discordam de Battison e não consideram a datilologia, mesmo reestruturada, como empréstimo. Eles consideram não

¹⁴ Researchers are also studying the two-handed fingerspelling used by British and Australian signers and the representation of writing systems used by deaf people who are in contact with written Chinese, written Arabic, written Hebrew, and written Russian. All of these languages have written symbol systems that are very different from written English. It seems that deaf people in contact with all of these written languages have manual ways of representing the written system, in the same way that American deaf people represent the alphabet with signs. Traduzido por Marcela Bravo Esteves.

ser resultado do contato entre uma língua de sinais e uma língua oral, e sim entre um sistema fonológico e um sistema ortográfico usado para representar a fala. Para estes pesquisadores, o compartilhamento deveria ser entre dois sistemas fonológicos e afirmam que a datilologia não pode ser estritamente associada à empréstimos. A datilologia é um resultado idiossincrático do contato de línguas em que uma língua representa a grafia da outra.

Machabée (1995, p.55) diz que, se os empréstimos podem apenas ser realizados entre dois sistemas fonológicos, então a possibilidade de uma língua de sinais adquirir palavras emprestadas de línguas orais seria mínima, e poderiam ocorrer somente empréstimos semânticos e por oralização. Entretanto, sabe-se que este último tipo não é facilmente acessível a pessoas surdas.

De acordo com Battison, esta pesquisa concebe as datilologias reestruturadas como empréstimos. E em concordância com Machabée, acredita-se que a datilologia seja usada para transmissão de material fonológico de uma língua oral para uma língua de sinais, mesmo que esta passagem seja baseada na forma escrita. O sistema ortográfico é que permite a relação entre estes dois sistemas fonológicos tão divergentes.

[...] O fato de que estamos estudando línguas tão essencialmente diferentes como uma língua de sinais e uma língua oral tem consequências que o empréstimo – no sentido estrito – é impossível no modo manual (a menos que falemos de empréstimos semânticos). Uma definição ampliada de empréstimo – que leva em conta o fato das configurações de mão representarem o sistema escrito é o mais próximo que podemos chegar da fonologia de uma língua oral em um modo manual – que nos permitirá ver [...] como um possível processo de empréstimo entre língua de sinais e língua oral. (MACHABÉE 1995, p.57)¹⁵

Sutton-Spencer e Woll (1993, p.187) relataram pesquisas que trazem uma nova perspectiva a respeito da datilologia. Esta nem sempre deve ser concebida como representação da escrita da língua inglesa e sim como parte integrante desta língua de sinais. Testes foram feitos com crianças que têm a BSL como falantes nativas e elas frequentemente aprendem a digitar antes de aprender a escrita.

Estudos demonstram também que crianças não conseguem associar a escrita à datilologia, porque são as palavras digitadas que influenciam a escrita e não vice-versa.

¹⁵ Tradução livre da pesquisadora: The fact that we are studying languages so essentially different as a manual and an oral language has as a result that borrowing - in its strictest sense - is impossible in the manual mode (unless we talk of semantic loans). An enlarged definition of borrowing -which takes into account the fact that the handshapes representing the writing system are the nearest we can get to the phonology of the oral language in a manual mode - will permit us to view [...] as a possible borrowing process between signed languages and oral languages.

Somente depois de irem à escola é que a datilologia é aprendida como representação das palavras escritas do inglês. Este é, portanto, um argumento favorável aos sinais digitados reestruturados como parte da língua, assim como os empréstimos se tornam parte da língua e muitas vezes não são mais reconhecidos como elementos exógenos.

2.5 Tipologia de empréstimos do inglês, do francês e do urdu¹⁶ em diversas Línguas de Sinais

A partir de suas especificidades, as línguas de sinais também podem ser classificadas quanto ao tipo de empréstimo adotado. Para isso, buscaram-se pesquisas sobre empréstimos em LS. Os estudos foram encontrados nas seguintes línguas: Língua de Sinais Americana – ASL –, Língua de Sinais Britânica – BSL –, Língua de Sinais da Nova Zelândia – NZSL –, Língua de Sinais do Indo-Paquistão – IPSL – e Língua de Sinais de Quebec – LSQ.

Sofinski (2002, p.32), com base na pesquisa de Davis (1989) sobre os vários canais usados na comunicação, diz que na ASL existem dois canais disponíveis para isto: o canal da boca e o canal da mão. É por meio deles que os empréstimos do inglês são adotados nesta língua de sinais.

Os empréstimos do inglês na ASL podem ser sistematizados em três: canal da boca (*mouth pattern*), empréstimos datilológicos, *lexicalized fingerspelling* e inicialização, *initialized signs*, estes dois últimos pertencem ao canal da mão.

O empréstimo *mouth pattern* se faz pela influência do canal da boca que copia as articulações dos lábios de algumas palavras da língua oral. Porém, há quem questione por que os sinais não podem ser sempre acompanhados da fala de uma língua oral, ou, ao menos, por que não podem reproduzir a palavra da língua oral, mesmo sem a oralização efetiva, sem som. Uma justificativa para isso é o fato de haver sinais que precisam da boca para compor o sinal – as expressões não-manuais. Algumas realizam a sucção das bochechas, outras as inflam. Há sinais que projetam os lábios para frente, e outros que movimentam a língua. Enfim, há vários usos em que o canal da boca é importante, ou até imprescindível, para a plena execução dos sinais.

¹⁶ O urdu é uma língua indo-européia, muito similar ao hindu, falada oficialmente no Paquistão, Índia e Afeganistão e também falado não oficialmente em vários países como Estados Unidos e África do Sul.

Davi's (1989), segundo Sofinski (2002, p.32), investigou o fenômeno do contato de línguas na interpretação¹⁷ da ASL e identificou três diferentes características no canal da boca feito com os sinais da ASL pela influência visual do inglês falado, assim:

- a primeira, denominada *full English mouthing*, é a pronúncia completa da palavra em inglês, geralmente sem som;
- a segunda característica, denominada *reduced English mouthing*, é a pronúncia parcial da palavra em inglês, também sem voz; e
- a última, denominada *lexicalized mouthing*, é uma imitação visual bastante reduzida da palavra do inglês e acompanha um sinal na ASL.

A Configuração visual dos lábios¹⁸, *mouth pattern*, também foi identificada na Língua de Sinais Norueguesa por Marit Vogt-Svendsen e na Língua de Sinais Sueca por Brita Bergman e Lars Ake Wikstrom. Os movimentos labiais pertencem à Língua de Sinais Norueguesa e não são interferências do norueguês sinalizado.

Os empréstimos datilológicos (*lexicalized fingerspelling*) são sinais que a princípio eram palavras digitadas que se lexicalizaram, ou seja, foram integradas ao sistema, como nos exemplos #YES, #JOB, #BACK, #WHAT, #¹⁹DOG. Estes sinais sofrem adaptações fonológicas e alguns se adaptam completamente ao *lexicon* da ASL.

A inicialização (*initialized signs*) é usada para representar abreviações e acrônimos²⁰ que são usados nas profissões, usos técnicos e contextos escolares.

A língua de sinais da Nova Zelândia – NZSL – tem recebido influência da língua inglesa na formação, modificação e criação de sinais. Os indivíduos surdos da Nova Zelândia são educados em inglês e estão rodeados pelo inglês escrito. Muitos dos sinais da NZSL são palavras digitadas que sofreram apócope, ou seja, as letras do meio foram apagadas. Alguns exemplos de sinais emprestados mostrados em Fischer e Siple (1990, p. 303) foram TS para *toys*, CB para *club*, JN para *June*, JL para *July*, JB para *job*, TT para *that* e AL para *all*.

Um outro tipo de empréstimo identificado na NZSL foi a inicialização (*initialized signs*). As palavras inicializadas são influenciadas pelo inglês, não são palavras emprestadas e

¹⁷ Interpretação é a tradução simultânea de uma língua para outra. No caso, do inglês para ASL e vice-versa.

¹⁸ Configuração visual dos lábios é a terminologia usada por Faria (2009) para denominar *mouth pattern*.

¹⁹ O símbolo jogo da velha # tem sido usado na literatura da ASL como sinal digitado que se tornou um sinal emprestado por tornar-se adaptado à língua importadora.



²⁰ Acrônimos são palavras formadas das primeiras letras ou de sílabas de palavras, por exemplo: IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

não são palavras digitadas que sofreram um processo de reestruturação. Os sinais motivados por este processo, na maioria das vezes, têm uma configuração de mão que corresponde a uma letra ortográfica, geralmente a primeira letra de uma palavra do inglês.

Dominique Machabée em sua pesquisa na LSQ – Língua de Sinais de Quebec – faz uma investigação mais profunda sobre a inicialização de sinais nesta língua, pois a oralização²¹ e a *fingerspelling* já foram mais estudadas e a inicialização é, geralmente, negligenciada.

Os empréstimos datilológicos são menos frequentes na LSQ do que na ASL, apesar destas duas línguas possuírem alfabetos manuais idênticos. Na LSQ, Desouvrey et al (1992) *apud* Machabée (1995, p.31) mostram que os sinais datilológicos, quando lexicalizados, geralmente conservam a primeira letra e uma letra do meio da palavra. A oralização é usada para especificar o significado.

Já o conceito de inicialização não é homogêneo. Para Battison, a inicialização deve ser derivada de um sinal já existente. Em contrapartida, Stokoe a define como uma redução da datilologia de palavras inventadas que serve para traduzir uma palavra particular do inglês e utiliza-se de uma configuração de mão do alfabeto manual para a primeira letra da palavra em inglês.

Machabée (1995, p.34) resume as duas definições considerando a inicialização como resultado de uma redução datilológica ou de uma mudança de configuração de mão em um sinal existente, porém não inicializado, ou seja, não se reporta à primeira letra de uma palavra escrita da língua oral. Por conseguinte, a inicialização é um processo muito relevante, pois os próprios surdos a usam, apesar de que esta motivação possa ter sido gerada pelas pessoas ouvintes. Este recurso tem sido um grande influenciador na criação lexical da ASL e também na LSQ. Entretanto, a letra inicializada é motivada pela língua francesa e não pelo inglês.

A Língua de Sinais do Indo-Paquistão – IPSL – é falada pela comunidade surda em Karachi e Nova Deli que são, em algum grau, regiões bilíngues e recebem influência da língua urdu e também do inglês, que é uma língua oficial na Índia e no Paquistão. A IPSL possui alfabetos datilológicos com uma e duas mãos. Os empréstimos identificados nesta língua por Zeshan (2000, p.35) são a *fingerspelling* do inglês e do urdu, *mistaken analogy*, *loan translation*, *mother pattern* do inglês e do urdu.

A *fingerspelling* pode ser adquirida do inglês e do urdu. A digitação de palavras do urdu é usada para o nome dos meses, alguns combinados a outros sinais, com exceção do mês

²¹ O termo oralização (*oralization*) aqui tem o mesmo sentido de *mouth pattern* em que se copia a articulação da palavra falada, neste caso, da língua francesa.

de junho. O sinal deste mês é um empréstimo baseado em uma analogia errada (*mistaken analogy*), pois imita a ação de esmagar piolho entre as unhas dos polegares e é baseada na similaridade entre as palavras em Urdu, *JU:N* “junho” e *JU:N* “piolho”. Estas palavras em urdu escrito apenas se diferem por sinal diacrítico.

Outro tipo de empréstimo identificado é o decalque (*loan translation*). Este empréstimo pode ser representado pelo sinal da cidade *Islamabad* em urdu A:BA:D, que significa ‘*dwelling settlement*’. A IPSL imita exatamente a combinação e traduz *Islamabad* como ISLA:M + JAGAH = ISLA:MA:BA:D. Já o sinal JAGAH pode ser combinado com outras letras digitadas ou com outros sinais e com vários nomes de lugares do Paquistão. A figura 18 é a representação do sinal da cidade *Islamabad*.

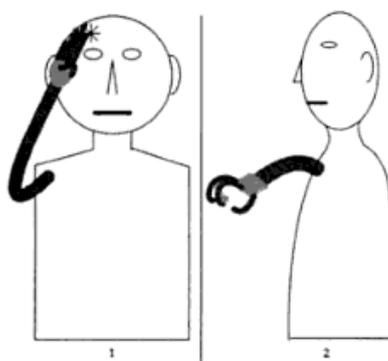


Figura 18 – Zeshan (2000, p. 35)

Em Zeshan (2000, p.42), a *mouth pattern* é a imitação da articulação de uma palavra da língua falada. Os movimentos que não derivam da fala são chamados de *mouth gestures*. Os *mouth pattern* não são igualmente relevantes nas línguas de sinais. Na ASL, poucas são as funções existentes, entretanto, na Língua de Sinais Alemã e na Língua de Sinais Alemã-Suíça, a cópia das articulações tem papel muito importante e foram listadas por Boyes- Braem (1990, p.117), apud Zeshan (2000, p.43), as funções são:

1. diferenciação entre dois sinais homônimos
2. especificação do significado de um sinal usando uma expressão mais exata com o *mouth pattern*
3. ressaltando a função;
4. *mouth pattern* com um significado diferente do sinal, o sentido total decorrente da combinação com o sinal;
5. apenas o *mouth pattern* carrega o significado onde não existe sinal (por exemplo, nomes próprios) e

6. sinais redundantes sem nenhuma função linguística.

Na IPSL, este tipo de empréstimo é muito frequente também. Entretanto, o uso do *mouth pattern* parece ser mais individualizado. Existem aqueles que o executam mais e outros o utilizam menos. Segundo Zeshan (2000, p.43), as mulheres o fazem com mais periodicidade do que os homens. Todavia, os estudos ainda não permitem tecer conclusões a este tipo de empréstimos na IPSL. O que se pode dizer é que os *mouth patterns* são usados para desfazer a ambiguidade dos sinais, entretanto, este uso não é obrigatório.

Também não foi constatado nenhum uso que deva obrigatoriamente ser usado e que possa ser considerado como parte integrante na formação de sinais. Os *mouth patterns* podem ser adotados de palavras do urdu como também do inglês. Os usuários de sinais – os sinalizantes –, de Karachi usam quase exclusivamente o *mouth pattern* do urdu, da mesma forma que os usuários da IPSL, em Nova Deli, empregam o *mouth pattern* da língua inglesa.

Os empréstimos na BSL são classificados em *loan translation*, empréstimo do canal da boca (*mouth pattern*) e *fingerspelling* por Rachel Sutton-Spence e Bencie Woll (1999, p. 216).

Os decalques em BSL ocorrem muito comumente em nome de programas de TV e em nome de cidades como ICELAND, que são feitos os sinais ICE e LAND. O mesmo ocorre com o sinal de GREENLAND: são executados os sinais GREEN e LAND. Este tipo de tradução pode vir diretamente do inglês ou pode também ser visualmente motivada por metonímias.

Também é possível encontrar os *mouth pattern*, empréstimos da configuração visual dos lábios, na Língua de Sinais Britânica – BSL. Sutton-Spence e Woll (1999, p.81) identificaram padrões, regras dos *mouth pattern*, das palavras da língua inglesa que transmitem informações gramaticais e fonológicas. Estes empréstimos não são aleatórios, embora, em alguns momentos, eles sejam parte do sinal e em outros, não.

Para os aprendizes de BSL como segunda língua – L2, dominar o uso das configurações visuais dos lábios é uma habilidade muito difícil. Este tipo de empréstimos tem vários usos:

- para representar a língua falada, a *mouth pattern* associado a sinais;
- para representar a língua falada com *mouth pattern* da primeira letra dos sinais; e
- para distinguir homonímias manuais .

Kyle, Woll, Pullen e Maddix (1988, p.126) mostraram diferentes formas que a BSL encontrou para adicionar sinais emprestados por datilologia lexicalizada (*lexicalized fingerspellings*) ao léxico desta língua. Algumas das formas encontradas foram:

- os empréstimos com letras isoladas, que podem ocorrer, por exemplo, com repetição da letra inicial, como no sinal KITCHEN, que possui a letra K redundante.
- os acrônimos, que são fontes de empréstimos da língua oral para uma língua de sinais. Nos acrônimos todas as letras aparecem, pois a perda de letras pode significar perda de informação. No entanto, em um sinal comum, a apócope não interfere na informação importante.
- as abreviações com mais de uma letra são bastante usadas em BSL para acomodação de empréstimos datilológicos. Quanto à estrutura dos sinais abreviados podem ter:
 1. algumas letras do meio eliminadas como em ABOUT, as letras que permanecem são o (A, B e T);
 2. letra inicial e final permanecem; todas as outras letras da palavra sofrem apócope. Por exemplo, o sinal BIRMINGHAM perdeu todas as letras intermediárias, restaram apenas a primeira e a última letra (B e M); e
 3. as letras iniciais da sílaba que permanecem, enquanto as demais desaparecem, como em NEWCASTLE, que só conservam as CM correspondentes a (N e C)

As vogais são frequentemente eliminadas em BSL, entretanto, se ocupar a posição de primeira letra, jamais poderá ser eliminada. A permanência da primeira e da última letra é comum em nome de lugares, mas não em muitas outras palavras. Outra possibilidade também mencionada é a permanência da primeira letra de cada sílaba ou percebida como morfema mantido, como no caso de MANCHESTER que permanecem apenas o (M e o C) e em PROJECT, o (P e o J).

Segundo Sutton-Spence e Woll (1999, p.223), há dificuldade de ocorrerem empréstimos soletrados na classe dos verbos. Esta raridade se deve ao fato de que quase todos os verbos espaciais recebem influência da aparência física do referente envolvido ou ação realizada em sua CM. Por isso, é difícil conciliar as propriedades aparentes, icônicas, com a motivação do formato de mão do alfabeto datilológico, pois as importações datilológicas não são facilmente aceitas, já que existem restrições fonológicas nas línguas de sinais também.

Nas palavras emprestadas por datilologia, por causa das reduções, é possível acreditar que muitas homônimas poderiam aparecer. Todavia, são adicionados movimentos para se evitar este problema. Kyle, Woll, Pullen e Maddix (1988, p.127) dividem os tipos de movimentos dos sinais emprestados em especiais e icônicos. Estes pesquisadores supõem que

tais sinais, acrescidos de movimentos especiais ou icônicos, sejam resultado do processo de inicialização.

Ainda sobre acomodação dos empréstimos datilológicos, Battison (1978), *apud* Valli e Lucas (2000, p.64), sistematiza oito mudanças que podem ocorrer na lexicalização de palavras ‘datilogizadas’ em ASL, que são:

- algumas configurações de mão podem ser apagadas porque em ASL não existem sinais com mais de duas CMs sequenciais. Já que, geralmente as letras do meio e as vogais são as que sofrem síncope;
- a localização do ponto de articulação pode mudar. O PA representa a localização do sinal no corpo, por isso, a datilologia deve sempre ocorrer num local apropriado, aproximadamente na mesma região. Entretanto, quando o sinal emprestado começa a se lexicalizar, pode sofrer uma mudança de localização;
- a configuração de mão pode mudar. Wilcox (1992) *apud* Wilcox e Morford (2007, p.172) registra sobre a passagem fluida de uma CM para outra CM. Nestas transições os formatos das CMs podem tornar-se mais adaptados;
- o movimento pode ser adicionado e pode acontecer de serem naturalmente adicionados na produção das digitações;
- a orientação da mão pode mudar, assim a palma pode mudar para cima e para baixo, palma em direção ao corpo, palma em direção oposta ao corpo;
- o movimento pode ser reduplicado. Na datilologia o sinal só é produzido uma vez, entretanto, ao ser incorporado à língua pode ocorrer a repetição do sinal;
- uma segunda mão pode ser adicionada ao movimento. A ASL é uma língua com alfabeto datilológico unimanual – datilologias produzidas com uma única mão –, entretanto, a segunda mão pode ser adicionada; e
- a informação gramatical pode ser adicionada.

Estas mudanças podem ocorrer simultaneamente. Os sinais soletrados geralmente violam as restrições fonológicas de boa formação de sinais. Contudo, algumas destas oito mudanças citadas podem tornar o sinal emprestado adaptado à fonologia da língua ou, diacronicamente, podem ser acomodados à língua.

Estas oito mudanças são parte do processo de lexicalização dos sinais emprestados por datilologia e podem dar ao sinal emprestado uma aparência nativa.

2.5.1 Tipologia dos empréstimos na LSB

Os empréstimos em LSB foram melhor sistematizados por Brito em 1995 e depois por Faria em 2009, como se pode ver na tabela 03.

Brito (1995)	Faria (2009)
a) Empréstimos Lexicais	a) Empréstimo por Transliteração <ul style="list-style-type: none"> • Transliteração Pragmática • Transliteração Lexicalizada
b) Inicialização	b) Empréstimo por Transliteração de Letra Inicial, Inicialização (<i>inicialized signs</i>)
c) Empréstimos de Itens Lexicais de outras Línguas de Sinais	
d) Empréstimos de Domínio Semântico	
e) Empréstimos de Ordem Fonética	c) Empréstimo da Configuração Visual dos Lábios
	d) Empréstimos Semânticos (decalques)
	e) Empréstimos Estereotipados
	f) Empréstimos Cruzados

Quadro 03

Brito é uma das pioneiras nos estudos linguísticos da Língua de Sinais Brasileira. Esta linguista (1995, p.22) identificou, como observado no quadro 03, os empréstimos na LSB, como, empréstimos lexicais, inicialização, sinais de outras línguas de sinais, domínios semânticos e empréstimos de ordem fonética, sobre os quais discorre-se a seguir.

Os empréstimos lexicais geralmente ocorrem com uso do alfabeto manual da LSB já apresentado no primeiro capítulo (quadro 01). Esta soletração é recorrente no uso de nomes próprios, apresentação de um novo sinal ou novo conceito. A datilologia é um recurso muito útil em LSB.

A inicialização é um tipo de empréstimo que recorre à primeira letra da palavra em LP para ser usada como motivação na construção dos sinais nesta língua. Um exemplo do uso

deste recurso é o sinal COMUNICAÇÃO, realizado com a CM em “C”, como ilustrado na Figura 19.



Figura 19²²

Outro tipo apresentado por Brito são os empréstimos lexicais de outras línguas de sinais. O sinal “METÁFORA” é um empréstimo da Língua de Sinais Americana – ASL –, inserido na LSB da mesma forma, sem nenhuma adaptação, como se vê na figura 20.



Figura 20 por Faria (2003, p. 180)

O quarto tipo de empréstimo mencionado por Brito é o de domínio semântico. Brito mencionou que, em Recife, os sinais para cores são, quase em sua maioria, empréstimos linguísticos, à exceção da cor amarela. O domínio semântico das cores parece não ser relevante na LSB e em outras Línguas de Sinais como a Holandesa e a Kaapor Brasileira – LSKB²³. Um teste aplicado em surdos brasileiros e norte-americanos mostrou que as cores não são tão relevantes na descrição de objetos quanto à forma, tamanho e movimento dos

²² Imagem retirada do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, versão 2.0 – 2005.

²³ Brito (2003) menciona a LSKB - Língua de Sinais Kaapor Brasileira que é uma língua da comunidade indígena Urubu-Kaapor localizada na floresta Amazônica. A comunidade de surdos e ouvintes bilíngues faz uso da língua de sinais livremente, mesmo sem a presença de surdos.

mesmos. Talvez isso explique por que a maioria dos sinais para cores na LSB recorre a algum tipo de empréstimo da LP.

O último tipo de empréstimo é o de ordem fonética. É uma importação visual do som, que mostra como os surdos percebem.

Faria (2009) apresenta seis tipos de empréstimos da LP para a LSB, quais sejam: empréstimos por transliteração, que, por sua vez, podem ser subdivididos em empréstimos por transliteração pragmática, ou empréstimos por transliteração lexicalizada (semidatilológica) e empréstimos por transliteração da letra inicial. Os outros tipos identificados são os da configuração visual dos lábios, os semânticos, os estereotipados e os cruzados. Alguns deles podem corresponder à tipologia proposta por Brito (2005).

Primeiramente, é importante entender o conceito de transliteração. De acordo com o Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, transliterar é “representar (os caracteres de um vocábulo) por caracteres diferentes no correspondente vocábulo de outra língua.” Na transliteração busca-se os correspondentes gráficos de sistemas de escrita diferentes, como o representado no quadro 04. Este, mostra a transliteração da escrita russa para escrita inglesa, espanhola e portuguesa.

Russo	Inglês	Espanhol	Português
А	A	A	A
Б	B	B	B
В	V	V	V
Г	G	G/GU	G/GU
Д	D	D	D
Е ou Ё **		E/O/YE/YO	E/O/IE/IO
Ж	ZH	ZH (ou Y)	J
З	Z	Z	Z
И	I	I	I
Й	I/Y	I	I
К	K	K	K
Л	L	L	L
М	M	M	M
Н	N	N	N
О	O	O	O
П	P	P	P

Quadro 04 – Tabela de mapeamento da escrita russa para o inglês, espanhol e português usada pelo jornal Folha de S. Paulo²⁴

Faria (2009, p. 89) considera “a transliteração como representação de letras de uma língua oral por CMs de uma língua de sinais”. Diferentemente da datilologia que tem sido compreendida nas literaturas de língua de sinais como a “representação de palavras ou partes de palavras de línguas orais por meio do uso agrupado de CMs, equivalentes à representação de letras do alfabeto de dada língua oral, em um ponto de articulação (PA) específico, normalmente, no espaço neutro, no qual todas as letras são articuladas”. Assim sendo, a datilologia tem um lugar específico na língua de sinais, como foi ilustrado na Figura 16.

Neste caso, a transliteração pode, ou não, estar no PA onde ocorre a datilologia e também pode estar relacionada a processos de construção de sinais em LSB. Para ilustrar um destes processos de construção, utilizaremos como exemplo os sinais de DEPUTADO, SENADOR e VEREADOR, que fazem parte do mesmo campo semântico, o da política.

²⁴ Tabela disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Translitera%C3%A7%C3%A3o_de_russo_para_portugu%C3%AAs acesso em 17/01/2010.



Figura 21

Os três sinais são transliterados, pois associam a letra inicial da palavra na LP à respectiva CM da LSB, contudo, não são mais realizados no espaço de datilologia (figura 16). Estes três sinais possuem o mesmo movimento circular na área da bochecha. Tal mecanismo de inovação lexical é recorrente, entretanto, muitos surdos o consideram pouco transparente dentro do sistema linguístico, preferindo construir sinais por composição.

Já o empréstimo por transliteração é dividido em dois grupos: por transliteração pragmática e por transliteração lexicalizada. O empréstimo por transliteração pragmática, datilológicos, geralmente são provisórios, pois, são usados em momentos de interação em que não existe na LSB um sinal correspondente no léxico desta língua, ou quando um dos interlocutores não conhece o sinal da LSB que equivalha à palavra em LP.

A digitação das palavras em LSB é muito frequente em ambientes educacionais. Nesses espaços, são aprendidos uma gama de novos conceitos nas mais diversas áreas do conhecimento. Nesse momento muitos sinais são digitados, tanto por não haver terminologia para todos os termos envolvidos, quanto pela presença em sala de aula de professores/intérpretes que não tem fluência adequada em LSB.

Por isso, estes profissionais da educação solicitam o sinal, caso exista, aos alunos, durante a interação. Também é relevante dizer que o material didático disponível está em LP, o que torna o recurso da datilologia de extrema importância na educação de alunos surdos e na interação entre surdos e surdos e, principalmente, entre surdos e ouvintes.

As palavras emprestadas por datilologia tendem à lexicalização. Isso se deve ao fato de serem palavras estranhas à fonologia do sistema da LSB. Os sinais, nestas condições, podem se tornar parte do sistema, como os sinais emprestados da LP – a exemplo do sinal ALUN@ na figura 22 –, ou cria-se um novo sinal, motivado pela escrita da LP em que a CM é motivada pela 1ª letra da palavra aluno, ou seja, a CM em “a” (figura 23).

Pode-se, ainda, aproveitar um sinal já existente para acomodar e inserir um novo conceito ou apenas estender o significado por processos polissêmicos, o que não é mais empréstimo, a não ser que haja tradução literal da LP para LSB, a não ser que ocorra decalque. Há, também, outra opção que é criar um novo sinal *ex nihilo*, ou seja, inventar uma nova palavra a partir do nada. Esta última ocorre mais raramente, não só na LSB como em qualquer língua, pois a tendência das línguas é criação por analogia, tendo como base elementos existentes. A LSB como todas as Línguas de Sinais são fortemente motivadas visualmente e esta característica tem se sobressaído nas construções lexicais.



Figura 22



Figura 23 – Sinal de ALUN@

O sinal lexicalizado de #²⁵ALUN@, apresentado na figura 22, quando representado de forma puramente datilológica, transliteração pragmática, corresponde à sequência apresentada na figura 24.

²⁵ O símbolo jogo da velha (#) é usado na literatura da ASL para indicar que o sinal digitado passou por lexicalização, diferentemente do sinal totalmente datilológico que são representados pela separação das letras por hífen (-).



Figura 24²⁶

Outro uso também muito comum da datilologia é o de um sinal seguido da soletração manual, ou vice-versa. A digitação é muito usada nos momentos em que não há certeza de que o interlocutor tem conhecimento do sinal, ou o sinal não está lexicalizado na língua.

Castro (2007, p.107) ressaltou o uso da datilologia afirmando que, “Parece-me que este processo está sendo utilizado em Libras mais generalizadamente, e não apenas como um processo restrito a discursos específicos”. Desta feita, a transliteração pragmática permanente é usada em situações em que as informações não podem ser suprimidas, por exemplo, quando se necessita do nome completo de uma pessoa, de um lugar, de uma marca. Enfim, quando o preenchimento de todas as letras for importante.

O segundo é o empréstimo por transliteração lexicalizada, semidatilológicos. Este tipo de importação é mais estável, todavia o grau de lexicalização pode variar de um sinal para outro. Há sinais tão acomodados e naturalizados que respeitam a todas as restrições fonológicas e morfológicas de um sinal nativo. Existem, contudo, sinais adaptados parcialmente que ainda estão em processo de acomodação, como bem observaram Quadros e Karnopp (2004, p.91) “[...] mudanças ocorrem através dos tempos no tipo de sequência de configuração ou orientação de mão, em que os sinais ajustam-se às restrições de boa-formação do sistema linguístico das línguas de sinais.”

Neste tipo de importação, podem-se ter palavras digitadas completamente, siglas, ou ainda uma única letra que possua um dos seguintes movimentos, segundo Faria (2009, p. 93):

- movimento vibratório da CM sobre o mesmo eixo (punho), como na CM “G” para GEOGRAFIA;
- movimento circular no ar, no mesmo ponto de articulação datilológica, como na CM “U” para o sinal UNIVERSIDADE; e
- movimento retilíneo curto em direção oposta ao corpo (afastamento do corpo), como ocorre com a CM “S” em SOGRO.

Os empréstimos por transliteração lexicalizada possuem outra parte, que é constituída por uma fase de transição na qual há um caráter híbrido. Cunha e Cintra (2001, p.115)

²⁶ A fonte da Figura 24 é desconhecida.

definem hibridismo como “palavras que se formam de elementos tirados de línguas diferentes”, e neste caso em estudo, elementos da LP e da LSB.

A diferença principal entre o empréstimo por transliteração pragmática e o por transliteração lexicalizada é a mudança na locação, ponto de articulação, que passa a incorporar locais diversos no espaço de realização da língua e não apenas no espaço datilológico. Serve de exemplo o sinal #SOL. Este sinal perde a CM “O” e conserva as CMs “S” e “L”; é realizado num PA diferente do espaço datilológico e parece conter uma informação semântica que se remete aos raios de sol.

Também é relevante salientar que a transliteração lexicalizada, quase sempre, tem um ritmo diferente dos sinais que são puramente datilológicos. Esta mudança rítmica está relacionada à acomodação dos empréstimos.

O terceiro é o empréstimo por transliteração da letra inicial, também conhecido como empréstimo por inicialização. Refere-se a é um empréstimo de fronteira, parte do processo de construção de sinais e é híbrido em sua natureza. Esta importação é considerada de aspecto parcial, pois a CM é emprestada da letra inicial da palavra escrita em LP, entretanto, os processos de construção de sinais obedecem às regras da LSB. Como ilustração pode-se usar o sinal INTERNET, que tem a configuração de mão “I”, motivada pela palavra escrita em LP, no entanto, esta influência externa tem sido encoberta por um tipo de adaptação morfofonológica, que a CM deste sinal vem sofrendo. Alguns sinais podem apagar quaisquer vestígios de elementos de origem alógena os quais só poderão ser recuperados em análises diacrônicas.

Carvalho (1989, p.45) salienta algo muito importante sobre empréstimos lexicais quando diz que as siglas estrangeiras podem dar origem as importações. Na LSB, o uso das siglas como fonte de empréstimos é bastante produtivo. Nota-se isso em vários sinais, como “DF” para Distrito Federal, “SC” para Santa Catarina, “KM” para quilômetro, entre muitos outros.

Já o quarto tipo é o empréstimo da configuração visual dos lábios. Este é uma imitação parcial ou completa da articulação labial das palavras da LP. Tal mecanismo é conhecido na literatura como *mouth pattern*, como identificados nas línguas de sinais ASL, BSL, IPSL entre outras. Este fenômeno é definido por Faria (2009, p.95) como uma pista visual “referente a uma unidade fonológica articulada pelos falantes de línguas orais simultaneamente à articulação do referente equivalente em LSB”. Normalmente a sílaba tônica é representada. Entretanto, faz-se necessário um estudo mais aprofundado deste tipo de

empréstimo. A configuração visual dos lábios corresponde ao empréstimo de ordem fonética proposto por Brito. E não há estudos suficientes para comprovar sua obrigatoriedade.

Faria apresenta também o empréstimo semântico, que é a tradução literal de uma palavra emprestada. O sinal emprestado toma a roupagem da língua receptora e não é facilmente perceptível como empréstimo. O decalque entra na língua receptora com toda carga semântica e cultural da palavra ou da expressão traduzida de forma literal. Este tipo de empréstimo é muito comum em expressões idiomáticas, como na expressão PUXA-SACO (figura 25), usada em LSB, variante de Brasília. Também para realização de CAFÉ[^]MANHÃ[~]²⁷, que é um decalque da palavra café-da-manhã da LP, utiliza-se o sinal de CAFÉ mais o de MANHÃ.

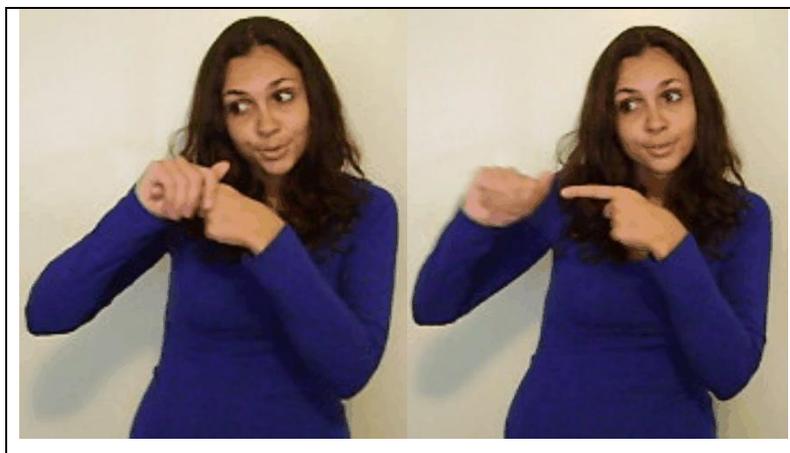


Figura 25 – sinal PUXA-SACO

O empréstimo estereotipado para Faria é a reprodução da forma de um objeto que pode ser um símbolo gráfico convencional usado em diversas culturas como as formas geométricas, os símbolos matemáticos, os sinais de pontuação. As representações destas convenções são como desenhos feitos no ar; geralmente, estes são realizados pelo dedo indicador. Outro exemplo é o sinal de VÍRGULA, que é desenhado no ar, com o dedo indicador na qual se imita o sinal gráfico da vírgula (,).

Finalmente, o último, denominado de empréstimos cruzados, deve-se principalmente à leitura global das palavras. Este tipo de empréstimo ocorre com palavras graficamente semelhantes, ou seja, homógrafas e parônimas da LP. Estas palavras do português recebem o mesmo sinal na LSB por serem vocábulos com escritas iguais ou, ao menos, semelhantes. É o caso dos sinais de CAMELO e CAMELÔ, que, apesar de denotarem referentes totalmente

²⁷ Os sinais compostos em LSB são glosados utilizando-se do acento circunflexo (^) para indicar um sinal composto.

diferentes no mundo, recebem o mesmo sinal pela semelhança na grafia. Este tipo de empréstimo não é exclusividade da LSB. Mineiro (2008, p.12) também identificou este fenômeno em Língua Gestual Portuguesa – LGP – como pode ser observado em BRISTOL e PISTOL(A), que possuem o mesmo sinal por causa da semelhança na escrita, como também já foi demonstrado na Língua de Sinais do Indo-Paquistão.

CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO TEÓRICA

3.1 Introdução

Em um mundo globalizado, como o presente, a interação entre os povos tem se intensificado – as relações comerciais, políticas e culturais estão em crescente expansão e tais relações promovem contato entre diferentes línguas. Sabe-se que a maioria dos países não é monolíngue mas marcada pelo bilinguismo ou plurilinguismo.

A Constituição brasileira, Art. 13, declara que “a língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”. Todavia, no país são faladas diversas línguas indígenas nativas e, historicamente, são conhecidas as colônias de imigrações alemãs, japonesas, italianas, entre outros povos, que trouxeram suas tradições. Consequentemente, o português falado no Brasil é marcado pelo contato com outras línguas.

Já a Língua de Sinais Brasileira foi criada em uma situação de contato. Neste capítulo, serão mencionados os eventos decorrentes do contato de línguas ou aqueles que promovem este contato, como pidgins, crioulos, bilinguismo, interferências e mudanças linguísticas. Discutir-se-á se a LSB, em suas muitas semelhanças com as línguas crioulas, pode sofrer, ou não, um processo de crioulição decorrente do constante contato com uma língua oral, o português, e, para isso, a discussão se inicia com o tópico relativo ao ambiente em que a LSB e a LP convivem.

3.1.1 Algumas reflexões sobre surdez e bilinguismo como motivação de contato

Nas línguas do mundo, a convivência de realidades bilíngues e multilíngues é algo muito natural. Entretanto, no Brasil, o mito do monolinguísmo é reforçado pela supremacia da língua portuguesa, fato que, tem prejudicado, em muito, os sujeitos surdos.

A plena integração do indivíduo surdo na sociedade brasileira está intrinsecamente relacionada a uma educação bilíngue LSB/LP. Observe-se que o bilinguismo, de Bloomfield (1933, p. 56), para quem, a pessoa bilíngue precisa dominar as habilidades de leitura e escrita, fala e compreensão não serve para caracterizar o bilinguismo dos surdos porque a L1 dos

surdos é uma língua de sinais. Quanto à aprendizagem da segunda língua (L2), o foco é apenas na modalidade escrita, porque a modalidade oral, tanto de percepção quanto de produção, não é naturalmente aprendida e apreendida por pessoas com perda auditiva. Para que esta aprendizagem ocorra, são necessários treinamentos intensos com fonoaudiólogos, uma vez que a língua portuguesa não é adquirida naturalmente pelos surdos. Em muitos casos, nem mesmo terapias intensas dão bons resultados.

O fato da L1 do surdo ser uma língua de sinais, deve-se ao fato de que uma língua de modalidade espaço-visual é adquirida naturalmente por esse indivíduo, e, geralmente, é uma língua de conforto, afinidade e afetividade.

As habilidades de escrita e leitura na LSB ainda são incipientes, embora seja considerado como ideal que os surdos aprendam primeiro a ler e a escrever na L1 e só posteriormente a ler e a escrever na L2, português. Entretanto, isso não ocorre, pois o sistema para escrita em Língua de Sinais Brasileira, *sign writing*²⁸, ainda encontra-se em desenvolvimento, pela falta de padronização da escrita e pela falta de divulgação e ensino. Outra barreira relacionada à escrita de sinais é a forte resistência que alguns usuários adultos têm para usar este sistema gráfico, já que é muito diferente da escrita alfabética a que já foram acostumados.

A situação ideal para um indivíduo surdo é ser bilíngue. Entretanto, o bilinguismo tem suas particularidades. Além de LSB e LP serem línguas de modalidades diferentes, também possuem funções diferentes. O surdo precisa aprender o português, enquanto os ouvintes que falam a LP podem continuar monolíngues. Esta situação se parece muito com o bilinguismo social em que um grupo é monolíngue e o outro é bilíngue. Os falantes monolíngues de português são dominantes, embora isto se afirme, na teoria, pois no Brasil há diversas pessoas bilíngues.

Lucas e Valli (1990, p.289) sistematizaram as situações de contato linguístico entre comunidade surda e ouvintes na ASL. Com base na sistematização destes pesquisadores, representam-se as possíveis relações entre participantes surdos e ouvintes com relação ao bilinguismo LSB/LP:

- Surdos bilíngues com ouvintes bilíngues
- Surdos bilíngues com surdos bilíngues
- Surdo bilíngues com ouvintes monolíngues em português

²⁸ Sistema de escrita para línguas de sinais. Este sistema foi desenvolvido no Brasil por Marianne Stumpf e agora é conhecido no Brasil como ELS – Escrita em Língua de Sinais.

- Ouvintes bilíngues com surdos que têm o português sinalizado²⁹
- Surdos bilíngues com surdos que tem o português sinalizado
- Surdos com português sinalizado com ouvintes monolíngues em LP
- Surdos com português sinalizado com ouvintes bilíngues
- Surdos com português sinalizado com surdos monolíngues em LSB
- Surdos bilíngues com surdos monolíngues em LSB
- Surdos monolíngues com ouvintes bilíngues
- Surdos monolíngues com ouvintes monolíngues

O bilinguismo é uma questão que interessa a pessoas surdas de todo o mundo. Valli e Lucas (2000, p.183) citam duas razões para isto. A primeira diz respeito ao contato com a língua majoritária do país em que vivem, porque é quase impossível para os surdos não terem esse contato. E a outra diz respeito ao contato entre as línguas de sinais cuja interação tem gerado resultados interessantes. Como o que pode se manifestar no continuum seguinte:

Língua de Sinais Brasileira → Português Sinalizado → Português do Brasil
--

Quadro 05

O que se pode comentar é que muitos usuários da LSB aprendem tardiamente a língua de sinais. Por isso, o português sinalizado é um meio de expressão frequente. Uma questão que se apresenta aqui é se a situação em que se encontra um surdo, diante de duas línguas, é de bilinguismo ou de diglossia. Para McCleary (2008, p.50) diglossia reflete “uma situação em que, na mesma sociedade, existem duas variedades linguísticas bem diferentes, uma para usos mais formais e outra para usos mais informais”. No entanto, esta diferenciação ocorre dentro de uma mesma língua, como adverte o autor.

Observe-se, por conseguinte que diglossia é distanciamento entre variedades. McCleary denomina a variedade alta (H)³⁰, muitas vezes relacionada à língua escrita, aprendida na escola, formal, e a variedade baixa (L)³¹, informal, geralmente usada entre pessoas com maior grau de intimidade, entre familiares, amigos. Esta última pode estar associada ao baixo grau de instrução do falante, e seus usuários podem usá-la mais

²⁹ O português sinalizado ocorre quando os sinais da LSB são usados com as estruturas da língua portuguesa, geralmente sintática. Por exemplo, a frase que poderia ser glosada em LSB como CASA IR, em português sinalizado ficaria EU IR PARA CASA ‘eu vou para casa’, ou seja, os sinais são da LSB, todavia, a organização sintática é do português. É claro que estas relações da LSB para a LP estão dentro de um *continuum*.

³⁰ Representa-se a variedade alta com a letra H porque vem do inglês *high prestige* que significa prestígio alto.

³¹ Representa-se a variedade baixa com a letra L porque vem do inglês *low prestige* que significa prestígio baixo.

livremente. Muitas vezes, a diferença entre a linguagem escrita e oral pode ocasionar uma situação de diglossia. No caso da LSB, a relação alta x baixa é difícil de ser estabelecida pela própria natureza de a língua ainda não ter um padrão de escrita estabelecido.

Mesmo na relação diglossia com bilinguismo há, muitas vezes, uma relação de maior ou menor prestígio, variedades alta e baixa. Todavia, não se trata de variedades de uma mesma língua, mas de línguas diferentes, uma com mais prestígio e a outra com menos. Pode-se pensar, então, na LP e na LSB como situação de diglossia com bilinguismo. A LP pode ser considerada a língua alta, necessária aos indivíduos surdos e a LSB, apesar de ganhar espaço, continua sendo considerada uma língua de apoio à pessoa surda; não pode substituir o português por escrito e seu *status* de língua ainda é desconhecido por muitos.

A LSB, como toda língua, também se modifica com o passar do tempo. Algumas mudanças na estrutura interna dessa língua podem estar relacionadas à adaptação e à acomodação de empréstimos da LP.

Se as mudanças são intrínsecas às línguas, seja por fenômenos dentro do próprio sistema, seja pelo contato de uma língua com outra, então, as alterações nos sistemas linguísticos podem também transformar uma língua em outra, como ocorreu, por exemplo com o latim, que se transformou nas diversas línguas românicas.

Com base no que foi discutido até aqui, discutir-se-á, em seguida, que resultados provêm do uso de duas línguas tão diferentes, como a LSB e o português, no mesmo espaço nacional, o brasileiro.

3.2 Ecologia das línguas

A diversidade de espécies é desejável no meio ambiente. De forma análoga, na ecologia das línguas, a manutenção de línguas das comunidades linguísticas minoritárias de igual modo é almejada. Haugen (1972, p.325) define ecologia das línguas como “*the study of interactions between any given language and its environment*”³². Portanto, almeja-se a manutenção de línguas minoritárias em ambientes bilíngues ou até mesmo plurilíngues, como Faulstich esclarece:

Para evitar políticas conflitivas e assimilacionistas[...] princípios de ecologia de línguas, que dizer, favorece a manutenção da língua primeira e

³² Tradução livre da pesquisadora: O estudo das interações de uma língua e o seu ambiente.

promove o ensino de línguas segundas, porque leva em conta as condições e necessidades dos aprendizes de línguas e a intercomunicação significativa entre elas, sustentadas por uma multiplicidade de fatores ambientais. (FAULSTICH 2004, p.14)

Um dos problemas encontrados na preservação de uma língua é a imposição de uma sobre outra, ou seja, uma língua com mais *status* social que outra tende a ser mais usada. Assim como em Haugen (1972, p.329), *status* aqui tem seu significado associado a poder e influência em um grupo social.

A LSB tem conquistado mais *status* social e ultimamente ocupa posições de mais prestígio e visibilidade. Esta realidade é muito diferente se comparada ao reconhecimento social há uma década ou até em menos tempo. Contudo, os surdos, principais usuários desta língua, necessitam da LP para ter acesso à educação, para o simples preenchimento de documentos, para pegar ônibus e ir ao mercado, entre muitas outras ações oficiais e extras oficiais. Enfim, a plena cidadania de um indivíduo surdo está condicionada à presença da língua portuguesa.

Couto (2005), ao tratar do conceito de comunidade surda, apresenta a teoria que vem sendo chamada de Ecologia Fundamental da Língua (EFL) para conceituar a comunidade. Esta teoria é esquematizada por um triângulo, como na figura 26, em que todas as comunidades deveriam cumprir os requisitos de ter uma língua (L), uma população ou povo (P) e um território (T). As línguas de sinais não possuem um território próprio, por isso, a língua oral da comunidade ouvinte tem grande influência sobre os indivíduos surdos. Estes estão cercados por todos os lados da língua majoritária, seja no sistema educacional, na vida social, no trabalho, em casa e na maioria dos casos na família, que raramente domina a língua de sinais.

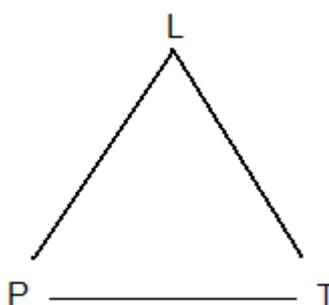


Figura 26 – Com base em Couto (2009, p.20)

Existem algumas exceções como a aldeia no norte de Bali, Indonésia. Esta comunidade possui uma considerável população surda por causas hereditárias e a língua de sinais é usada livremente por membros surdos e ouvintes daquela aldeia, mesmo quando não há nenhum indivíduo surdo presente. Esta língua é chamada de *Kata Kolok* que significa fala de surdos, e é uma língua muito rica e viva, apesar de ter surgido dentro dos limites da aldeia.

Os surdos usuários da LSB, como outras comunidades surdas estrangeiras, precisam constantemente utilizar-se de, pelo menos, duas línguas para ter um bom convívio com a maioria ouvinte e uma plena integração social, para que não se tornem estrangeiros em seu próprio país e tenham acesso a todas as informações, relativas aos seus direitos e deveres sociais. Wilcox (2005, p.79) refere-se à comunidade surda como trimodal, o que significa que as três modalidades de língua estão presentes: a falada, a escrita e a sinalizada. Logo, a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais Brasileira estão em constante contato.

3.3 Contato de línguas e línguas de sinais

O contato de línguas produz fenômenos linguísticos interessantes, que vão de simples empréstimos até mistura de línguas. Sebba (1997, p.10-16) listou seis possíveis consequências do contato de línguas:

- empréstimos gramaticais e lexicais;
- *code-switching* ;
- convergência de línguas (*languages convergence*);
- pidginização;
- crioulização; e
- língua mista (*language mixing* ou *language intertwining*).

A primeira consequência do contato de línguas é o empréstimo lexical e/ou gramatical. Esta importação já foi amplamente discutida no capítulo 2.

A segunda é chamada de *code-switching*, ou *codeswitching*, em que elementos oriundos de duas ou mais línguas podem estar dentro da mesma sentença, ou em sentenças diferentes, de uma conversa ou de um texto escrito. Este termo também é usado quando pessoas bilíngues mudam literalmente de uma língua para outra, durante uma conversação. Assim, uma pessoa que está usando uma língua de sinais pode, em determinado momento, parar a sinalização e começar a falar na língua oral.

A convergência de línguas, assim como o *code-switching*, envolve mescla de línguas. Contudo, *code-switching* é um fenômeno mais individualizado e pode variar de falante para falante. Por outro lado, a convergência de línguas é mais socializada e ocorre ao longo do tempo, em sociedades com alto grau de bilinguismo, e não é necessariamente um ato consciente do falante.

A pidginização ocorre geralmente quando não há uma língua em comum que possa ser compartilhada pelos povos em contato. Os falantes em contato desenvolvem um conjunto de estratégias comunicativas para auxiliarem no contato. Ocorre, normalmente entre populações que não partilham um código com o qual possam interagir. Woodward (1973) e Woodward e Markowiaz (1975) sugerem que exista um pidgin sinalizado da ASL. Este seria o resultado do contato de línguas da comunidade surda americana na interação com ouvintes.

A crioulização é constantemente definida como um pidgin que se tornou primeira língua de alguém. Entretanto, este conceito tem sido ampliado por alguns linguistas e pode englobar também línguas que sofreram mudanças estruturais ocasionadas por contato com uma língua adstrato³³ sem necessariamente ser a continuação de um pidgin.

Por último, pode-se ter como consequência uma língua mista. Este fenômeno é bastante raro e envolve a combinação de duas línguas. O que acontece normalmente nesses casos é que a gramática pertence a uma língua e o vocabulário à outra, ou vice-versa. Uma língua mista possui semelhanças com a pidginização e crioulização. Contudo, não há perda da complexidade gramatical, nem simplificações do sistema de regras.

Carvalho (1989, p.37) sistematizou as três hipóteses que podem ser geradas no contato íntimo de duas línguas e usa, como exemplo, o Guarani e o Espanhol no Paraguai. As possíveis consequências da convivência de duas línguas em um mesmo território foram organizadas nas seguintes hipóteses para este acontecimento: se a língua de cultura A domina a língua de cultura B. Entenda-se língua de cultura A, o português do Brasil (PB) e o espanhol, e a de cultura B a Língua de Sinais Brasileira e o guarani.

Aproveitam-se as semelhanças da situação de contato entre estas línguas e utiliza-se a mesma sistematização para analisar o PB e a LSB, que se encontra em uma situação análoga à do espanhol e do guarani.

³³ Carvalho (1989, p.77) define adstrato como “uma das línguas faladas dentro de uma área, por um povo que mantém sua língua nativa, enquanto recebe influências de outras línguas envolvidas em situação de contato. O adstrato é uma fonte permanente de empréstimos.”

1. B desaparece e deixa um substrato³⁴ em A
2. A desaparece e deixa um substrato em B
3. As duas permanecem, trocando elementos, na condição de adstrato

As hipóteses 1 e 2 podem ser descartadas, no caso desta pesquisa, pois as línguas em questão têm funções diferentes e atendem a necessidades e grupos específicos. O desaparecimento de uma língua de sinais em detrimento de uma língua oral é algo muito improvável, por serem de modalidades diferentes e por atenderem a públicos distintos. Estas idiossincrasias são ocasionadas pelas limitações na aquisição natural de uma língua oral, como é o caso dos surdos.

A tentativa forçada de eliminar as línguas de sinais já existiu com a filosofia oralista, em vários países do mundo. Mesmo com toda repressão e proibição, as línguas conseguiram sobreviver, mesmo que clandestinamente. É claro que a proibição do uso das línguas de sinais prejudicou em muito o desenvolvimento destas, principalmente nas áreas de ciência e tecnologia. Por causa desta restrição, muitas línguas de sinais não desenvolveram vocabulário para as ciências e as técnicas.

Hoje, no Brasil, com pouco tempo de reconhecimento do *status* linguístico da LSB e da oficialização do seu uso como direito da comunidade surda brasileira, esta língua ainda não está preparada para acompanhar os novos conceitos e produtos que têm surgido em grande escala. Este é um dos motivos para que a LSB tome palavras emprestadas da LP, para abarcar o mundo que se abriu recentemente pelo acesso às informações e que as línguas de sinais devem proporcionar aos surdos.

Ainda sobre a hipótese 2, seria quase impossível de se realizar, não apenas pela quantidade de pessoas que falam a LP. Esta é uma língua socialmente grande e não poderia ser substituída por uma de sinais, não só por questões políticas, nacionais e internacionais, mas pela própria tradição da cultura ouvinte de ter uma língua oral como parte da história do ser humano cuja tradição escrita é inegável.

A terceira hipótese, as duas línguas permanecem, trocando elementos, na condição de adstrato, é a mais adequada para análise da situação linguística da LSB e da LP.

Uma língua de sinais é geralmente usada por uma minoria linguística, as trocas entre os elementos partirão quase que de modo unívoco, quer dizer, da LP para a LSB, sendo o contrário um caso mais difícil de ocorrer, mesmo porque os usuários da LSB estão dispersos

³⁴ A definição de substrato em Carvalho (1989, p.79) é língua primeira de um grupo de falantes que a substitui por outra. O substrato, na maioria dos casos, permanece no léxico da segunda língua, no vocabulário cotidiano e nos topônimos.

pelo Brasil e a língua em questão é bastante heterogênea, pois não há ainda uma variedade padrão que possa servir de influência para a LP. Entretanto, se a LSB e a comunidade surda se tornarem cada vez mais presentes no dia-a-dia da sociedade brasileira, poderá também vir a influenciar e a fornecer elementos para a LP.

3.3.1 Pidgins e Crioulos

Ao estudar línguas em contato, os pidgins e crioulos são terrenos férteis para os campos de pesquisa nesta área. Os pidgins são usados em situações mais emergenciais, geralmente têm o vocabulário fortemente influenciado pela(s) língua(s) dominante(s) e menos numeroso do que o(s) da(s) língua(s) fonte(s). Pinker os define desta forma:

Pidgins são cadeias precárias de palavras tomadas da língua dos colonizadores ou donos de plantações, que variam muito em termos de ordem e são pobres no que se refere à gramática. Às vezes um pidgin pode se tornar uma língua franca³⁵, ganhando em complexidade com o passar do tempo [...]. (PINKER 2002, p.29)

Os conceitos sobre pidgin não são homogêneos. Existem linguistas, como Crowley, que se referem aos pidgins como línguas, e outros que o consideram como um processo que poderá se tornar uma língua se um dia tiver falantes nativos. Couto (2009, p.104) listou as principais características, que têm sido atribuídas aos pidgins:

1. são meios de comunicação que resultam do contato de línguas mutuamente ininteligíveis;
2. não têm falantes nativos;
3. são usadas para necessidades comunicativas mínimas;
4. não são inteligíveis com a língua doadora;
5. são simplificados, ou reduzidos morfosintática e lexicalmente, em relação às línguas doadoras;
6. recebem a maior parte de seu vocabulário da língua dominante;
7. podem conter frases feitas, sobretudo da língua superstrato³⁶; e

³⁵Para McCleary (2008, p.22), língua franca é “uma língua usada para comunicação de pessoas que não falam a mesma língua”. Todo pidgin é uma língua franca, mas nem toda língua franca é um pidgin. Hoje, um bom exemplo de língua franca é o inglês que pode ser falado em diversos lugares do mundo.

³⁶Carvalho (1989, p.79) define superstrato como a língua do povo conquistador, abandonada em favor da língua do povo conquistado. Como o substrato, o superstrato permanece na língua adotada, sobretudo no léxico.

8. podem evoluir de um jargão ou pidgin instável para uma forma estabilizada e, até mesmo, expandir-se; outra alternativa seria crioulizar-se a partir de qualquer uma dessas fases; o pidgin seria um pré-crioulo potencial; geralmente não tem uma comunidade própria.

Como mencionado anteriormente, os crioulos são línguas plenas, tais como o francês, o espanhol, o alemão, enfim, como toda língua. O que pode diferenciar é o tempo de existência destas línguas em relação àquelas. Outra distinção seria que os crioulos não passaram pelos processos de mudanças linguísticas que os levariam a uma proto-língua em comum. Ao se tentar encaixar os crioulos em uma árvore de família linguística, quase sempre a tarefa é difícil, porque as línguas crioulas possuem em sua gênese pelo menos duas línguas que são mutuamente ininteligíveis. Às vezes, elas não descendem do mesmo tronco linguístico, diferentemente das línguas do Proto Indo Europeu, (figura 27). O organograma, que segue, mostra a mudança histórica desta proto-língua até resultar em algumas línguas como o português, o inglês, o russo, entre outras.

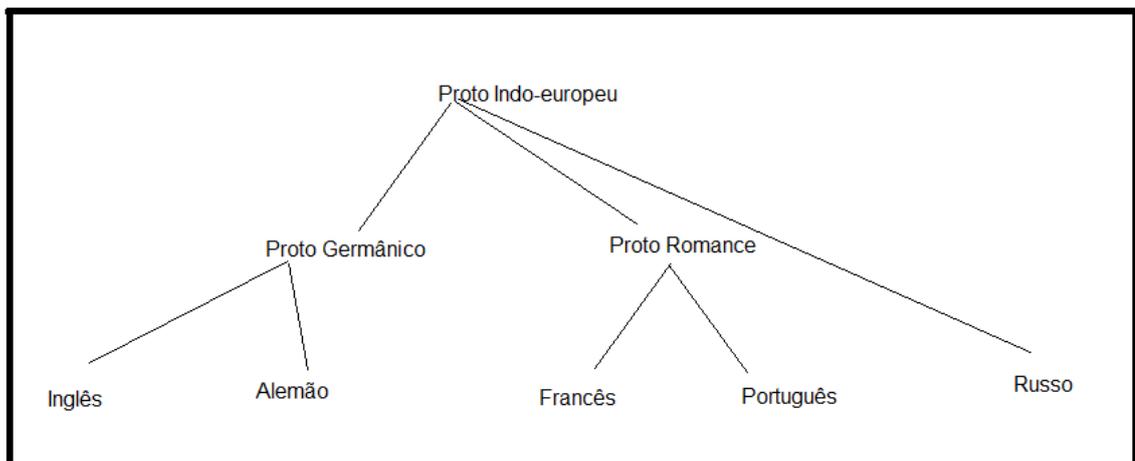


Figura 27 – Baseada em Crowley (1997, p.167)

A maioria dos linguistas considera os crioulos como um pidgin que se tornou uma língua nativa. Desta definição surge um problema, pois o conceito de nativo, para alguns, refere-se à comunidade. Dessa forma, surge o questionamento de quantos falantes são necessários para uma nativização. Alguns linguistas, tais como Bickerton, segundo Couto (1996, p.16), consideram que não há um limite de crianças para se formar uma nova língua. Assim, uma língua pode ter apenas um falante como primeira língua. Obviamente esta opinião não é compartilhada por todos.

Existem autores com acepções mais amplas deste termo. Outros que chegam a considerar até a possibilidade do português rural brasileiro ser um tipo de variedade criouliizada. Há também as definições mais restritas como a de Bickerton e existem autores que consideram esta conceituação desnecessária.

Couto (1996, p.34), na definição de crioulo, pauta-se nos fatores estruturais e sócio-históricos enumeradas a seguir.

As características estruturais de línguas crioulas:

- números de fonemas menor do que das línguas que entram em sua formação;
- preferência pela estrutura silábica CV, em geral vocábulos dissílabos;
- a ausência quase total de morfologia derivacional e flexional;
- as funções sintáticas são indicadas preferencialmente pela ordem, em geral SVO; e
- léxico menos numeroso do que o das línguas de superstrato e substrato.

Seguem-se as características sócio-históricas dos crioulos. Nesta ocasião, Couto ainda considerava que todo crioulo era necessariamente um ex-pidgin.

- Um crioulo sempre surge em comunidades bilíngues ou multilíngues.
- Em geral os crioulos surgem em ilhas ou regiões isoladas.
- Os crioulos apresentam a exogeneidade das populações.
- Só são considerados crioulos, segundo Chaudenson, as línguas que surgiram do processo de colonização da Ásia, África e América pela Europa.

Esta última característica excluiria alguns crioulos, como o da Guiné-Bissau. O que se pode afirmar é que as condições sociais de surgimento das línguas crioulas são distintas das línguas não crioulas.

Tendo em vista a grande complexidade e dificuldade de delimitação deste conceito, aqui será tomado o conceito de criouliização como definido em Couto (2009, p.106), “o momento em que se cristaliza uma língua, uma gramática”. Nesta acepção, ser um pidgin prévio não é característica determinante para ser uma língua crioula.

Ao fazer um paralelo entre algumas características sócio-históricas dos crioulos e da LSB, é possível encontrar pontos em comum. Pensando na questão do isolamento, a LSB não surgiu em ilhas ou regiões isoladas, mas os seus usuários vivenciaram e vivenciam situações de isolamento. A dificuldade de aprender uma língua oral de forma natural por limitação auditiva pode ser comparada a este isolamento físico.

Também a característica da exogeneidade é análoga ao indivíduo surdo que não aprende naturalmente a língua da comunidade ouvinte e o conhecimento adquirido desta língua é comparável ao de um estrangeiro. Isto é facilmente perceptível em textos de surdos, mesmo quando só aprendem a língua oral. Eles geralmente não escrevem como os ouvintes e cometem erros semelhantes aos de estrangeiros, o que os coloca, em muitos casos, à margem de uma língua e de uma sociedade. Esta exclusão torna a pessoa surda um “forasteiro” em sua própria pátria.

3.3.2 A crioulização de língua de sinais

A conceituação de línguas crioulas é sempre um palanque para debates e discussões. Nesta seção, será discutida a origem das línguas de sinais como línguas crioulas, a crioulização entre línguas de sinais e crioulização de uma língua de sinais por contato com uma língua oral. O que se quer questionar é se a LSB pode tornar-se uma língua crioulizada pelo excesso de contato com a LP.

Em comunicação pessoal com Couto, ele mencionou a existência de linguistas que afirmam ser as línguas de sinais, línguas crioulas por natureza. O argumento que sustentará esta hipótese é o de saber se os surdos com seus sinais caseiros, usados para comunicação familiar, ao entrarem em contato com outros surdos que também já possuem seus sinais caseiros, começaram a desenvolver uma espécie de pidgin e se esses pidgins foram ganhando estruturas cada vez mais complexas e se adquiriram traços gramaticais nos contatos. Parece que, assim sendo, a situação é análoga à das línguas crioulas. A diferença é que, ao invés de fazer uso de fragmentos de línguas orais existentes, são utilizados gestos individuais.

Uma exemplificação recente, que nos leva a acreditar numa possível crioulização, é o caso da Língua de Sinais Nicaraguense – LSN. Até pouco tempo, não havia uma língua de sinais na Nicarágua, porque os surdos eram mantidos isolados uns dos outros. Em 1979, surgiram as primeiras escolas para surdos, com foco no ensino da fala e da leitura labial, pois naquela época a política educacional era oralista. Todavia, fora das escolas, as crianças criavam seus sinais. Pinker sobre isso relata:

Nos parques e ônibus escolares as crianças estavam inventando seu próprio sistema de sinais, acumulando os gestos provisórios que utilizavam com a família em casa. Pouco tempo depois, o sistema se consolidou no que hoje é a chamada Lenguaje de Signos Nicaraguense (LSN). (PINKER, 2004, p.34)

A LSN é usada com diferentes graus de fluência e tem sido considerada por alguns como um pidgin, pois as crianças de hoje a reinventaram, assim como ocorreu com pidgins que se tornaram línguas nativas; a língua ganhou uma gramática, ganhou mais fluidez, tornou-se mais compacta e os gestos perderam a iconicidade que motivou a criação de determinados sinais. A nova língua formada é tão diferente da LSN que recebeu outro nome, Idioma de Signos Nicaraguense – ISN.

Woodward (1978, p.333) sustenta que a ASL é originalmente uma língua crioula. Entretanto, pelo tempo em que esta língua se tornou um crioulo, já deveria ter completado a descrioulização, ou ter se tornado uma língua mais estabelecida. Fischer (1978, p.329) sugere que as principais razões para este processo não ter sido concluído é a pressão dos educadores da língua inglesa, por um lado, que caminhavam em sentido oposto ao da língua de sinais.

O segundo motivo, considerado mais importante por ela, é pelo contexto social em que as crianças surdas aprendem a língua de sinais. Esta linguista argumenta que 10% das crianças surdas têm pais surdos e, por este motivo, a maioria aprende a língua fora de casa. Também se, por sorte, um pai ou uma mãe de um surdo se interessar em aprender a conversar em sinais com seu filho, será um uso deficiente por ser uma segunda língua. Desse modo, a língua sempre precisa ser reinventada pela criança, pois a primeira língua a que estas crianças surdas têm acesso é uma espécie de pidgin, cheia de lacunas a serem preenchidas. E, como mencionado, as crianças tendem a preencher as lacunas. Por causa de todo esse processo, a língua de sinais não consegue estabilizar-se e, dessa maneira, continua com características de línguas crioulas.

Esta realidade da ASL é bastante semelhante ao que acontece com a LSB. As crianças surdas, na sua grande maioria, não possuem pais surdos com quem possam interagir. A quantidade de pessoas que sabem a LSB é bastante restrita, e a imposição para que o português seja aprendido, a qualquer custo, também é um fator relevante para que a LSB continue sendo reinventada. Por outro lado, as pessoas ouvintes que usam a língua de sinais, os professores e intérpretes que trabalham com as crianças surdas, não dominam a língua. Com isso, as crianças usuárias de LSB, assim como as de ASL, precisam reinventar a língua, que chega até elas cheia de lacunas, que precisarão ser preenchidas, em uma situação análoga ao que acontece com os pidgins que estão em processo de nativização.

Ainda Woodward em seu artigo *Historical Bases of American Sign Language* (1978, p.333), argumenta que a ASL moderna é fruto da crioulização com a Língua de Sinais Francesa – LSF. Esta língua chegou aos Estados Unidos e foi introduzida como um padrão para a população local heterogênea, bem como foi usada na educação daqueles surdos.

Sobre a situação de contato com a LSF Woodward (1978, p.34) afirma: “[...] *the language contact situation of FSL e ASL was sufficiently “colonial” to rule out borrowing or language mixture as the primary cause of change.*”³⁷ Woodward (1978, p.346) argumenta a favor da crioulização da ASL e diz que: “[...] *the time depth for the separation of FSL and ASL indicate a far longer separation than what actually occurred. This discrepancy may be due to the abrupt changes in the process of creolization.*”³⁸

Com todos estes argumentos, não é por acaso que as línguas de sinais apresentam tantas semelhanças com as línguas crioulas. As similaridades entre elas são diversas, a começar pelo baixo prestígio social que tais línguas possuem. Tanto as predominantemente de sinais quanto as crioulas são línguas minoritárias. Seus usuários também sofrem ou sofreram algum tipo de opressão. Geralmente, estas também não são línguas de instrução e nem são usadas nas escolas para educação.

Uma língua interessante para o cotejo na presente pesquisa é o crioulo Caboverdiano que apresenta variação geográfica, mas, apesar do distanciamento físico, parece haver uma gramática única que rege a língua. Esse crioulo de base portuguesa tem em comum com a LSB a situação de estar pulverizada em alguns territórios, sendo a situação dos surdos brasileiros ainda mais restrita. Os locais em que podem conversar e desenvolver a sua língua são associações, igrejas, escolas e, nos dias atuais, em algumas universidades. De certa forma, pode-se fazer uma analogia da LSB com a dispersão geográfica que o Caboverdiano apresenta, porque está espalhado em diversas ilhas do país, distantes umas das outras.

Lucas e Valli (2000, p.185) discordam da perspectiva de pidginização e crioulização como resultado do bilinguismo da comunidade surda americana. Baseados nos estudos de contato de línguas, eles sistematizaram o que poderia acontecer com duas línguas de sinais que entram em contato e também com uma língua de sinais e uma língua oral em contato. O quadro 06 demonstra os possíveis resultados das situações descritas.

Contato entre duas línguas de sinais	Contato entre uma língua de sinal e uma língua oral	
-----	Seguem literalmente os critérios das línguas	Fenômenos únicos nas línguas de sinais

³⁷ Tradução livre da pesquisadora: [...] a situação de contato linguístico entre a LSF e ASL foi suficientemente "colonial" para descartar empréstimo ou mistura de línguas como a principal causa da mudança.

³⁸ Tradução livre da pesquisadora: [...] a distância de tempo para a separação da LSF e da ASL indica uma separação de muito mais tempo do que realmente ocorreu. Essa discrepância pode resultar das mudanças bruscas no processo de crioulização.

	orais	
Empréstimos lexicais	<i>Code-switching</i>	Datilologia
<i>Code-switching</i>	Empréstimos lexicais	Datilologia/sinais combinados
<i>Foreigner talk</i>	-----	Configuração da boca
Interferência	-----	<i>Code-switching</i>
Pidgins, crioulos e sistemas mistos	-----	Contact signing (<i>code-mixing</i>)

Quadro 06 – Baseada em Valli e Lucas (2000, p.187)

Segundo estes pesquisadores, a situação de contato de uma língua de sinais com uma língua oral não poderia resultar em uma pidginização, nem em uma criouliização. Estes fenômenos só poderiam ocorrer de uma língua de sinais para outra de mesma modalidade.

Um dos objetivos desta pesquisa é saber se a LSB pode tornar-se uma língua crioula pelo intenso contato com a língua portuguesa, como fonte doadora de léxico. Em discordância com a perspectiva de Valli e Lucas, acredita-se que a criouliização LSB e LP poderia acontecer se muitos sinais da LSB, já lexicalizados, fossem substituídos por formas emprestadas e adaptadas dos empréstimos provenientes da LP.

Se os sinais existentes fossem, em grande parte, motivados pela língua oral mediante empréstimos por transliteração, empréstimos cruzados, empréstimos semânticos, poderia ser considerada a hipótese de criouliização e seria basicamente uma criouliização lexical. Todavia, as adaptações da LP para a LSB não são tão simples e fáceis de serem aceitas. As restrições fonológicas da LSB mantêm os empréstimos na periferia da língua.

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

4.1 Introdução

Neste capítulo, descrevem-se e explicam-se os procedimentos metodológicos adotados para a análise dos dados. Serão apresentados os pressupostos metodológicos, o motivo da escolha da fonte lexicográfica, informações sobre o dicionário pesquisado, procedimentos das recolhas e análise preliminar dos dados. Por último, serão apresentados os critérios de seleção e organização dos empréstimos.

4.2 Pressupostos metodológicos

Como referencial metodológico para identificação dos empréstimos da LSB, utilizaram-se as sistematizações de empréstimos em Línguas de Sinais, elaboradas por Faria (2009), com base nos estudos de Battison (1978) que estudou os empréstimos lexicais na Língua de Sinais Americana – ASL. Também foram usados, como base de identificação do *corpus*, os estudos já apresentados, no capítulo 2, de Sutton-Spencer e Woll, na Língua de Sinais Britânica – BSL–, Zeshan da Língua de Sinais do Indo-Pasquistão – IPSL – e Machabée, que analisou a Língua de Sinais de Quebec – LSQ.

Vale ressaltar que os sinais devem ser analisados no âmbito da lexicologia e com a perspectiva do contato entre línguas.

4.3 O motivo da recolha dos dados no dicionário eletrônico

Os dados da pesquisa são do Dicionário Digital Bilíngue da Libras de Felipe e Lira (2006) que se compõe por 5.863 verbetes. As informações, contidas em cada verbete são: a classe gramatical, a origem do sinal, a aceção, o assunto, a palavra correspondente em língua portuguesa, exemplos de uso em LSB e LP. Esta obra está disponível em CD-ROM e nos foi fornecida pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES –, ou pode ser acessada na internet, na página www.acessobrasil.org.br, cuja versão se apresenta um pouco diferente.

A escolha do Dicionário Digital Bilíngue da Libras justifica-se pelos pontos relacionados a seguir:

- evitar sinais caseiros e de uso restrito;
- neutralizar a influência da LP sobre a LSB, surdos mais oralizados³⁹, surdos menos oralizados, surdos não oralizados;
- amenizar a dificuldade de delimitar uma comunidade de fala, tendo em vista a heterogeneidade desta língua;
- analisar os movimentos e as expressões faciais na reprodução dos sinais;
- escolher empréstimos legítimos usados pelos nativos e não interferências de aprendizes de LSB como L2; e
- obter acesso aos sinais a partir das propriedades articulatórias da LSB. O sinal é reproduzido, diferentemente dos dicionários impressos que perdem a riqueza dos movimentos e das expressões não-manuais.

4.4 A fonte da recolha

O Dicionário Digital Bilíngue da Libras, nas duas versões, possui quatro formas de pesquisa dos verbetes: três a partir da Língua Portuguesa e uma a partir da Língua de Sinais Brasileira. As pesquisas a partir da LP podem ser feitas pelo assunto, pela palavra correspondente ao sinal, ou pela ordem alfabética dos verbetes, como ilustrado na figura 28, versão encontrada na internet. Para pesquisa em língua de sinais, clica-se em MÃO que dá acesso a um quadro com 73 configurações de mão e o sinal pode ser selecionado a partir desta propriedade dos sinais. Na versão do CD-ROM, ao entrar no dicionário, a tabela PESQUISA EM LIBRAS é facilmente encontrada juntamente com as opções PESQUISA EM PORTUGUÊS por assunto, ou por ordem alfabética.

³⁹ Oralizados vem de oralismo, filosofia educacional de surdos que tem por objetivo fazer com que os indivíduos surdos falem como qualquer pessoa que não tem limitações auditivas.

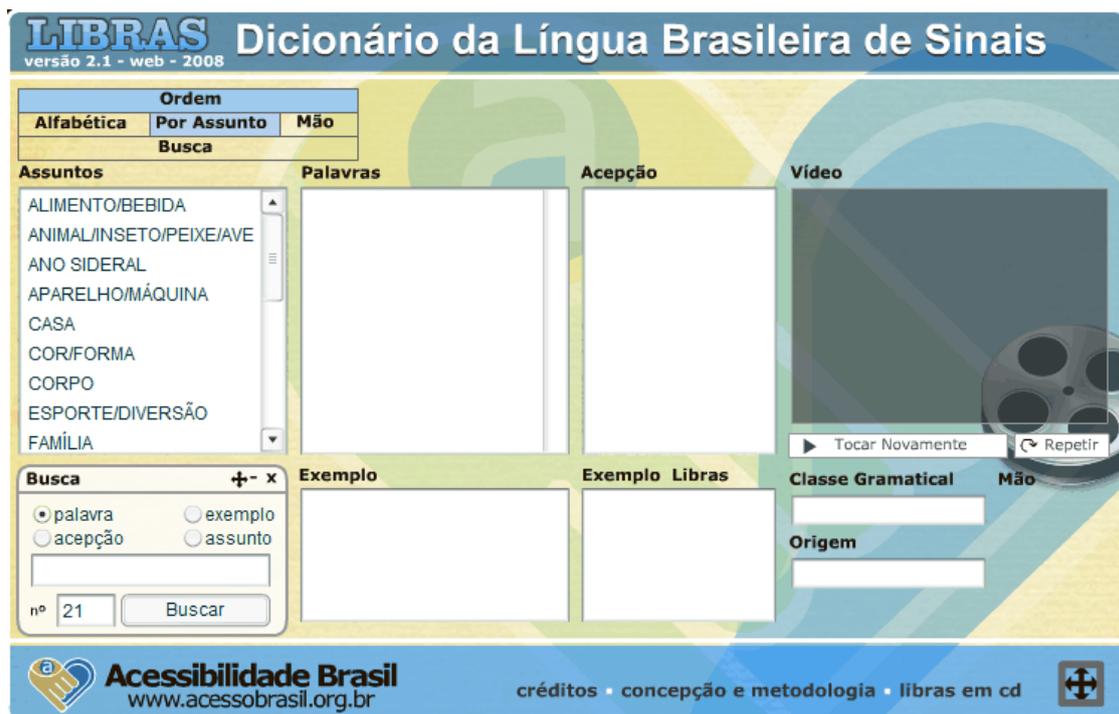


Figura 28 – dicionário

Os assuntos que compõem o dicionário estão divididos em 21 campos temáticos:

- alimento/ bebida;
- animal/ inseto/ peixe/ ave;
- ano sideral;
- aparelho/ máquina;
- casa;
- cor/ forma;
- corpo;
- esporte/ diversão;
- família;
- fruta;
- higiene/ saúde;
- legume/ verdura;
- matéria/ substância;
- nenhum;
- numeral/ dinheiro;
- país/ estado/ cidade;
- planta/ flor/ natureza;

- profissão/ trabalho;
- sentimentos;
- transporte/ veículo;
- vestuário/ complemento;

No quadro seguinte, apresentam-se as características de cada uma das versões da fonte lexicográfica referida.

	CD-ROM	Plataforma na internet
Versões	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – versão 2.0, 2005	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – versão 2.1 web, 2008
Vantagens	<ul style="list-style-type: none"> • Os verbetes sempre estão disponíveis • Há poucos erros ortográficos • Não precisa de acesso à internet • Possui a origem dos sinais mais detalhada 	<ul style="list-style-type: none"> • As entradas são lidas, desde que haja internet disponível, mesmo que não se tenha o CD-Rom • Possui um mecanismo de repetição automática dos verbetes • A plataforma é gratuita e pode ser acessada por qualquer pessoa, sem restrição
Desvantagens	<ul style="list-style-type: none"> • Os sinais reproduzidos são vistos rapidamente • Não existe um mecanismo de repetição automática • Não há um controlador de reprodução dos sinais • Não é possível analisar com clareza expressões não-manuais e alguns sinais datilológicos 	<ul style="list-style-type: none"> • Possui vários erros de ortografia e de sinais que não correspondem às entradas em LP • Alguns sinais podem estar indisponíveis • Não possui um controlador de velocidade na reprodução dos sinais • Alguns sinais não são

	<ul style="list-style-type: none"> • Alguns sinais não são suficientemente legíveis • Não há mecanismo de ampliação de imagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Não há um mecanismo de ampliação de imagem
--	---	--

Quadro 07 – Vantagens e desvantagens das versões do dicionário

Um dos recursos que ambas as versões do dicionário poderia ter para facilitar a pesquisa de sinais correspondentes à escrita da LP seria acessar os verbetes a partir de duas ferramentas do dicionário: o assunto e a ordem alfabética. Além disso, poderia ter um controlador de velocidade na reprodução dos sinais para que se visse mais nitidamente a sequencialidade e simultaneidade nos sinais, bem como se pudesse ampliar essas imagem de reprodução. Tais recursos seriam bastante úteis não só para a pesquisa, como também para os consulentes do dicionário, pois apreenderiam com mais detalhes os elementos que compõem os sinais.

Para análise dos dados, foi necessária a utilização do dicionário nas duas versões, CD-ROM 2.0 e versão da internet 2.1. A vantagem do CD-ROM é que os sinais estão sempre disponíveis, entretanto, a velocidade dos sinais é muito alta e, por este motivo, torna-se difícil analisar os empréstimos digitados e até mesmo ter uma percepção clara dos empréstimos de configuração visual dos lábios. Nesta versão do dicionário, também não há a ferramenta de repetição automática do sinal. Para rever o verbete é preciso clicar, a cada necessidade, na ferramenta TOCAR NOVAMENTE. O CD-ROM também foi usado para conferir possíveis erros encontrados na versão 2.1 da internet e para análise de sinais que se encontravam por diversas vezes indisponíveis na página da internet.

4.5 Os procedimentos da recolha e análise preliminar dos dados

Para recolha dos dados, optou-se por seleccionar apenas 16 das 21 categorias temáticas presentes no dicionário. Os campos temáticos seleccionados seguiram a sequência de apresentação conforme o dicionário, pulou-se o nenhum e o numeral/dinheiro. Os campos temáticos analisados foram: alimento/bebida, animal/inseto/peixe, ano sideral, aparelho/máquina, casa, cor/forma, corpo, esporte/diversão, família, fruta, higiene/saúde, legume/verdura, matéria/substâncias, país/estado/cidade, planta/flor/natureza e

profissão/trabalho, num total de 1.720 sinais. Estes foram analisados um a um. Os empréstimos transliterados, ou datilológicos – empréstimos decorrentes da escrita do português –, e os estereotipados também foram selecionados a partir de outras ferramentas do dicionário.

Os empréstimos por transliteração, além de serem selecionados pelas categorias temáticas citadas, também foram identificados por meio da ferramenta que busca os verbetes a partir da configuração de mão. Associa-se a CM da LSB à primeira letra da palavra em LP. Por exemplo, para buscar uma palavra transliterada que tem a letra D como inicial, entra-se em PESQUISA EM LIBRAS, na opção MÃO, e escolhe-se a CM que corresponda à letra “D”⁴⁰ e selecionam-se as palavras em LP que possuam a primeira letra “D”, como ocorrem em palavras como data, declaração, Deus, entre diversas outras que possuam este formato de mão.

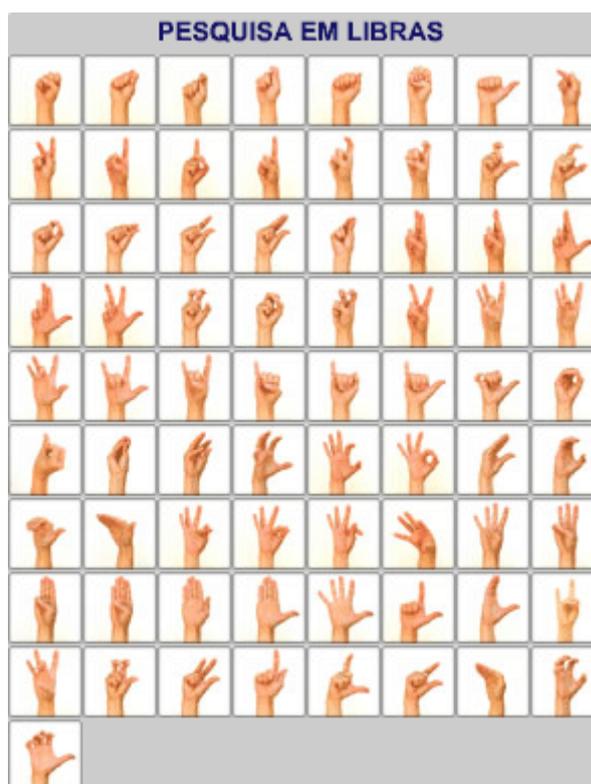


Figura 29 – Tabela com as 73 CMs disponíveis no Dicionário da Língua de Sinais Brasileira para a pesquisa a partir da LSB

⁴⁰ A configuração de mão que corresponde à letra D é esta



Outro tipo de empréstimo, que se utilizou de um recurso alternativo do dicionário para recolha de dados, foi o estereotipado. Faria (2009) diz que este tipo de empréstimo pode ser encontrado nas formas geométricas, símbolos matemáticos e sinais de pontuação. Para identificar mais empréstimos deste tipo, criou-se uma lista de palavras em português relacionadas a estes assuntos e buscaram-se estas palavras no dicionário. A lista das palavras usadas para pesquisar estes sinais encontra-se no APÊNDICE A. O uso das ferramentas do dicionário permitiu a identificação de vários empréstimos transliterados e estereotipados.

Na análise preliminar dos 1720 sinais examinados individualmente, foram identificados todos os tipos de empréstimos. Durante a busca dos empréstimos transliterados e estereotipados, através das ferramentas alternativas, foram encontrados mais alguns empréstimos cruzados, semânticos e da configuração visual dos lábios. O quadro 08 mostra a quantidade de empréstimos encontrados no total das buscas. É pertinente lembrar que há empréstimos que podem ocorrer simultaneamente a outros.

Tipos de empréstimos	Quantidade identificada
Empréstimos transliterados	423
Empréstimos da configuração visual dos lábios	675
Empréstimos semânticos (decalques)	4
Empréstimos estereotipados	28
Empréstimos cruzados	6

Quadro 08

4.6 Critérios para seleção e organização dos dados

Para recolha dos dados foram selecionados sinais que possuíam uma ou mais características relacionadas a seguir:

- I. correspondência entre uma configuração de mão da LSB e a primeira letra de uma palavra escrita em português, ou ao menos, uma semelhança da CM com a primeira letra da palavra em LP que indicasse uma provável adaptação fonológica.

Um exemplo disso é o sinal de LINGUAGEM⁴¹ que tem a CM em “L” ou o sinal de Itália que possui uma CM muito semelhante à CM da letra “I”⁴²;

- II. palavras digitadas completa ou parcialmente. Como, por exemplo, o sinal de S-U-C-O, completamente digitado e o sinal de APOSENTADO em que só a primeira e a segunda letra permanecem, enquanto as demais são apagadas;
- III. sinais que imitem as articulações das palavras da LP, sejam estas parciais ou completas, como, o sinal de AVÔ que imita a articulação completa deste sinal;
- IV. sinais que foram traduzidos literalmente da LP para LSB. É o caso do sinal de QUADRADO⁴³, no sentido de antiquado, que foi traduzida literalmente da LP com um sinal que imita o formato de um quadrado;
- V. sinais que imitam símbolos convencionados no ar de formas geométricas, símbolos matemáticos e sinais de pontuação. Uma exemplificação é o sinal de “TIL”, que produz no ar o sinal gráfico (~); e
- VI. sinais iguais da LSB que possuam palavras correspondentes idênticas na Língua Portuguesa ou muito semelhantes na escrita, como os sinais CARNE e CARNÊ que são iguais e semelhantes à grafia em LP.

⁴¹ Sinal de LINGUAGEM  que possui a CM em “L”  . Este sinal é realizado com um movimento circular.

⁴² A letra “I” é representada no alfabeto manual pela CM  , quando sofre adaptação fonológica costuma adquirir a CM  . Esta é a CM encontrada no sinal para ITÁLIA.

⁴³ Sinal de QUADRADO  . Este sinal pode também ser classificado como empréstimo estereotipado, pois imita o desenho da figura geométrica.

Com base nestas características, os dados foram organizados quanto à tipologia proposta por Faria. O quadro 12 relaciona o tipo de empréstimo da LSB às características que cada um apresenta.

Tipos de empréstimos	Características do empréstimo
Transliterados	(I) e (II)
Configuração visual dos lábios	(III)
Semântico	(IV)
Estereotipados	(V)
Cruzados	(VI)

Quadro 09

Neste capítulo apresentaram-se a fonte lexicográfica, os procedimentos metodológicos para recolha e sistematização preliminar dos empréstimos de acordo com a proposta de Faria (2009). No próximo capítulo, segue uma maior delimitação do *corpus* selecionado para uma análise mais aprofundada dos empréstimos transliterados.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Introdução

Neste capítulo, apresentam-se os procedimentos para análise dos dados, bem como a delimitação da mesma e do *corpus*. Almeja-se uma pesquisa mais detalhada dos sinais transliterados, ou seja, sinais que possuem origem na escrita da língua portuguesa por meio da datilologia. Apresentam-se os fundamentos para análise dos dados, procedimentos para análise e a análise geral dos empréstimos transliterados.

Segue-se com o resultado da análise, que está dividida em duas partes: classificação dos empréstimos transliterados e identificação dos tipos de mudanças na importação. Com base nas modificações que ocorrem nas configurações de mão (CM), analisam-se as adaptações fonológicas presentes nos sinais.

Prosegue-se com uma breve análise dos empréstimos de configuração visual dos lábios, semânticos, estereotipados e cruzados. O capítulo é concluído com a identificação de semelhanças tipológicas entre os empréstimos nas línguas orais e na língua de sinais brasileira, com base na proposta de Carvalho (1989).

5.2 Delimitação da análise e do *corpus*

Para uma análise mais aprofundada dos empréstimos do português para a LSB, optou-se por delimitar a análise dos dados apenas aos empréstimos que têm sua origem motivada pela grafia da LP por meio do alfabeto manual, seja o sinal digitado parcial ou totalmente, reduzido a uma CM datilológica, seja sinais cuja CM é motivada pela 1ª. letra da palavra em LP, em outras palavras, empréstimos transliterados. Os demais tipos de empréstimos serão brevemente analisados na seção 5.7 deste capítulo.

O outro recorte é referente aos dados que foram investigados. Apenas os sinais transliterados simples compõem o *corpus* analisado. Os sinais simples são constituídos por apenas um sinal. Existem também os sinais compostos, estes podem ser dotados de dois ou

mais sinais. Por exemplo, o sinal BIÓLOGO possui duas partes, o sinal HOMEM seguido do sinal BIOLOGIA e pode ser representado pelo sistema de transcrição como HOMEM^BIOLOGIA.

Muitos dos sinais compostos possuem em sua estrutura sinais transliterados simples. Diversos destes sinais simples estão bem integrados ao sistema linguístico da LSB e, por isso, encontram-se disponíveis nesta língua para a criação de novos sinais.

O processo de construção de novos itens lexicais pode ser por composição ou por outros mecanismos produtivos em LSB. O sinal BIOLOGIA é um sinal por transliteração simples porque apresenta apenas um sinal e tem sua CM correspondente à letra “b”. Este é um tipo de sinal que atende os requisitos de um sinal transliterado simples. Note que este sinal está bem acomodado ao sistema e pode ser aproveitado na construção de novos sinais.

5.3 Fundamentos para a análise dos dados

Faria (2009) propôs uma subdivisão dos empréstimos por transliteração em pragmática, lexicalizada e da letra inicial, o que nos serviu de fundamento teórico para a classificação dos dados. Nossa análise prossegue com base também nas oito mudanças identificadas por Battison (1978), que fazem parte do processo de lexicalização dos sinais digitados em ASL. As oito mudanças são usadas aqui como referências para analisar a LSB. Investiga-se se a LSB possui os mesmos processos reestruturadores de empréstimos oriundos das línguas orais.

5.4 Procedimentos para a análise

Por tratar-se de dados retirados de um dicionário, todos os sinais que o compõe serão considerados como sinais pertencentes à língua de sinais brasileira, variedade do Rio de Janeiro. Parte-se do pressuposto de que nenhum dos empréstimos por transliteração pragmática é provisório. Entretanto, podem existir os sinais por transliteração pragmática permanente, ou seja, completamente digitados. Esses ocorrem em situações que exigem o uso da datilologia em sua forma integral, como nome de pessoas e nome de lugares.

Para análise dos dados, os procedimentos adotados foram:

1° Separação de sinais compostos dos simples

2° Separação de sinais simples em:

- Sinais simples com uma CM
- Sinais simples com digitações parciais e totais

3° Sinais simples com uma CM

- Inicialização (transliteração da letra inicial)
- Redução datilológica (transliterações lexicalizadas)

4° Sinais simples com transliterações parciais e totais

- Sinais digitados parcialmente
- Sinais digitados completamente

5° Sinais digitados parcialmente

- Análise das letras que sofrem síncope

6° Sinais digitados completamente

- Sinais cuja CM muda
- Sinais sem nenhuma mudança

7° Análise das mudanças que ocorrem nos sinais transliterados simples.

- Configurações de mão apagadas
- Ponto de articulação modificado
- Configurações de mão modificadas
- Orientação da palma da mão modificada
- Reduplicação de movimento
- Adição de uma segunda mão
- Informação gramatical adicionada

5.5 Análise geral dos empréstimos transliterados

Os empréstimos transliterados simples, foco desta pesquisa, são na sua maioria nomes: substantivos e adjetivos. Portanto, estas são as classes de palavras mais afetadas pelos empréstimos por transliteração. No total, foram identificados 336 sinais transliterados simples, quais sejam, substantivo, advérbio, preposição, adjetivo, interjeição, pronome, verbo, numeral e conjunção. No entanto, mais de 90% dos sinais transliterados são nomes. Isso não é

novidade, pois vários linguistas já mencionaram a facilidade de adaptação dos substantivos nas línguas receptoras. Os sinais transliterados simples identificados nesta pesquisa estão no APÊNDICE B.

A LSB não possui artigo, e a presença da preposição PARA, identificada nos dados é um exemplo claro da interferência da LP na LSB. No quadro 10, mostram-se a classe de palavra a que um sinal pertence e a quantidade encontrada, no decorrer da pesquisa.

Classe de palavras	Quantidade
Substantivo	258
Adjetivo	52
Verbo	11
Advérbio	5
Conjunção	3
Interjeição	2
Pronome	2
Preposição	1
Numeral	1
sem categorização	1
Total:	336

Quadro 10

Assim como nas línguas orais, percebe-se que os verbos não são classes tão abertas para adoção de empréstimos. Pelos dados, advérbios, conjunções, interjeições, pronomes, preposições e numerais também sofrem pouca interferência da LP. A LSB tem vários mecanismos espaciais e expressões não-manuais que ocupam estas funções gramaticais, não sendo, portanto, necessário recorrer a empréstimos para preencher estas funções gramaticais.

Os sinais emprestados tendem a acomodar-se à LSB da mesma forma que itens lexicais estrangeiros adaptam-se a uma língua receptora. Quase todos os sinais tomados de empréstimo da LP sofreram algum tipo de adaptação estrutural, uns mais outros menos, raros são os sinais sem mecanismo de adaptação. Até mesmo sinais emprestados que possuem duas letras como o sinal de #AR, para adaptar-se melhor a língua, muda a orientação da palma da mão e tem a CM R um pouco modificada para melhor adequar-se aos padrões fonológicos da LSB.

Os movimentos propostos por Faria (2009) para sinais reduzidos foram: movimento vibratório com torção do pulso, movimento circular no ar e movimento horizontal retilíneo curto em direção oposta ao corpo. Todos os três são realizados no local da datilologia. Com base na observação dos dados da pesquisa, propõe-se que outros movimentos realizados no ponto de articulação datilológico façam parte dos sinais que sofreram redução. Adicionou-se à relação de Faria os sinais com os seguintes movimentos:

- Movimento curto para cima e para baixo (↕)
- Movimento curto de um lado para o outro (↔)
- Movimento horizontal curto para frente

Ferreira (1995), na tipologia de empréstimo da LSB, mencionou os empréstimos de domínio semântico. Estes afetariam mais determinados campos semânticos que outros. Isso realmente parece ocorrer na língua. A ferramenta do dicionário, denominada ASSUNTO, permite acesso aos verbetes pelo campo temático e por meio desta ferramenta, pode-se concluir que realmente existem áreas mais sensíveis à adoção de empréstimos.

O campo temático mais influenciado pelos empréstimos por transliteração é o de nome de lugares, aproximadamente 39% dos sinais possuem elementos advindos da LP. O menos influenciado é o campo temático relacionado ao corpo com um pouco mais de 4% do *corpus* afetado. O quadro 11, mostra em percentuais, quais campos temáticos foram mais influenciados na adoção de empréstimos lexicais. A tabela começa pelos assuntos menos influenciados pela LP e vai até os mais influenciados.

Campo semântico	Quantidade de sinais emprestados %
Corpo	4,13 %
Animal/ inseto/ peixe/ ave	4,63 %
Aparelho/ máquina	4,92 %
Esporte/ diversão	6,41 %
Casa	7,54 %
Higiene/ saúde	7,87 %
Fruta	8,33 %
Legume/ verdura	12 %
Profissão	14,85 %

Planta/ flor/ natureza	18,01 %
Alimento/ bebida	18,69 %
Matéria/ substâncias	20 %
Ano sideral	27,14 %
Cor/ forma	30,76 %
Família	31,11 %
País/ Estado/ Cidade	39,04 %

Quadro 11

5.6 Resultado da análise dos dados

Classificaram-se os dados da análise com base nos procedimentos adotados em 5.4. Na seção 5.6.1 será apresentada a classificação dos empréstimos transliterados e, na seção 5.6.2, os tipos de mudanças identificadas nos empréstimos por transliteração com base nas oito mudanças identificadas por Battison em ASL, como visto na página 40.

5.6.1 Classificação dos empréstimos transliterados

- **Empréstimos por transliteração pragmática**

Para proceder a essa análise, partiu-se do pressuposto de que nenhum sinal se apresentaria como empréstimo por transliteração pragmática provisório, pois são dados retirados de um dicionário, e, todos são considerados elementos efetivos da LSB. Por serem dados retirados de uma obra lexicográfica, os sinais adquirem um caráter permanente no sistema, que pode ser atualizado ou não, e, como em qualquer língua, as palavras estão sujeitas a alterações diacrônicas.

Quanto aos empréstimos por transliteração pragmática permanente, foram poucos os sinais encontrados nos dados como o sinal # SALA, completamente digitado e que não possui nenhum tipo de mecanismo reestruturador, embora a comunidade surda do Rio de Janeiro tenha a característica de usar muitos sinais soletrados, como mencionado na concepção e metodologia do dicionário digital utilizado na pesquisa.

Os sinais classificados como pragmáticos correspondem aos sinais digitados completamente e sem nenhuma mudança na configuração de mão. Os sinais com estes

requisitos foram identificados no 6º passo dos procedimentos para análise dos dados. Este tipo de importação costuma permanecer em palavras de curta extensão, com no máximo, de quatro a cinco letras, pois a partir destes números, as CMs tendem a mudar, serem apagadas, ou sofrerem outros mecanismos de acomodação.

Todavia, mesmo as soletrações permanentes, como nomes próprios, nome de pessoas podem sofrer alteração nas CMs de mão. Isto, contudo não foi identificado nos dados, mas, Quadros e Pimenta (2006) apresentam nome de pessoas que têm as CMs de mão alteradas para melhor fluidez dos sinais. Assim sendo, até sinais que tenderiam a permanecer sem mudanças são passíveis de alterações, como se observa nos exemplos.

Nomes em LP	Digitação completa	Digitação adaptada
Ana		
Ivo		
Ari		

Quadro12 – Baseada em Quadros e Pimenta (2006:22)

- **Empréstimos por transliteração lexicalizada**

Os empréstimos por transliteração lexicalizada compõem a maioria dos sinais identificados, aproximadamente 60% dos sinais identificados entre os sinais transliterados simples. Os sinais por transliteração lexicalizada podem ser divididos em dois grandes grupos: sinais reduzidos a uma CM que permanecem no espaço datilológico e sinais datilológicos lexicalizados com mais de uma CM. No quadro 16, mostra-se o tipo de movimento e seu respectivo exemplo de sinais reduzidos a uma CM, que permanecem no ponto de articulação da datilologia.

Tipo de movimento	Sinais reduzidos a uma CM
movimento vibratório	# GEOGRAFIA
movimento circular no ar	# ASSOCIAÇÃO

movimento horizontal retilíneo curto para a lateral	# COORDENADOR
Movimento curto para cima e para baixo	# MINUTO
Movimento curto de um lado para o outro	# FEVEREIRO
Movimento horizontal curto para frente	# ÁS (carta do baralho)

Quadro 13

Os empréstimos transliterados lexicalizados, parcialmente digitados, geralmente sofrem algum tipo de abreviação, sistematizadas no quadro 14, com seus respectivos exemplos na LSB.

Tipos de abreviações	Exemplos
Permanência da 1 ^a . e da última letra	# GAY
Permanência da 1 ^a . e 2 ^a . letra	# BILHÃO
Permanência da 1 ^a ., 2 ^a .e da 3 ^a . letra	# ZOOLÓGICO
Permanência da 1 ^a . e letras média	# SHOPPING
Permanência das 1 ^a . letras de palavras compostas da LP ⁴⁴	# JIU-JITSU
Apagamento de vogais no meio dos sinais	# BOMBOM
Motivada por sigla da LP	# DISTRITO FEDERAL

Quadro 14

Na ASL, a restrição para mudança de CM é de duas mudanças, mas na BSL já se encontra até três, entretanto, há diversos sinais que violam estas restrições, alguns podem estar em processo de lexicalização. Assim, diversos sinais de quatro e cinco letras digitadas completamente foram identificados na LSB, mas com seis letras, as reestruturações são frequentes, ou as CMs de mão modificam-se mais, ou são apagadas. Observe-se que quanto menores são os sinais digitados na LSB, mais chances têm de se tornar parte da língua.

⁴⁴ É importante mencionar que as palavras em português são compostas por mais de um elemento, entretanto, quando entram na LSB, são consideradas como sinais simples. Por exemplo, a palavra testemunha de Jeová em português, recebe o sinal com as CMs T e J.

- **Empréstimos por transliteração da letra inicial (inicialização)**

O empréstimo por transliteração da letra inicial é um recurso muito útil na LSB e é bastante produtivo na inovação lexical, apesar de alguns surdos não considerarem este tipo de empréstimo transparente dentro do sistema. Os sinais inicializados correspondem a aproximadamente 40% dos dados do *corpus*.

Há uma linha tênue que divide os sinais com transliteração da letra inicial dos sinais com transliteração lexicalizada, reduzidos a uma letra. O sinal FELIZ encontrado no dicionário é de difícil classificação, porque poder-se-ia argumentar a favor da inicialização, pois começa com a CM da 1ª. letra da palavra correspondente em LP. Também adquire um movimento que não faz parte dos três movimentos propostos por Faria e nem pelos sugeridos neste trabalho que pudessem caracterizar uma redução datilológica. Há ainda, o acréscimo de uma segunda mão.

Em contrapartida, pode-se argumentar a favor da redução, pois a CM é da primeira letra, entretanto, o movimento é semelhante ao da CM da letra z, ou seja, da última letra, o que torna o sinal de FELIZ reduzido, que teve a CM alterada no processo de lexicalização. Este é um fenômeno muito comum nos sinais por transliteração lexicalizada.

5.6.2 Tipos de mudanças identificadas nos empréstimos por transliteração a partir das 8 mudanças identificadas por Battison (1978) em ASL

Os processos de lexicalização para sinais emprestados, apresentados por Battison (1978) na ASL, também foram identificados na LSB. Podem ocorrer mais de uma, das oito mudanças, simultaneamente. O sinal # SHOW, por exemplo, usado na fala de Brasília passa pelos seguintes processos lexificadores: configurações de mão são apagadas, a orientação da mão muda e a segunda mão é adicionada.



Figura 30 – sinal SHOW

De forma semelhante, muitos sinais no processo de acomodação de itens lexicais emprestados podem sofrer com mais de uma das oito mudanças relacionadas. O quadro 15 é um quadro de mudanças dos sinais datilológicos lexicalizados com seus respectivos exemplos em LSB.

Mudanças	Exemplos de sinais da LSB
Configurações de mão apagadas	#ADJETIVOS, # GAY, # QUEM 2 ⁴⁵ , # VAGEM 1
Localização (P.A) modificadas	# AMAPÁ, # CURSO, # DÍZIMO
Configuração de mão modificada	# EMA, # LOJA, # LUCRO, # PAR 1, # VÍCIO
Movimento adicionado	# VENEZUELA, # VENTO, #ASSOCIAÇÃO, # BRASIL
Orientação da palma da mão modificada	# URSO 1, # AR, # BELO HORIZONTE, # DOUTOR, # ILHA
Movimento reduplicado	# FOFOQUEIRO, # LETRAS, # PRATA
Segunda mão adicionada	# COMUNICAÇÃO, # FAMÍLIA, # HIPPIE, # REGRA
Informação gramatical adicionada	# SOL

Quadro 15

Em quase todos os sinais analisados, pelo menos uma destas mudanças ocorrem, raros são os casos de sinais como # SUCO, # VAGA em que não há nenhuma modificação na estrutura datilológica e permanecem na língua sendo efetivamente usados.

⁴⁵ Os números pospostos a palavras são relativos a numeração encontrada no dicionário pois há mais de uma entrada como estes nomes.

A grande maioria dos sinais sofre com pelo menos umas destas mudanças. Esses processos lexicadores da ASL também estão presentes na LSB para integração dos sinais emprestados como unidades da língua e não como o recurso da datilologia. Os sinais puramente datilológicos, geralmente, possuem um ritmo diferente dos sinais datilológicos lexicalizados.

5.6.3 Adaptação fonológica das CMs ocasionadas pelos empréstimos por transliteração

Por meio dos dados, percebe-se que os sinais datilológicos quase sempre têm as CMs de mão alteradas. Wilcox (1992) *apud* Wilcox e Morford (2007, p.172) bem observou este fato, quando mencionou as características fluidas que os sinais digitados adquirem. Com os dados, duas tabelas foram feitas para mostrar as transformações nas CMs neste processo de acomodação. A seguir, o quadro 16 mostra as possíveis adaptações nas configurações de mãos dos sinais transliterados e o quadro 17 mostra as CMs que geralmente sofrem mudanças no formato da mão em presença de uma CM específica.

CM	CM adaptada
CM R  ⁴⁶	
CM B 	
CM M 	
CM I 	

⁴⁶ As ilustrações das configurações de mão foram retiradas de Quadros e Pimenta (2006, p. 73)

CM E 	 ou 
CM H 	
CM N 	
CM F 	
CM P 	

Quadro 16 – mudanças nas CMs

O quadro 16 mostra que as mudanças nas CMs quase sempre são no sentido de relaxar o movimento.

CM D 	+	CM I 	=	CM 
CM L 	+	CM U 	=	CM 
CM L 	+	CM I 	=	CM 
CM N 	+	CM O 	=	CM 

Quadro 17

O quadro 17 mostra as contrações que duas CMs podem sofrer, assim como determinados sons na presença de outros passam por processos de contrações.

5.7 Breve análise dos empréstimos da configuração visual dos lábios, semânticos, estereotipados e cruzados

Os sinais que tomam emprestado a configuração visual dos lábios (CVL), em geral, são realizados simultaneamente aos sinais manuais. Por esse motivo, alguns dos empréstimos em LSB podem co-ocorrer, ou seja, é possível ter um ou mais empréstimos no mesmo sinal. Como, por exemplo, no sinal AÇO, que é composto em LSB, digita-se a palavra aço e depois segue o sinal de ferro, pelo sistema de transcrição tem-se A-Ç-O^FERRO. Além de ser soletrado, letra por letra da LP se combinando com a CM da LSB, há também o empréstimo da configuração visual dos lábios, em que o sinal é acompanhado das articulações labiais da palavra em português. Apesar desta palavra ser composta em LSB, a CVL só imita as articulações da palavra aço.

No *corpus* selecionado para a análise, com 1720 verbetes, foram identificados 675 sinais que se utilizam da CVL, o que dá um total de aproximadamente 40% dos sinais analisados. Porém, a quantidade de CVL pode ser ainda maior. Muitas vezes, a imagem do dicionário não estava nítida, o que impossibilitou uma análise mais detalhada. Entretanto, a CVL pode ter um uso mais individualizado, pois há surdos que parecem se utilizar mais deste tipo de empréstimos que outros.

A configuração visual dos lábios merece um estudo mais aprofundado para se concluir algo, se está relacionada à sintaxe, se há algum uso obrigatório. Parece existir sinais que não podem receber este tipo de empréstimo, pois já possuem outros elementos constitutivos no sinal cujo uso da boca é necessário. O sinal EMAGRECER se serve da expressão não-manual com o ato de contrair as bochechas, como na figura 30. Neste tipo de sinal o uso da CVL poderia ser considerado um erro porque o ato de contrair as bochechas pertence ao sinal EMAGRECER e não é possível realizar simultaneamente a CVL.



Figura 31 – sinal EMAGRECER

As imitações das articulações se apresentaram de forma parcial ou completa. No sinal ASSADO, a imitação é parcial da palavra em LP e corresponde à 1ª. e 2ª. sílabas que resulta em *assa*. No verbete BARRA, a imitação desta palavra é completa e no sinal BEBIDA, copia-se apenas a 1ª sílaba *be-*.

O que se questiona é que se há regularidades, quais são as possíveis regras que norteiam o uso da CVL? Não existem respostas ainda. O que é notado na convivência com surdos é que, em determinados momentos, o indivíduo surdo na presença do ouvinte pode fazer um uso maior deste tipo de recurso e em ambientes com mais surdos sinalizantes a CVL parece diminuir. Portanto, faz-se necessário um estudo mais aprofundado deste tipo de empréstimo que mesmo presente em muitas línguas de sinais, não tem os papéis bem delineados dentro do sistema.

Os empréstimos estereotipados, identificados pela análise individual dos 1720 itens e da lista de palavras no APÊNDICE A, somam um total de 28 sinais. Estes foram organizados no quadro 18. É importante frisar que, neste tipo de empréstimo, o desenho gráfico do símbolo convencionalizado é perceptível na reprodução do sinal. Para facilitar o entendimento da tabela, é importante mencionar que o acento circunflexo (^), quando usado entre palavras ou figura geométrica, significa que é um sinal composto. A separação de palavras com o hífen (-) significa que o sinal é datilológico. Os acentos, sinais de pontuação, desenhos geométricos são representados por figuras gráficas desenhadas no ar ou por alguma outra estratégia com sinais manuais.

Estereotipados	Símbolo convencionalizado
1. rã	R-A- ~
2. pá	P-A - ´

3. área	□^LAVAR-ROUPA
4. quarto 4	□ ^DORMIR
5. esfera	○
6. losango	◇
7. redondo	○
8. retângulo	□
9. pé	P-E- ´
10. bola 5	○ ^VIDRO
11. piscina	□ ^NADAR
12. quadra	□
13. lâ	L-A- ~
14. lousa	□^ESCREVERQUADRO
15. lago	ÁGUA^ ○
16. lagoa	ÁGUA^ ○
17. Acento 1	^
18. Acento 2	´
19. Aspa	“ ”
20. Til	~
21. Ponto 4	!
22. Ponto 5	?
23. Vírgula	,
24. Parênteses	()
25. Adicionar 2	+
26. Mais 2	+
27. dividir	⌊
28. Multiplicação	x ^SOMAR

Quadro 18

Os empréstimos estereotipados podem ser encontrados isolados ou associados a outros sinais, ou seja, podem se tornar sinais compostos; o til e o acento agudo são encontrados nos dados, geralmente associados à datilologia.

A maioria dos sinais estereotipados identificados é realizada no ar copiando o desenho gráfico convencional. Sinais como ÁREA, QUARTO, PISCINA, LAGOA, entre outros são

comuns na LSB. Estes sinais possuem característica descritiva de como este objeto é visto no mundo, geralmente o estereótipo, e imita-se o formato usando símbolos geométricos. É válido esclarecer que se a forma geométrica for vista no plano-chão, será desenhada no ar, no plano-chão. Se for vista no plano-parede, será desenhada no ar, no plano-parede. Por exemplo, no sinal PISCINA, desenha-se um retângulo no ar, no plano-chão e depois segue o sinal NADAR. Sabe-se que existem vários formatos de piscina, mas o estereótipo de piscina é em formato retangular.

Os empréstimos semânticos são sinais cujo valor semântico é o mesmo que o da LP. Pelo corpus analisado, apenas quatro sinais foram identificados como decalque. Este tipo de empréstimo se reveste de características da língua receptora, o que torna difícil de ser identificado como estrangeiro.

Os quatro sinais selecionados são traduções literais de referentes da LP. Os sinais CAFÉ^MANHÃ e LICENÇA^PRÊMIO foram traduzidos sinal a sinal. Já em QUADRADO e LUA-DE-MEL aproveitaram-se as propriedades visuais da LSB para realizar esta importação.

LP	LSB
Café-da-manhã	CAFÉ^MANHÃ
Licença-prêmio	LICENÇA^PRÊMIO
Quadrado (usado com sentido de antiquado)	Representa um quadrado no ar ⁴⁷
Lua de mel (SINAL LUA)	Representa no ar o formato de lua

Quadro 19

O quadro seguinte – 20 apresenta os empréstimos cruzados, sinais que recebem o mesmo sinal pela semelhança das palavras em português; foram identificados apenas seis pares.

⁴⁷ Ver ilustração da página 73, nota de rodapé 43.

Empréstimos cruzados	
Carne (alimento)	Carnê (bloco de papel)
Camelo (animal)	Camelô (profissão)
Pará (Estado)	Para (preposição)
Camarões (País)	Camarão (crustáceo)
Palmas (estado)	Palmas (saudação)
Peru (país)	Peru (animal)

Quadro 20

5.8 Tipologia dos empréstimos proposta por Carvalho (1989) para a língua de sinais brasileira

Até o momento, a análise dos dados pautou-se unicamente nos estudos sobre empréstimos em línguas de sinais. Contudo, também é possível encontrar semelhanças entre empréstimos nas línguas orais e empréstimos nas línguas de sinais. Tomando como base a tipologia apresentada por Carvalho (1989) serão evidenciadas as semelhanças das importações que ocorrem tanto nas línguas orais como nas línguas de sinais.

A LSB é uma língua que adquire empréstimos íntimos da LP. Como bem salienta Carvalho, neste tipo de importação há sempre uma língua com maior prestígio, no caso, é claro, a LP tem este *status* e a LSB é a de *status* socialmente inferior. Esta realidade é facilmente comprovada, pois muitas pessoas ainda tratam a LSB como gestos, mímica, linguagem e não como uma língua plena, como a LSB é de fato.

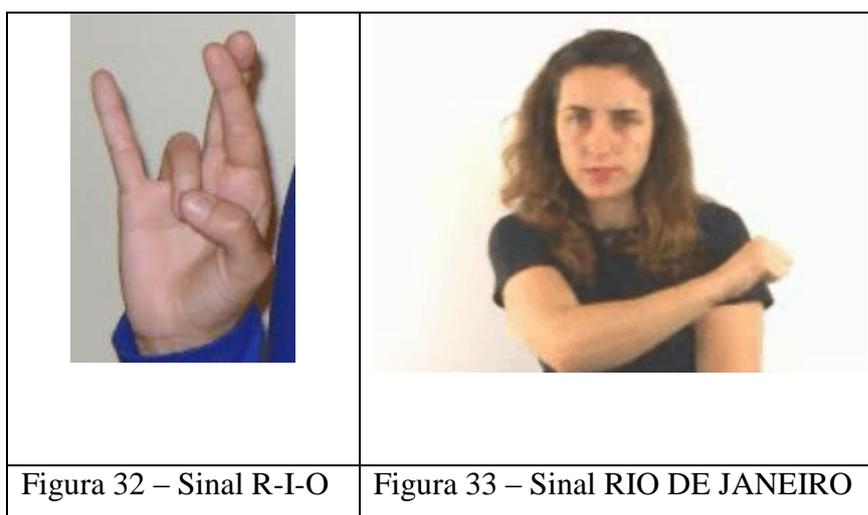
Quanto à origem, podem-se perceber empréstimos dialetais nos dados analisados. Esta informação está disponível apenas na versão do CD-ROM 2.0, já que a versão da internet não contém esta informação. No verbete do dicionário em CD-ROM há um retângulo, denominado de ORIGEM, em que se encontra a informação do local de surgimento do sinal, com a sigla ou nome do estado de origem.

As siglas identificadas no *corpus* foram: SP, RJ, RS, MG e o estado do Pará, os demais sinais são classificados como nacionais. Os empréstimos entre estados compõem mais de 6% dos dados analisados e o estado com mais contribuições é São Paulo. Quanto aos empréstimos

externos, há diversos empréstimos da LP à LSB, como tem sido demonstrado nesta pesquisa. Contudo, pelos dados do dicionário não foram evidenciados empréstimos de outras línguas de sinais ou mesmo de outras línguas orais.

Na LSB, também nota-se que há sinais que já estão mais adaptados à língua; se comparado a outros, têm um uso social mais efetivo, enquanto outros sinais têm um uso mais individualizado. Como exemplo, cita-se o sinal R-I-O (Figura 32) para o estado do Rio de Janeiro usado durante algum tempo por alguns surdos da comunidade de Brasília. Este exemplo, além de ser mais individualizado, parece ter caído em desuso. Existem níveis diferentes de adaptação de palavras ainda em processos de reestruturação para acomodar itens lexicais na língua receptora.

O sinal de RIO DE JANEIRO (Figura 33) que está socializado não é empréstimo, entretanto o sinal de R-I-O, digitado, pode ser considerado um estrangeirismo se for levado em consideração o grau de socialização deste. O sinal # RIO toma uma CM de mão que consegue unir as três CMs que correspondem as letras “r”, “i” e “o”. A letra “r” é representada pelo cruzamento do dedo indicador com o dedo médio, a letra “i” representada pelo dedo mínimo e o “o” representado pelos dedos polegar e anular que se unem e formam um quase círculo com estes dedos.



Segundo a forma de derivação, direto e indireto, a grande maioria dos empréstimos é direto da LP para a LSB. Contudo também pode ser comprovado pelo *corpus* que esta importação pode ocorrer indiretamente.

O sinal de JIU-JITSU, que é realizado pelas CMs de mão *J-J*, primeiramente foi tomado de empréstimo da língua japonesa. Outro exemplo de empréstimo indireto é o sinal de GAY, que é originário da língua inglesa para o português e depois para LSB e se apresenta com o sinal *G-Y*.

Como já foi evidenciado amplamente nesta pesquisa e em especial neste capítulo. Ao se adotar uma palavra externa de um sistema linguístico para outro, a língua receptora desenvolve mecanismos de adaptação para integrá-la ao sistema. Também foram encontradas neste estudo, palavras decalcadas como vistas nos empréstimos semânticos. Quanto à adaptação fonética, é obrigatória em se tratando de empréstimos de uma língua oral para uma espaço-visual.

A função, intenção ou necessidade de uso, também são evidenciados na LSB. O empréstimo denotativo é constante entre a LP e a LSB, pois sempre há a necessidade de se introduzir novos conceitos e objetos como, por exemplo, o sinal CD-ROM ou o sinal ÉTICA. O empréstimo conotativo é encontrado no *corpus* com função expressiva no sinal # OBA da LSB.

Embora haja muitas aparentes diferenças entre línguas de sinais e línguas orais, existem diversos mecanismos linguísticos que podem ser compartilhados. Com isso, reafirma-se cada vez mais o *status* linguístico das línguas de sinais – línguas plenas. Por isso, as semelhanças das línguas de sinais com as línguas de modalidade oral-auditiva sempre estarão presentes.

Apesar das idiossincrasias da LSB, a tipologia dos empréstimos proposta por Carvalho (1989), serve também para agrupar os empréstimos da LSB, obviamente que com as devidas particularidades explicitadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, realizou-se um estudo descritivo dos empréstimos do português para a língua de sinais brasileira – LSB. O foco da pesquisa foram os empréstimos transliterados, ou seja, sinais que têm sua origem na escrita da língua portuguesa e que chegam à LSB por meio da datilologia. Assim como em Battison (1978), *apud* Machabée (1995, p.31), os sinais datilológicos reestruturados são considerados empréstimos de uma língua oral para uma língua de sinais e não somente a representação da escrita de uma língua oral como Valli e Lucas (1992, p.43) sugeriram a respeito dos sinais digitados.

Os sinais datilológicos da LSB, advindos do português, geralmente, quando entram na língua receptora, apresentam as mesmas características de palavras emprestadas das línguas orais-auditivas. Os empréstimos de uma língua oral para outra língua de mesma modalidade podem sofrer adaptações fonológicas, ortográficas e ganhar uma aparência mais nativa. Semelhantemente, alguns sinais emprestados do português para a LSB adaptam-se tão plenamente, que sua origem exógena é disfarçada e muitos falantes nativos podem não perceber sua verdadeira origem.

Além da descrição e análise dos empréstimos linguísticos, esta pesquisa teve como objetivo investigar se o constante contato entre a LSB e a LP poderia ocasionar uma mistura de línguas. Questionou-se se a LSB poderia se criouliizar devido aos empréstimos lexicais provenientes da LP.

A entrada de itens lexicais do português na Língua de Sinais Brasileira não configura procedimento de criouliização da LSB. Os argumentos que sustentam esta afirmação são: as restrições fonológicas da LSB dificultam a permanência de itens lexicais emprestados, a quantidade de itens lexicais emprestados da LP não é suficientemente numerosa e os sinais nativos parecem ser a preferência dos usuários da LSB. Nessa perspectiva, os empréstimos linguísticos do português para a LSB estão contrários a criouliização. Embora haja diversas formas de adaptação e acomodação da LP para a LSB. Oliver Sacks (1998, p. 91), sobre o léxico das línguas de sinais explana que

[...] o verdadeiro vocabulário da língua de sinais é muito mais vasto e rico do que o representado por qualquer dicionário existente. As línguas de sinais estão evoluindo quase explosivamente em nossa época [...]. Existe uma contínua proliferação de neologismos: alguns deles são empréstimos do inglês (ou de qualquer língua falada nas proximidades), algumas são representações miméticas, outras invenções *ad hoc*, mas a maioria é criada pela notável

variedade de recursos formais disponíveis na própria língua. (SACKS, 1998, p. 91)

A afirmação de Sacks parece se confirmar na LSB, pois os recursos disponíveis para a construção lexical são bastante ricos. A tarefa de localizar sinais emprestados da LP no Dicionário Digital da Língua de Sinais Brasileira foi árdua. Os empréstimos do português estão presentes, entretanto, como bem mencionaram Quadros e Karnopp (2004, p. 88), estão na periferia do léxico.

Como hipótese de crioulização, pode-se aventar a seguinte condição: os sinais nativos da LSB seriam substituídos por palavras emprestadas da LP, por meio de um processo de relexificação. A LSB, em seu léxico, não apresenta ainda marcas de crioulização ou de qualquer mistura destes sistemas linguísticos, o que significa dizer que não há sinal de relexificação desta língua.

Nessa perspectiva, não pode haver crioulização da LSB por contato com a LP. As interferências do contato entre estas línguas, atualmente, parecem ser apenas a cópia de itens lexicais da LP e uma motivação para criação de sinais.

Sabe-se da importância da língua de sinais para uma comunidade surda, que é aceita por muitos surdos como língua natural, de conforto e de aprendizagem. Pela realidade do contato entre as duas línguas, os empréstimos sempre existirão. Os empréstimos não são ruins para o sistema, muito pelo contrário, viu-se que o encontro de culturas, através das línguas, são experiências enriquecedoras.

A realidade da LSB, atualmente, é sustentada por processos de criação dentro do próprio sistema, o que não significa que a língua de sinais não receba empréstimos da LP. Em nossa perspectiva de análise, o contato da LSB com a LP não provoca crioulização de nenhuma das duas línguas.

Durante a pesquisa, observou-se que a semelhança das línguas de sinais com as línguas crioulas não se deve apenas à situação de marginalização e desprestígio que possuem, mas, parece ter uma razão de ser. Acredita-se que as línguas de sinais são, em sua origem, línguas crioulas, com suas especificidades.

É preciso lembrar que as línguas crioulas, geralmente, formam-se a partir de pidgins, que se tornaram a primeira língua de alguém. De forma análoga, a LSB parece ter sido formada por um pidgin também, entretanto, ao invés de ser um pidgin constituído de línguas incompletas e fragmentadas, foi constituído de gestos e estruturas caseiras, usadas por surdos. Depois que os surdos passaram a ter mais convivência, passaram a desenvolver uma espécie

de pidgin e, crianças surdas que tinham acesso a esses gestos domésticos, começaram a gramaticalizá-los, da mesma forma que crianças que tiveram como *imput* línguas fragmentadas. Os surdos, assim como as comunidades que desenvolveram pidgin, não possuíam nenhuma língua com que pudessem se comunicar.

A tese de que a LSB é originalmente uma língua crioula é um bom argumento para a possível origem da LSB, bem como de outras línguas de sinais e também poderia justificar a grande quantidade de sinais que possui alguma característica icônica, pois a origem dos sinais seriam os gestos caseiros que, no decorrer das gerações, tornaram-se cada vez mais, entidades imotivadas iconicamente e sim signos linguísticos, porque permanecem com traços da verdadeira origem, que receberam uma gramática por meio das crianças surdas.

Conclui-se esta pesquisa com as palavras de J.Schuyler Long (1910), diretor da Iowa School for the Deaf, conforme Sacks (1998), quando argumenta sobre a língua de sinais. “[...] Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da Terra e elas se encontrarem, serão usados sinais.”

REFERÊNCIAS

ARRAES, F. C. C.L. Empréstimos linguísticos do inglês, com formativos latinos, adotados pelo português do Brasil. Brasília, 2003. Vol.1. Tese (Doutorado em linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

_____. Empréstimos linguísticos no português do Brasil: uma interpretação variacionista. Brasília, 1999. 112 F. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

BAGNO, M. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola. 12ª Edição. 1999. ISBN: 85-15-01889-6

BANKER-SHENK, L; COKELY, D. American sign language: a teacher's resource text on grammar and culture. **Washington: Gallaudet University Press. 1980. ISBN 0-930323-84-X**

BASILIO, M. **Formação e classe de palavras no português do Brasil**. SP: Contexto, 2004.

_____. **Teoria lexical**. SP: Editora Ática, 1987.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt and Company. 1993

BRASIL. **Decreto-lei n.5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10436 de 22/04/02 e o art. 18 da Lei 10.098 de 19/12/00. _____. Lei n. 10436 de 22 de abril de 2002. Oficializa a LIBRAS

_____. **Decreto-lei n. 5.296** de 02 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis n. 10.048, de 08/11/2000 e n. 10.098, de 19/12/2000.

_____. Lei n. 10436, de 22 de abril de 2002. Oficializa a LIBRAS.

CAMARA, J. M. Jr. **Dicionário de Linguística e Gramática**: referente à língua portuguesa. Rio de Janeiro: Vozes. 2007

CAPOVILLA, F.C & RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS**. Vol.1 e 2 SP: EDUSP. 2001.

CARVALHO, N. **Empréstimos Linguísticos**. São Paulo: Editora Ática. 1989.

_____. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez. 2009.

CHOMSKY, N. **Linguagem e Mente**. Brasília: UnB, 1998.

CORREIA, M; LEMOS, L. S. P. **Inovação lexical em português**. Lisboa: Colibri, 2005.

_____. **Denominação e construção de palavras**: o caso dos nomes de qualidade em português. Estudos Linguísticos n°7, Lisboa: Colibri, 2004.

_____. A denominação das qualidades : contributos para a compreensão da estrutura do léxico português . Lisboa, 2000. f. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras e Linguística Portuguesa da Faculdade , Universidade de Lisboa.

_____. **Os neologismos da Internet e a política de língua.** Seminário Expresso, Lisboa, p. 28 - 28, 06 set. 2003.

COUTO, H. H. do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins.** Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1996.

_____. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas.** São Paulo: Contexto, 2009. ISBN 978-85-7244-420-0

_____. Sobre o conceito de Comunidade Surda. In: Revista Est. Ling., Belo Horizonte. v. 13, n. 2, p. 193-219, jul./dez.2005.

CROWLEY, T. **An Introduction to Historical Linguistics.** New York: Oxford University Press, Third Edition. 1997.

CUNHA, C; LINDLEY, C. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

FARACO, C. A.(org.) **Estrangeirismos guerras em torno da língua.** São Paulo: Parábola Editorial. 3º edição. 2004. ISBN: 85-88456-02-x

FARIA, S.P. A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos. Brasília, 2003. 335 f. Dissertação (Mestrado em linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

_____. Interface da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (variante falada pela comunidade surda de Brasília) com a Língua Portuguesa e suas implicações no ensino de Português, como segunda língua, para Surdos. In: **Revista Pesquisa Linguística** – Programa de Pós-Graduação da UnB. Brasília: UnB, 2002.

_____. Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma Proposta Lexicográfica. Brasília, 2009. 290 f. Tese (doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

FAULSTICH, E. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: SALLES, H. M.M. Lima (org.) **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais.** cap. 6. GO: Cênone, 2007, p.119-142, ISBN: 85-87635-53-0.

_____. **Lexicologia:** a linguagem no noticiário policial: para uma análise estrutural de campos semânticos. Brasília: Horizonte, 1980.

_____. O portunhol é uma interlíngua? Seminário apresentado no Institut Universitari de Linguística Aplicada (IULA), Universitat Pompeu Fabra (UPF), Barcelona. 1997.UnB/LIV. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/liv/enilde/documentos/interlingua.pdf>>. Acesso em 16/06/09.

FELIPE, T. A. de S. Os processos de formação de palavra na Libras. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n.2, p.199-216. jun. 2006, ISSN: 1676-25292.

FELTRINI, G. M. Aplicação de modelos qualitativos a educação científica de surdos. Brasília, 2009. 222 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Dicionário eletrônico. Versão 5.0.40. (3ª. ed., 1ª. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI), 2004.

FERREIRA, L. **Legislação e a Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Ferreira & Bergoncci consultoria e publicações. 2003.

_____. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro. 1995.

HAUGEN, E. **The Ecology of Language**. California: Stanford University Press. 1972.

ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**, 2ª Ed. SP: Contexto, 2003.

KUNTZE, M. Codeswitching in ASL and Written English Language Contact. In: edited by EMMOREY, K; LANE, H. **The signs of language revisited: an Anthology to Honor Ursula Bellugi and Edward**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. 2000.

KYLE, J,G; WOLL, B. **Sign Language: The study of deaf people and their language**. New York: Cambridge University Press. 1988.

LANE, H; GROSJEAN, F. **Recent Perspectives on American Sign Language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. 1980.

LIRA, G; FELIPE, T. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais** versão 2.0. INES Acessibilidade Brasil. Coordenação Geral de Guilherme de Azambuja Lira. 2006. CD-ROM

_____. **Dicionário da Língua de Brasileira de Sinais** versão 2.1. INES Acessibilidade Brasil.Coordenação Geral de Guilherme de Azambuja Lira. 2006.

LUCAS, C. (edite).**Turn-taking, Fingerspelling and Contact in Signed Languages**. Washington: Gallaudet University Press. 2002. ISBN I-56368-128-5

_____. **Sociolinguistics in deaf communities**. Washington: Gallaudet University. 1995.

_____. **Multicultural Aspects of Sociolinguistics in Deaf Communities**. vol. 2 Washington: Gallaudet University. 1996.

MCCLEARY, L. **Sociolinguística**. Curso de Licenciatura em Letras-Libras Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

MINEIRO, A; DUARTE, L; CARVALHO, P; TEBÉ, C; CORREIA, M. Aspectos da Polissemia Nominal em Língua Gestual Portuguesa”. In: **Revista Polissema**, vol. 8 Porto/Portugal, 2008.

_____. As palavras importadas do léxico da decoração. Lisboa, 1995. f. Dissertação.(Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). (pp. 88-91).

PAUL, H. **Princípios fundamentais da história da língua**. Lisboa: Fund. C. Gulbenkian, 1966.

PINKER, S. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem**. Tradução Claudia Berliner; revisão técnica Cynthia Levart Zocca. – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

_____; PIMENTA, N. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Video. 2006.

_____; PIZZIO, A. L; CAMPELLO, A. R. e S; REZENDE, P. L. F. R. **Língua Brasileira de Sinais III**. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008, ISBN 978-85-60522-12-5.

SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALLES, H. M. L.; FAULSTICH, E; CARVALHO, O. RAMOS, A. A. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol 1 e 2. Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC/SEESP, 2003.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 22ª ed. SP: Editora Cultrix, 2000.

SEBBA, M. **Contact languages: Pidgins and creoles**. New York: St. Martin’s Press. 1997.

SIPLE, P. **Understanding language through sign language research**. London: Academic Press. 1978.

_____. FISCHER, S. D. **Theoretical Issues in Sign Language Research: Linguistics**. Vol. 2. London: University of Chicago. 1991.

STOKOE, W. C. Jr. **Semiotics and human sign languages**. Paris: Mouton. 1972.

STROBEL, K, **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC. 2008. ISBN 978-85-328-0428-0

SUPALLA, T, WEBB, R. The Grammar of International Sign: A New Look at Pidgin Language. In: EMMOREY, K; REILLY, J. (edited by). **Language, Gesture and Space**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. 1995.

SUTTON-SPENCE, R; WOLL, B. **The linguistics of British Sign Language: an introduction**. Cambridge: University Press. 1999.

THOMASON, S. G; KAUFMAN, T. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. Los Angeles: University of California Press. 1988. ISBN 0-520-07893-4

VALLI, C; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language**. Washington: Gallaudet University. 2000.

WEINREICH, U. **Languages in Contact: findings and problems**. Paris: Mouton, Eighth printing. 1974.

WILCOX, S; WILCOX, P. P. **Aprender a ver: O ensino da Língua de Sinais Americana como Segunda Língua**. Tradução de Tarcísio de Arantes Leite. São Paulo Arara Azul. 2005. Coleção Cultura e Diversidade.

XAVIER, A. N. **Descrição Fonético-Fonológica dos sinais da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. São Paulo, 2006. 145f. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ZESHAN, U. **Sign language in Indo-Pakistan: a description of a signed language**. John Benjamins B.V. 2000. ISBN 90 272 2563 X (Eur.)

APÊNDICES

APÊNDICE - A

Lista de palavras em português usada para identificar os empréstimos estereotipados no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS versão 2.0 - 2005

Acentuação gráfica	símbolos matemáticos	formas geométricas
acento	adicionar	círculo
aspa	subtrair	circunferência
apóstrofo	mais	cubo
colchetes	menos	losango
dois pontos	dividir	quadrado
hífen	multiplicação	redondo
parênteses	cifrão	retângulo
ponto	_____	trapézio
ponto e vírgula	_____	triângulo
reticência	_____	_____
til	_____	_____
travessão	_____	_____
trema	_____	_____
Vírgula	_____	_____

APÊNDICE B – Sinais transliterados simples

Entrada do Verbetes	Classe de palavra	Empréstimo por transliteração
1. ADJETIVOS	substantivo	lexicalizada
2. AGOSTO1	substantivo	lexicalizada
3. AIDS	substantivo	lexicalizada
4. AIPIM	substantivo	lexicalizada
5. ALUNO2	substantivo	lexicalizada
6. AMAPÁ	substantivo	da letra inicial
7. ANO1	substantivo	lexicalizada
8. APOSENTADO	substantivo	lexicalizada
9. AR	substantivo	lexicalizada
10. ARGENTINA	substantivo	lexicalizada
11. ARGENTINO	adjetivo	lexicalizada
12. ÁS	substantivo	lexicalizada
13. ASSISTENTE SOCIAL	substantivo	da letra inicial
14. ASSOCIAÇÃO	substantivo	lexicalizada
15. ATEU	adjetivo	lexicalizada
16. AVÔ/AVÓ2	substantivo	lexicalizada
17. BABÁ2	substantivo	lexicalizada
18. BACALHAU2	substantivo	lexicalizada
19. BACURI	substantivo	lexicalizada
20. BANCO3	substantivo	lexicalizada
21. BAÚ	substantivo	lexicalizada
22. BEGE	adjetivo	lexicalizada
23. BÉLGICA	substantivo	lexicalizada
24. BELO HORIZONTE	substantivo	lexicalizada
25. BEM 1	advérbio	lexicalizada
26. BENZER	verbo	da letra inicial
27. BILHÃO	numeral	lexicalizada
28. BIOLOGIA	substantivo	lexicalizada
29. BOLA2	substantivo	lexicalizada
30. BOLIVIANO	adjetivo	lexicalizada
31. BOLO2	substantivo	lexicalizada
32. BOMBEIRO	substantivo	da letra inicial
33. BOMBOM	substantivo	lexicalizada
34. BRANCO1	adjetivo	da letra inicial
35. BRASIL	substantivo	da letra inicial
36. BRASILEIRO	adjetivo	da letra inicial
37. BRONZE	substantivo	lexicalizada
38. CANADÁ	substantivo	da letra inicial
39. CANADENSE	adjetivo	da letra inicial
40. CARO 1	adjetivo	lexicalizada
41. CASAL2	substantivo	lexicalizada
42. CATOLICISMO	substantivo	da letra inicial
43. CATÓLICO	adjetivo	da letra inicial
44. CD-ROM	substantivo	lexicalizada
45. CEDO1	advérbio	lexicalizada
46. CERVEJA	substantivo	lexicalizada

Entrada do Verbetes	Classe de palavra	Empréstimo por transliteração
47. CÉU1	substantivo	Lexicalizada
48. CHATO1	adjetivo	Lexicalizada
49. CHINA	substantivo	Lexicalizada
50. CHINÊS	adjetivo	Lexicalizada
51. CIÊNCIA	substantivo	Lexicalizada
52. CINZA1	adjetivo	da letra inicial
53. CLARO3	advérbio	Lexicalizada
54. CLORO	substantivo	Lexicalizada
55. CÔCO	substantivo	da letra inicial
56. COMO1	conjunção	Lexicalizada
57. COMUNICAÇÃO	substantivo	da letra inicial
58. COMUNICAR	verbo	da letra inicial
59. CONFIDENCIAL	adjetivo	da letra inicial
60. CONGRESSO	substantivo	da letra inicial
61. CONSELHEIRO	adjetivo	Lexicalizada
62. CONSTITUIÇÃO	substantivo	da letra inicial
63. CONTA CORRENTE	substantivo	Lexicalizada
64. COORDENADOR	substantivo	Lexicalizada
65. COR	substantivo	Lexicalizada
66. CRECHE	substantivo	Lexicalizada
67. CREME	substantivo	Lexicalizada
68. CRIME	substantivo	Lexicalizada
69. CROÁCIA	substantivo	da letra inicial
70. CUBA	substantivo	Lexicalizada
71. CULTO1	substantivo	da letra inicial
72. CULTURA1	substantivo	da letra inicial
73. CUNHADO	substantivo	Lexicalizada
74. CURSO	substantivo	da letra inicial
75. DATA	substantivo	Lexicalizada
76. DECLARAÇÃO2	substantivo	da letra inicial
77. DEFICIENTE AUDITIVO	adjetivo	da letra inicial
78. DEFICIENTE1	adjetivo	da letra inicial
79. DEPUTADO	substantivo	da letra inicial
80. DEUS	substantivo	da letra inicial
81. DIA1	substantivo	Lexicalizada
82. DIA3	substantivo	da letra inicial
83. DIARIAMENTE1	advérbio	da letra inicial
84. DICIONÁRIO	substantivo	da letra inicial
85. DIDÁTICA	substantivo	da letra inicial
86. DIREITO1	adjetivo	da letra inicial
87. DIREITO3	substantivo	da letra inicial
88. DIRETOR	substantivo	da letra inicial
89. DIRETORIA1	substantivo	da letra inicial
90. DISTRITO FEDERAL	substantivo	Lexicalizada
91. DÍZIMO	substantivo	da letra inicial
92. DÓLAR	substantivo	Lexicalizada

Entrada do Verbetes	Classe de palavra	Empréstimo por transliteração
93. DÓLAR	substantivo	da letra inicial
94. DOURADO	adjetivo	lexicalizada
95. DOUTOR	substantivo	lexicalizada
96. DVD	substantivo	lexicalizada
97. EMA	substantivo	lexicalizada
98. ENSOLARADO	adjetivo	lexicalizada
99. EQUATORIANO	adjetivo	da letra inicial
100. ESTATUTO	substantivo	da letra inicial
101. ÉTICA1	substantivo	lexicalizada
102. ÉTICA2	substantivo	da letra inicial
103. EUROPA	substantivo	lexicalizada
104. FACULDADE	substantivo	lexicalizada
105. FALTAR2	verbo	da letra inicial
106. FAMÍLIA	substantivo	da letra inicial
107. FAX1	substantivo	lexicalizada
108. FÊ1	substantivo	pragmática
109. FEDERAÇÃO	substantivo	lexicalizada
110. FELIZ2	adjetivo	da letra inicial/ lexicalizada
111. FÉRIAS	substantivo	da letra inicial
112. FEVEREIRO	substantivo	lexicalizada
113. FIM	substantivo	lexicalizada
114. FÍSICA	substantivo	lexicalizada
115. FLOR	substantivo	da letra inicial
116. FOFOCAR1	verbo	da letra inicial
117. FOFOQUEIRO	adjetivo	da letra inicial
118. FRANÇA	substantivo	lexicalizada
119. FRANCÊS	adjetivo	lexicalizada
120. FREEZER	substantivo	lexicalizada
121. FUBÁ	substantivo	lexicalizada
122. FUTURO	substantivo	da letra inicial
123. GÁS	substantivo	lexicalizada
124. GAY	adjetivo	lexicalizada
125. GEL	substantivo	lexicalizada
126. GÊMEO	adjetivo	da letra inicial
127. GENRO	substantivo	da letra inicial
128. GEOGRAFIA	substantivo	lexicalizada
129. GERAÇÃO	substantivo	da letra inicial
130. GOIÂNIA	substantivo	lexicalizada
131. GOIÁS	substantivo	lexicalizada
132. GRAMÁTICA	substantivo	da letra inicial
133. GRAU1	substantivo	lexicalizada
134. GRÉCIA	substantivo	da letra inicial
135. GUARANÁ	substantivo	lexicalizada
136. HIPPIE	adjetivo	da letra inicial
137. HOMOSSEXUAL	adjetivo	lexicalizada
138. ILEGAL2	adjetivo	lexicalizada
139. ILHA	substantivo	lexicalizada

Entrada do Verbetes	Classe de palavra	Empréstimo por transliteração
140. INSTRUTOR	substantivo	da letra inicial
141. INTERNET	substantivo	da letra inicial
142. ITÁLIA	substantivo	da letra inicial
143. JANEIRO	substantivo	lexicalizada
144. JARDIM ZOOLOGICO	substantivo	lexicalizada
145. JIU-JITSU	substantivo	lexicalizada
146. JOÃO PESSOA	substantivo	lexicalizada
147. JULHO	substantivo	lexicalizada
148. JUNHO	substantivo	lexicalizada
149. JUROS	substantivo	da letra inicial
150. LÃ	substantivo	lexicalizada
151. LEI1	substantivo	lexicalizada
152. LEI2	substantivo	da letra inicial
153. LENDA	substantivo	lexicalizada
154. LETRA	substantivo	lexicalizada
155. LETRAS	substantivo	da letra inicial
156. LÍDER2	substantivo	lexicalizada
157. LILÁS	adjetivo	da letra inicial
158. LINGUAGEM	substantivo	lexicalizada
159. LINGUÍSTICA	substantivo	da letra inicial
160. LITRO	substantivo	lexicalizada
161. LIXO	substantivo	lexicalizada
162. LOJA	substantivo	lexicalizada
163. LUA	substantivo	lexicalizada
164. LUCRO	substantivo	lexicalizada
165. LUTAR2	verbo	da letra inicial
166. LUTERANO	adjetivo	da letra inicial
167. MAGISTÉRIO	substantivo	da letra inicial
168. MAIO	substantivo	lexicalizada
169. MAIÔ	substantivo	lexicalizada
170. MAL1	advérbio	lexicalizada
171. MAMÃE2	substantivo	lexicalizada
172. MAPA	substantivo	lexicalizada
173. MARANHÃO	substantivo	da letra inicial
174. MARÇO	substantivo	lexicalizada
175. MATEMÁTICA	substantivo	lexicalizada
176. MEL	substantivo	lexicalizada
177. MERETRIZ1	substantivo	da letra inicial
178. MESA1	substantivo	lexicalizada
179. MINUTO	substantivo	lexicalizada
180. MISSIONÁRIO	substantivo	da letra inicial
181. MODA1	substantivo	lexicalizada
182. MORRO1	substantivo	lexicalizada
183. MUDO2	adjetivo	lexicalizada
184. NATAL2	substantivo	da letra inicial
185. NATURAL	adjetivo	da letra inicial
186. NETO	substantivo	lexicalizada

Entrada do Verbetes	Classe de palavra	Empréstimo por transliteração
187. NETO	substantivo	Lexicalizada
188. NOMINAL	adjetivo	Lexicalizada
189. NORA	substantivo	da letra inicial
190. NORUEGA	substantivo	da letra inicial
191. NORUEGUES	adjetivo	da letra inicial
192. NOVELA	substantivo	Lexicalizada
193. NOVEMBRO	substantivo	Lexicalizada
194. OBA2	interjeição	Lexicalizada
195. ÓDIO	substantivo	Lexicalizada
196. OFÍCIO	substantivo	da letra inicial
197. OI	interjeição	Lexicalizada
198. OK	-----	Lexicalizada
199. OSSO1	substantivo	Lexicalizada
200. OU	conjunção	Lexicalizada
201. OURO1	substantivo	Lexicalizada
202. OUTONO1	substantivo	Lexicalizada
203. OUTUBRO	substantivo	Lexicalizada
204. OVO1	substantivo	Lexicalizada
205. OXIGÊNIO	substantivo	Lexicalizada
206. PADRE	substantivo	da letra inicial
207. PAI1	substantivo	Lexicalizada
208. PAÍS	substantivo	da letra inicial
209. PAR1	substantivo	Lexicalizada
210. PARA	preposição	da letra inicial
211. PARÁ	substantivo	da letra inicial
212. PARAGUAI	substantivo	Lexicalizada
213. PARAGUAIO	adjetivo	Lexicalizada
214. PARAÍBA	substantivo	da letra inicial
215. PASTOR	substantivo	da letra inicial
216. PASTORAL	substantivo	da letra inicial
217. PAULISTA	adjetivo	da letra inicial
218. PÉ	substantivo	Pragmática
219. PEDAGOGIA	substantivo	da letra inicial
220. PEDAGOGO	substantivo	da letra inicial
221. PEDRA	substantivo	da letra inicial
222. PÊRA	substantivo	Lexicalizada
223. PERTENCER	Verbo	da letra inicial
224. PIAUÍ	substantivo	da letra inicial
225. PILHA1	substantivo	Lexicalizada
226. PIZZA1	substantivo	Lexicalizada
227. PIZZA2	substantivo	da letra inicial
228. PÓ2	substantivo	Lexicalizada
229. POESIA	substantivo	da letra inicial
230. POLONÊS	adjetivo	da letra inicial
231. POLÔNIA	substantivo	da letra inicial
232. PRATA	substantivo	da letra inicial
233. PRATO	substantivo	da letra inicial

Entrada do Verbetes	Classe de palavra	Empréstimo por transliteração
234. PRÊMIO1	substantivo	da letra inicial
235. PRESIDENTE	substantivo	lexicalizada
236. PRETO1	adjetivo	da letra inicial
237. PROFESSOR	substantivo	da letra inicial
238. PROPRIEDADE	substantivo	da letra inicial
239. PRÓPRIO	adjetivo	da letra inicial
240. QUEM2	pronome	lexicalizada
241. QUIABO	substantivo	lexicalizada
242. QUIBE1	substantivo	lexicalizada
243. QUILOMETRO	substantivo	lexicalizada
244. RÃ2	substantivo	lexicalizada
245. RAÇA2	substantivo	lexicalizada
246. RAZÃO	substantivo	da letra inicial
247. REAL1	substantivo	lexicalizada
248. RECADO1	substantivo	da letra inicial
249. RECUPERAÇÃO2	substantivo	lexicalizada
250. REGRA	substantivo	da letra inicial
251. RELATÓRIO	substantivo	da letra inicial
252. RELIGIÃO	substantivo	da letra inicial
253. REPRESENTANTE	substantivo	da letra inicial
254. REPRESENTAR	verbo	lexicalizada
255. REPROVADO	adjetivo	da letra inicial
256. REPROVAR	verbo	da letra inicial
257. RESPONDÃO	adjetivo	da letra inicial
258. RESPONDER	verbo	da letra inicial
259. RESPONSABILIDADE	substantivo	lexicalizada
260. RESPONSÁVEL	adjetivo	lexicalizada
261. RESPOSTA	substantivo	da letra inicial
262. RESTAURANTE	substantivo	da letra inicial
263. RESULTADO	substantivo	da letra inicial
264. REUNIÃO	substantivo	da letra inicial
265. RIO GRANDE DO NORTE	substantivo	lexicalizada
266. RIO GRANDE DO SUL	substantivo	lexicalizada
267. RODOVIÁRIA	substantivo	da letra inicial
268. RONDÔNIA	substantivo	da letra inicial
269. RORAIMA	substantivo	da letra inicial
270. ROXO1	adjetivo	lexicalizada
271. ROXO2	adjetivo	da letra inicial
272. RÚSSIA	substantivo	da letra inicial
273. RUSSO	adjetivo	da letra inicial
274. SACANEAR	verbo	da letra inicial
275. SAL1	substantivo	lexicalizada
276. SALA	substantivo	pragmática
277. SALDO	substantivo	lexicalizada
278. SALGADO	adjetivo	lexicalizada
279. SALMOS	substantivo	da letra inicial

Entrada do Verbetes	Classe de palavra	Empréstimo por transliteração
280. SANTA CATARINA	substantivo	lexicalizada
281. SE	conjunção	lexicalizada
282. SÉCULO	substantivo	da letra inicial
283. SENADOR	substantivo	da letra inicial
284. SER1	substantivo	lexicalizada
285. SER2	verbo	lexicalizada
286. SERGIPE	substantivo	lexicalizada
287. SERVIÇO SOCIAL	substantivo	da letra inicial
288. SHOPPING	substantivo	lexicalizada
289. SIGNO	substantivo	lexicalizada
290. SIM	advérbio	lexicalizada
291. SIMPÓSIO	substantivo	da letra inicial
292. SÍNDROME DE DOWN	substantivo	da letra inicial
293. SOCIAL	adjetivo	da letra inicial
294. SOGRO	substantivo	lexicalizada
295. SOL	substantivo	lexicalizada
296. SOLTEIRO	adjetivo	lexicalizada
297. SONHO2	substantivo	lexicalizada
298. SUÇO	substantivo	pragmática
299. TARADO	adjetivo	lexicalizada
300. TESTEMUNHA DE JEOVÁ	substantivo	lexicalizada
301. TORTA	substantivo	lexicalizada
302. TUDO1	pronome	lexicalizada
303. UÍSQE	substantivo	lexicalizada
304. UNIVERSIDADE	substantivo	lexicalizada
305. USADO	adjetivo	lexicalizada
306. URSO1	substantivo	lexicalizada
307. URUGUAI	substantivo	lexicalizada
308. VAGA	substantivo	pragmática
309. VAGEM1	substantivo	lexicalizada
310. VALOR1	substantivo	lexicalizada
311. VENDAVAL	substantivo	da letra inicial
312. VENENO	substantivo	lexicalizado
313. VENEZUELA	substantivo	da letra inicial
314. VENTANIA	substantivo	da letra inicial
315. VENTAR	verbo	da letra inicial
316. VENTO	substantivo	da letra inicial
317. VER2	verbo	da letra inicial
318. VERBO1	substantivo	lexicalizada
319. VERBO2	substantivo	lexicalizada
320. VERBO4	substantivo	da letra inicial
321. VERDE	adjetivo	da letra inicial
322. VEREADOR	substantivo	da letra inicial
323. VESTIBULAR	substantivo	lexicalizada
324. VICE1	substantivo	lexicalizada
325. VÍCIO1	substantivo	lexicalizada

Entrada do Verbetes	Classe de palavra	Empréstimo por transliteração
326. VIDRO	substantivo	da letra inicial
327. VINHO	substantivo	da letra inicial
328. VIRGEM	adjetivo	Lexicalizada
329. VISUAL	adjetivo	da letra inicial
330. VISTA3	adjetivo	da letra inicial
331. VITAMINA	substantivo	lexicalizada
332. VITÓRIA1	substantivo	da letra inicial
333. VOCABULÁRIO	substantivo	da letra inicial
334. VOVÓ/VOVÔ2	substantivo	lexicalizada
335. VOZ3	substantivo	lexicalizada
336. ZOOLÓGICO	substantivo	lexicalizada

ANEXOS

ANEXO – Sistema de Transcrição de Felipe usada na transcrição dos dados da LSB

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc;
2. um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc;
3. um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^ . Exemplos: CAVALO^LISTRA “zebra”;
4. a datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen. Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;
5. o sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo , passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico. Exemplos: *R-S* “reais”, *A-C-H-O*, *QUM* “quem”, *N-U-N-C-A*, etc;
6. na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural). O sinal representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas está terminado com o símbolo @ - ausência de desinência - para reforçar essa idéia e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ “amiga(s) e amigo(s)”, FRI@ “fria(s) e frio(s)”, MUIT@ “muita(s) e muito(s)”, TOD@, “toda(s) e todo(s)”, ME@ “minha(s) e meu(s)”;